

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E CULTURA - DELAC
PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS - PROMEL**

NATHÁLIA KAROLINE PADILHA DE ALMEIDA

**AS REAÇÕES SOCIODISCURSIVAS EM COMENTÁRIOS:
REPRESENTAÇÕES DO *EU* E DO *OUTRO* EM ANÚNCIOS DE
ACOLHIDA DE REFUGIADOS NO BRASIL**

São João del-Rei

2025

Nathália Karoline Padilha de Almeida

**AS REAÇÕES SOCIODISCURSIVAS EM COMENTÁRIOS:
REPRESENTAÇÕES DO *EU* E DO *OUTRO* EM ANÚNCIOS DE
ACOLHIDA DE REFUGIADOS NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Discurso e Representação Social

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Márcio do Carmo

São João del-Rei
2025

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A447r Almeida, Nathália Karoline Padilha de .
AS REAÇÕES SOCIODISCURSIVAS EM COMENTÁRIOS :
REPRESENTAÇÕES DO EU E DO OUTRO EM ANÚNCIOS DE
ACOLHIDA DE REFUGIADOS NO BRASIL / Nathália Karoline
Padilha de Almeida ; orientador Cláudio Márcio do
Carmo. -- São João del-Rei, 2025.
113 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
Letras) -- Universidade Federal de São João del-Rei,
2025.

1. Reações Sociodiscursivas em Comentários On
line. 2. Acolhimento de Refugiados no Brasil. 3.
Análise Crítica do Discurso. 4. Significados
Identificacional, Representacional e Acional . I.
Carmo, Cláudio Márcio do , orient. II. Título.

Nathália Karoline de Almeida

As reações sociodiscursivas em comentários: representações do *eu* e do *outro* em anúncios de acolhida de refugiados no Brasil

Banca Examinadora

Prof. Dr. Cláudio Márcio do Carmo – UFSJ
(Presidente/Orientador)



Documento assinado digitalmente

CLAUDIO MARCIO DO CARMO
Data: 26/08/2025 15:53:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria Carmen Aires Gomes – UnB/CNPq
(Titular Externa)



Documento assinado digitalmente

MARIA CARMEN AIRES GOMES
Data: 27/08/2025 11:44:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Antônio Luiz Assunção – UFSJ



Documento assinado digitalmente

ANTONIO LUIZ ASSUNCAO
Data: 05/09/2025 09:16:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Documento assinado digitalmente

VANESSA MAIA BARBOSA DE PAIVA
Data: 17/09/2025 10:31:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Vanessa Maia Barbosa de Paiva

Representante do Colegiado do PPG em Letras

Junho de 2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, pelas oportunidades, paciência e discernimento para saber o momento certo de cada passo.

À minha mãe, Lucimar, que sempre cuidou de mim e acreditou no meu potencial, mesmo com todos os percalços que a vida trouxe para a senhora durante minha infância. O seu amor, apoio, exemplo de força e dedicação foram essenciais para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao meu pai, que mesmo o conhecendo tão pouco, forneceu um lar, o carinho e o chão que hoje piso. Sei também que o senhor, aí do céu, olha, zela por mim e direciona meus caminhos todos os dias.

Ao meu marido, Diego, e à minha irmã, Luana, por serem meus maiores confidentes. Agradeço pela presença, luz e amizade. Tenho mais confiança em mim e na vida quando estou junto de vocês.

Agradeço ao meu orientador, Cláudio, pelos ensinamentos desde o primeiro período da faculdade, pela paciência ao me orientar e por acreditar no meu trabalho. O senhor é parte importante da minha paixão pelos estudos linguísticos e também uma inspiração em minha carreira acadêmica.

Agradeço também à tia Lili, à tia Zélia, aos meus avós e familiares, aos meus professores da escola, universidade e mestrado. O afeto, o exemplo e o compromisso com a vida e educação foram o alicerce para cada decisão minha.

Agradeço às minhas amigas Bárbara e Thaís pela amizade e companheirismo. Nossos encontros e conversas acalentam as minhas semanas.

Por fim, agradeço à CAPES pela bolsa e oportunidade. Agradeço também à escola e universidade públicas, que me possibilitaram estudar e que apoiaram estruturalmente, academicamente e financeiramente as minhas oportunidades.

Toda palavra (todo signo) de um texto conduz para fora dos limites desse texto. A compreensão é o cotejo de um texto com os outros textos. O comentário. Dialogicidade deste cotejo.

Bakhtin, 1997

RESUMO

Os deslocamentos migratórios de refugiados passam por uma crescente nos últimos anos em todos os países. Principalmente àqueles pertencentes ao hemisfério sul, dado a prevalência de guerras civis, lutas territorialistas, catástrofes climáticas e acontecimentos políticos que mitigaram casos extremos de pobreza e insegurança da população. Não diferente, o fechamento das fronteiras em países europeus mudou o condicionamento desses deslocamentos - aumentando a procura de visto para refugiados em países do sul e do oriente global. Considerar, pois, essa mudança histórico-social dos deslocamentos migratórios exige novos olhares com pesquisas sociais que abordam o tema na contemporaneidade. Desse modo, a presente pesquisa tem como objetivo investigar quais representações emergem dos comentários em postagens que anunciam o acolhimento de refugiados ucranianos e afegãos na página oficial do Governo Federal na rede social *Facebook*, nos anos de 2021 e 2022 e em notícias que tratam sobre o acolhimento de refugiados no período de 2022 a 2024. Por meio das abordagens teórico-metodológicas de Norman Fairclough (1999; 2003 e 2016 [1992]), o estudo tece uma investigação linguístico-discursiva, à luz dos significados identificacional, representacional e acional desses comentários, com vistas para representações do *eu* e do *outro*. Não distante, a análise mostrou que essas representações se ancoram a práticas discursivas que respeitam a determinadas ordens do discurso e, consequentemente, a determinadas investidas histórico-sociais. Por essa razão, a pesquisa empreende também os estudos de Mikhail Bakhtin (1997) e Michel Foucault (1996), que, juntos às abordagens da teoria crítica do discurso, trazem o escopo necessário para tratar como a costura de sentidos e textos evocam sentidos dados no mundo e marcam uma certa hierarquia para os tipos de discurso ligados ao refúgio contemporâneo brasileiro. Quais sejam; as estigmatizações sociais conferidas ao corpo do refugiado e a tendência de justificar discursos por meio de práticas cristãs e econômicas. No momento da análise qualitativa, as escolhas linguístico-discursivas dos usuários mostraram também que essas representações do *eu* e do *outro* tendem para uma crescente da oposição imposta entre o brasileiro e o sujeito que migra. Exigindo um estudo que busque conferir os aspectos ideológicos do discurso da mídia na cultura moderna (Thompson, 1995). Além do aspecto dialógico dos comentários, partimos também de uma investigação das ações dadas pelo sujeito por meio da linguagem no *Facebook* e em seções comentários de três notícias, durante os anos de 2021 a 2024. Desse modo, utilizamos da abordagem de Maria Carmen Aires Gomes (2022) para investigar como as reações sociodiscursivas verbais dos comentários e as ferramentas de *curtir* e *compartilhar* com Recuero (2014) servem também para a produção, distribuição e consumo de práticas discursivas e sociais nos dias atuais. Por fim, por meio da metodologia empenhada por Kress e van Leeuwen (2001; 2006), a pesquisa buscará investir também uma análise semiótica das postagens feitas pelo Governo Federal, para perscrutar como o próprio Estado baliza representações de imigrantes refugiados, e mais, como elas podem influir no processo de percepção dos usuários, dadas as reações sociodiscursivas verbais não-transacionais dos comentários analisados.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso. Brasil. *Facebook*. Reações Sociodiscursivas Verbais. Refugiados.

ABSTRACT

Migratory displacements of refugees have been increasing in recent years in all countries. Especially those belonging to the southern hemisphere, given the prevalence of civil wars, territorial struggles, climatic catastrophes and political events that have mitigated extreme cases of poverty and insecurity of the population. In the same path, the closure of borders in European countries has changed the conditioning of these movements - increasing the demand for visas for refugees in countries of the global south and east. Considering, therefore, this historical-social change of migratory displacements requires new perspectives with social research that addresses the theme in contemporaneity. Thus, the present research aims to investigate which representations emerge from the comments on posts that announce the reception of ukrainian and afghan refugees on the official page of the Federal Government on the social network Facebook, in the years 2021 and 2022 and notices that deal with the reception of refugees from 2021 to 2024. Through the theoretical-methodological approaches of Norman Fairclough (1999; 2003 e 2016 [1992]), the study thinks of a linguistic-discursive investigation, in the light of the identificational, representational and actional meanings of these comments, with a view to representations of the self and the other. Not far away, the analysis showed that these representations are linked to discursive practices that respect certain orders of discourse and, consequently, to certain historical-social investitures. From this perspective, the research undertakes the studies of Mikhail Bakhtin (1997) and Michel Foucault (1996) to deal with how the sewing of meanings and texts evokes meanings given in the world and makes a will to truth prevail. These being; the social stigmatizations conferred on the body of the refugee and the tendency to justify discourses through christian and economic practices. At the time of the qualitative analysis, the linguistic-discursive choices of the users also showed that these representations of the self and the other tend towards an increase in the opposition imposed between the brazilian and the subject who migrates. That said, we seek to confer the ideological aspects of media discourse in modern culture (Thompson, 1995). In addition to the dialogic aspect of the comments, the present study also seeks to investigate the actions given by the subject through language in Facebook and three notices, between the years of 2021 to 2024. In this way, we use the approach of Maria Carmen Aires Gomes (2022) to investigate how the '*verbal sociodiscursive reactions*' of the comments and the tools of *liking* and *sharing* with Recuero (2014) also serve for the production, distribution and consumption of texts (and social practices) in the present day. Finally, through the methodology employed by Kress and van Leeuwen (2001; 2006), the research will also seek to invest a semiotic analysis of the posts made by the Federal Government, to analyze how the State itself defines representations of refugee immigrants, and more, how they can influence the process of perception of users, given the non-transactional '*verbal sociodiscursive reactions*' of the analyzed comments.

Keywords: Brazil. Critical Discourse Analysis. Facebook. Refugees. *Verbal Sociodiscursive Reactions*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. FIGURA 01.....	42
2. FIGURA 02.....	44
3. FIGURA 03.....	47
4. FIGURA 04.....	52
5. FIGURA 05.....	53
6. FIGURA 06.....	80
7. FIGURA 07.....	81
8. FIGURA 08.....	101
9. FIGURA 09.....	102
10. FIGURA 10.....	103
11. FIGURA 11.....	103

LISTA DE QUADROS

1. QUADRO 01.....	66
2. QUADRO 02.....	82
3. QUADRO 03.....	83
4. QUADRO 04.....	85
5. QUADRO 05.....	87
6. QUADRO 06.....	92
7. QUADRO 07.....	94
8. QUADRO 08.....	96
9. QUADRO 09.....	97
10. QUADRO 10.....	99

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	10
LISTA DE QUADROS	11
INTRODUÇÃO	14
1. PÓS-MODERNIDADE, GLOBALIZAÇÃO E DESLOCAMENTO	19
1.1. Breve contextualização sobre o fenômeno da migração da última década no Brasil	22
2. DISCURSO COMO UM MOMENTO DA PRÁTICA SOCIAL: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	26
2.1. Considerações gerais sobre discurso na perspectiva da análise crítica do discurso	26
2.2. Os três significados que constituem o dizer: significado acional, identificacional e representacional	32
2.2.1 Significado identificacional	33
2.2.2 Significado representacional	35
2.2.3 Significado acional	36
3. INTERAÇÕES TRANSACIONAIS E NÃO-TRANSACIONAIS: A CONFIGURAÇÃO DOS GÊNEROS NA REDE SOCIAL	40
3.1 A gramática do Design Visual	40
3.1.1 Função Representacional	41
3.1.2 Função Interativa	44
4.1.2.1 Modalidade	49
3.1.3 Função Composicional	50
4.1.3.1 O “real” e o “ideal” nas imagens	52
3.2 Processo de distribuição e consumo de textos	54
3.2.1 A prática discursiva e os processos de costura dos sentidos	54
3.3 O processo de hibridização dos gêneros textuais-discursivos	57
3.4 As diferentes práticas semióticas contemporâneas das mídias sociais	58
4. MATERIALIDADE, TIPOS DE DISCURSO E IDEOLOGIA: O QUE ESSA VOZ OUTRA PODE NOS DIZER?	60
4.1 Percurso teórico das ordens do discurso pela ACD	60
4.2 Discurso como momento da vida social	63
4.3 Ideologia para Thompson: a fragmentação e o expurgo do outro	65
4.4 Comentários	69
4.4.1 As reações sociodiscursivas verbais	71
4.4.2 Curtir e compartilhar: outras formas de ação e reação	74
4.5. Escolha e justificativa do <i>corpus</i>	75
5. ANÁLISE LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA DOS COMENTÁRIOS A RESPEITO DA CHEGADA DE REFUGIADOS NO BRASIL	80

5.1 Análise da rede social <i>Facebook</i>	80
5.2 Análise das postagens	89
5.3 Análise de comentários em notícias	91
5.3.1 Notícia veiculada no ano de 2022	91
5.3.2 Notícia do ano de 2023	94
5.3.3 Notícia do ano de 2024	99
5.3.4 Análise das imagens	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	108

INTRODUÇÃO

Desde os primeiros registros de vida na Terra, o animal e o ser humano se deslocam territorialmente em busca de asilo e melhores oportunidades para a vida ou mesmo para a sobrevivência, sendo esta uma característica inerente ao ser vivo.

Essa condição, como sabemos, ocorre até os dias atuais. O que muda, no entanto, são as motivações e circunstâncias que levam a esse deslocamento. Assim como há diferentes razões que fazem um sujeito migrar de seu local de origem, quais sejam; para reencontro familiar, estudos, trabalho, perseguições, guerras, pobreza etc. Existem diferenças entre cada grupo migratório, de acordo com as motivações que levaram ao deslocamento, a etnia ou condição social. E a depender do motivo desse deslocamento, o sujeito em trânsito pode ser considerado (e se considerar) como imigrante ou refugiado.

Para fins de contextualização, temos que se antes a maioria dos imigrantes no Brasil era principalmente de origem europeia (lembrando o século XX com os constantes fluxos migratórios que trouxeram para o Brasil japoneses, portugueses, italianos etc), hoje há uma crescente no fenômeno sul-sul: com cerca de 325 mil imigrantes venezuelanos no Brasil, seguido de bolivianos, colombianos, uruguaios e paraguaios (OBMigra, 2017).

Tais números nos indicam que as últimas décadas promoveram duas marcas no contexto migratório no território nacional: o alto número de pedidos de permanência em um curto espaço de tempo e a mudança étnico-racial dos imigrantes ao longo dos séculos.

Esse cenário demonstra, pois, um novo percurso para a história brasileira e marca assim a necessidade de novas pesquisas que busquem analisar os impactos desses movimentos nos últimos anos no país. O crescimento emergente dos fluxos migratórios trouxe a demanda de certas mudanças no território brasileiro: instaurando, por exemplo, a necessidade de novos abrigos provisórios, revisões nos projetos de leis de acolhida aos imigrantes e refugiados e nos parâmetros educacionais para acolher e educar as crianças em uma nova língua; auxílio moradia, alimentação e projetos para gerar emprego, entre outras demandas políticas e sociais. Mas como via de mão dupla, houve também o aumento das violências físicas, verbais e simbólicas contra os imigrantes e refugiados: marcadas principalmente pelo pretexto de superlotação populacional e crise econômica.

Considerando então os trâmites do século XXI, por onde há um aumento das buscas de refúgio em países do hemisfério sul (Sant’Ana, 2022) e ainda uma tendência à transversalidade dos fluxos migratórios, vimos a importância de investigar como ocorre a representação (e mesmo a recepção) de refugiados internacionais no Brasil nos últimos anos. E ao compreender as redes sociais como principais espaços pós-modernos para a construção identitária e representacional e, conseqüentemente, para a reprodução ou contestação de determinados discursos e práticas sociais, tomamos esse espaço para nossa pesquisa linguístico-social. Por onde procuramos analisar as representações sociodiscursivas de refugiados que circulam na rede social *Facebook* nos anos de 2021 e 2022, a partir dos comentários feitos em postagens que sinalizam a acolhida de refugiados internacionais na página oficial do Governo Federal do Brasil.

Por meio das construções linguísticas dispostas nos comentários, investigamos aspectos de que tratam sobre os processos de intertextualidade e interdiscursividade com Bakhtin (1997); Fairclough (2016 [1991]) e Foucault (1996). Processos pelos quais aparecem determinadas ordens discursivas a que esses sujeitos se filiam para construir o mundo em significado. Não diferente, buscamos analisar também quais tensões discursivas e sociais podem se apresentar nesses comentários, à par de que ao evocar um determinado texto ou discurso, posso fazê-lo sob diferentes perspectivas históricas e sociais, sejam elas a econômica, cristã, histórica ou científica, por exemplo.

Para os fins analíticos, adotaremos uma metodologia qualitativa das construções linguístico-discursivas empenhadas nos comentários. Balizando juntas teorias do discurso e teorias sociais, a fim de tecer uma investigação sobre as práticas políticas e ideológicas investidas nas representações discursivas ligadas ao refúgio internacional no Brasil.

Traçamos logo no primeiro capítulo uma contextualização histórica e bibliográfica sobre o fenômeno da migração das últimas décadas no país, considerando a influência da pós-modernidade e da globalização interferindo tanto no deslocamento migratório, quanto na construção identitária e no espaço fornecido ao refugiado. Já nos capítulos seguintes, apresentamos um percurso teórico que trata sobre questões linguístico-discursivas a partir dos significados empenhados no discurso e suas respectivas formas de distribuição e consumo com Fairclough (2016 [1991]; 1999; 2003); tais como as reações sociodiscursivas verbais da pesquisadora Maria Carmen Aires Gomes (2022); as ferramentas de interação on-line em Recuero (2014) e as possibilidades de construção, reprodução e contestação de determinadas

práticas políticas (com Foucault, 1996 et al.) e ideológicas (Thompson, 1995; 2005) por meio do discurso.

Nesse percurso, desempenhamos também propostas teóricas que pensem sobre as construções identitárias e discursivas pós-modernas, considerando a espacialidade construída nos comentários entre o *nós* (construção identitária) e o *eles* (a representação construída do sujeito imigrante). E para isso, nos apropriamos de teorias sociais de Giddens (1991) e outras teorias filiadas à análise crítica do discurso, quais sejam; Fairclough (2003 et al); Halliday (1994; 2004) e Gomes (2022).

Salientamos que essa divisão teórica disposta nos capítulos segue a proposta da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) de que é preciso considerar sempre a relação dialética que existe entre os aspectos linguísticos e sociais dentro de uma determinada conjuntura histórico-social. Isto porque a cada evento discursivo, o texto desempenha funções sociais por meio da materialidade linguística, no sentido de que escolhas lexicais; configurações sintáticas e predileções estilísticas empenham certas representações, identidades e ações dos sujeitos sociais. Nas quais, por sua vez, são investidas ideologicamente.

Para tanto, das propostas de Norman Fairclough, baseamos nossa pesquisa principalmente em três obras: sendo elas, Discurso e Mudança Social (2016 [1992]) para tratar, particularmente, sobre os processos de distribuição e consumo de textos. Apropriamo-nos também da obra Discourse in Late Modernity (1999), pois apresenta um quadro das interferências que os eventos sociais podem gerar nas conjunturas - em seus afetamentos transversais. E por fim, Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research (2003), que será a obra com maior destaque nesse estudo, visto sua gama de possibilidades analíticas que permitem esmiuçar os três significados que regem o discurso, a saber; o identificacional, o representacional e o acional.

O presente estudo deve considerar também a interação mediada dos sujeitos, visto que o comentário da rede social se trata de uma interação assíncrona, em um espaço mediado pelo computador. O qual exige um olhar para teorias que estudem práticas discursivas (e mesmo sociais) mediadas por tecnologias de informação e comunicação (quais sejam, o computador, rádio, celular e a televisão). Por essa razão, apropriamo-nos de alguns pressupostos teóricos e analíticos de John B. Thompson (1995; 2005), ao pensar as práticas ideológicas investidas nas práticas sociais da vida pós-moderna.

Ao mesmo tempo em que nos aprofundamos nas questões que regem a vida social após o processo da quarta fase da globalização com Anthony Giddens (2001) e as formas de poder que atravessam todo o corpo social em Foucault (1996 et al.). Até porque se o discurso é o produto resultante desses dois processos, ao investigar práticas discursivas que regem o espaço identitário e representacional do refugiado, devemos partir de um estudo pautado na reciprocidade, do qual toma a análise linguística e a social: considerando tanto os aspectos linguísticos do texto, quanto as investidas políticas e ideológicas que estas práticas linguísticas podem evidenciar.

E assim, ao trabalhar com tais processos analíticos, observamos durante as análises dispostas no capítulo quatro, que os brasileiros se filiam a determinadas ordens discursivas e mesmo a algumas estigmatizações sócio-históricas para construir as representações identitárias de refugiados na rede social *Facebook*.

Diante do exposto, ao seguir por tais preceitos teóricos e metodológicos, acreditamos que essa pesquisa poderá contribuir para os estudos da ciência social ao apresentar como o discurso, por meio da materialidade linguística, constrói as visões sobre o acolhimento de refugiados no Brasil. Ou seja, dar vista e suporte para uma teoria social que enxergue o discurso como um momento imprescindível a ser analisado, pois para encontrarmos os traços ideológicos que subsidiam dos problemas sociais que cercam a imigração brasileira - e como esses traços afetam e constituem as representações identitárias dos refugiados - é preciso também vislumbrar como o discurso faz parte dessa construção. Em como ele constrói o mundo em significado.

Pensamos então que essa pesquisa pode representar um passo importante de complementação para um estudo social que busque considerar como e por que certas representações dos refugiados foram consagradas no território brasileiro. Já que ao refletir sobre o atual momento da história brasileira (e mundial), nos ficou clara a urgência de estudos que abracem o tema imigração e busquem não só explicar sobre os fenômenos que subjazem desses deslocamentos, mas para tratar também sobre as questões políticas, econômicas, jurídicas e discursivas que debruçam sobre esse tópico por meio do discurso.

Assim, na contramão de acontecimentos recentes, por onde há discursos e marcos legais que tendem a fechar fronteiras para a população imigrante¹, colocando corpos à

¹ Em última atualização no dia 12 de abril de 2024, a União Europeia aprovou, sob “alta prioridade”, políticas que possibilitam a deportação e reduzem os prazos para a segurança e asilo de imigrantes “indesejados” do Oriente Médio e da África. Para saber mais, acesse:

margem e instigando uma oposição do nós e do eles, buscamos uma pesquisa crítica que aponte como o discurso é base para a reprodução ou contestação de determinadas práticas sociais que compõem o ‘jogo’ das estruturas sociais relativamente estáveis, mas não estáticas.

Por fim, ressaltamos que essa pesquisa volta seu olhar para práticas discursivas envoltas ao acolhimento de refugiados internacionais no Brasil, não considerando a emigração de brasileiros, tampouco os fluxos migratórios que acontecem dentro da fronteira do país.

1. PÓS-MODERNIDADE, GLOBALIZAÇÃO E DESLOCAMENTO

Nos percursos históricos de quinhentos anos de história brasileira, podemos afirmar que o Brasil se consolidou enquanto um país imigrante: composto pela miscigenação populacional e cultural de diferentes nacionalidades. O que mudou ao longo dos anos foram as condições, recorrências e origem dessa população.

Ao pensar a história da imigração no Brasil, é preciso pensar também nas diretrizes legais que regem tais contextos. A saber, mesmo que apontem a chegada dos portugueses e dos africanos em terras brasileiras, o marco inicial da migração legal para o Brasil aconteceu séculos depois com “a abertura dos Portos às nações amigas, promovida por Dom João VI, por meio da Carta Régia de 28 de janeiro de 1808, e que possibilitou uma livre circulação de estrangeiros nos portos brasileiros” (Costa; Souza; Barros, 2019, p. 169).

Anos mais tarde, já em 1980 foi instaurada a Lei de nº 6.815, promulgada por meio do Estatuto do Estrangeiro (EE), a fim de operacionalizar diretrizes que resguardavam os interesses políticos frente a uma possível “ameaça estrangeira”, com as eminências do período da Guerra Fria (Claro, 2020).

E foi só trinta anos depois, que o então presidente Michel Temer aprovou uma nova Lei da Migração, a fim de substituir o Estatuto do Estrangeiro (EE), implantado na década de 80 durante a ditadura militar no Brasil. Em vigência, portanto, desde o ano de 2017, a lei de número 13.445 dispõe “sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula a sua entrada e estada no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante” (Brasil, 2017, n.p.).

Ao caracterizar o sujeito emigrante, imigrante, residente fronteiriço, visitante e apátrida, a lei estabeleceu todos os direitos e deveres dispostos para esses grupos no país. Para tanto, seguindo o texto regulamentador brasileiro, devemos considerar como imigrante a “pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil” (Brasil, 2017, n.p.).

Já o cidadão que se desloca em busca de refúgio (sendo então nomeado como refugiado) não se ampara nesta mesma lei de 2017. Ao contrário, ele dispõe de seus próprios direitos e deveres com a lei de número 9.474, sancionada em julho de 1997. Ou seja, dos

diversos tipos de deslocamentos, encontramos grupos de imigrantes e de refugiados que possuem o ponto comum de se deslocar de seu local de origem, mas que se diferenciam pelas motivações que os levaram a esta ação.

Essa diferenciação nominal e de direitos foi instaurada juridicamente no ano de 1951 durante a Convenção Relativa ao Estatuto sobre Refugiados para resolver a situação dos refugiados após a Segunda Guerra Mundial (ACNUR, 2023). O documento, que é base para ações do órgão Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), diferenciou a condição de migrante para refugiado no Artigo 1º, conferindo a milhares de pessoas novos direitos e proteção governamental. O Estatuto tomou por base a Declaração Universal dos Direitos Humanos aprovada internacionalmente em 1948 e definiu refugiado como o cidadão que

em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele (Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados, 1951, p. 2).

Nesses termos, a pessoa que está em situação de refúgio deve ser por direito acolhida e protegida pelo país que busca asilo, de maneira que os Estados não podem penalizar cidadãos que tentam cruzar a fronteira de forma irregular (sem documentos ou sem autorização); nem mesmo expulsar ou devolver os refugiados se estes correrem risco de vida ou de liberdade, sendo dever dos Estados garantir segurança e abrigo para pessoas em situação de refúgio (Mantoo, 2023).

Já os migrantes não possuem direitos fundamentais de proteção internacional, uma vez que se subentende que eles não estão com a vida ou a liberdade em risco. Os migrantes que saem do seu país de origem por motivos de trabalho, educação, para reencontro familiar, ou mesmo por outras situações mais complexas como pobreza extrema ou desastres ambientais, possuem o direito de ter o seu pedido de entrada recolhido e analisado, mas ele não é amparado judicialmente pela proteção internacional dos refugiados, embora tenha direitos de acordo com a lei internacional dos Direitos Humanos (ibidem).

Destarte as informações trazidas, vemos que os deslocamentos ocorrem há séculos e são provenientes da condição humana. A prova desse fato se revela por meio de dados

divulgados no site da ONU (Organização das Nações Unidas) de que 3,6% da população mundial migrou internacionalmente, registrando mais de 280 milhões de migrantes internacionais nos últimos anos (ONU News, 2021). No entanto, desde a segunda metade do século XX, houve uma mudança no cenário dos direitos conferidos aos cidadãos migrantes.

Ressaltamos que, apesar de esta pesquisa se concentrar nos deslocamentos de refugiados ao Brasil, é preciso tecer um panorama que considere também os deslocamentos migratórios em alguns países, visto que esses fluxos acontecem concomitantemente quando há o ápice de algum acontecimento no país de origem dessa população. E então, nos eventos históricos que tomaram as últimas décadas, observamos que estas travessias, principalmente as que ocorrem por condição de refúgio, estão cada vez mais emergentes, complexas e recorrentes. Sejam elas motivadas em virtude dos diferentes conflitos armados no Oriente Médio e Europa ou pelas diversas crises políticas e econômicas por todo o mundo. Os movimentos diaspóricos marcam as últimas décadas da humanidade, e com eles vemos também mudanças histórico-sociais; que vêm conferindo um novo status às leis internacionais, às questões identitárias, culturais, econômicas e mesmo políticas.

Ou seja, no panorama geral das migrações, precisamos considerar que para além dos deslocamentos que visam a melhores condições de vida que foram facilitados (e mesmo ampliados) após o ápice da globalização pós-moderna, os números de pedido de refúgio no Brasil e no mundo reforçam uma modificação da faceta migratória das duas últimas décadas. Trazendo luz a três questões principais: primeiro, a globalização como fator primário para o aumento e facilidade dos deslocamentos dos últimos anos, assim como a sua influência para o conhecimento dos ocorridos em outros países e, conseqüentemente, a necessidade de interferência de leis e medidas a favor dos direitos humanos.

Segundo; a mudança geográfica dos deslocamentos forçados, pois como será exposto estatisticamente em linhas abaixo, por diversos fatores (mas o principal pela rigidez do aceite de imigrantes e refugiados no norte global), vemos que nos últimos anos o número de pedidos de refúgio foram principalmente em países do hemisfério sul. E por fim, precisamos considerar também que a migração internacional é, como já aludido anteriormente, marcada principalmente por deslocamentos forçados, na aspereza da busca por sobrevivência.

Assim, quando nos voltamos para uma macro-análise da atual conjuntura brasileira vemos

um aumento significativo de imigrantes de países do Sul Global, especialmente da América Latina e da África. De acordo com dados do Ministério da Justiça e Segurança Pública, entre os anos de 2010 e 2020, a imigração para o Brasil cresceu 24,4%, chegando à marca de 1,3 milhão de imigrantes (AGÊNCIA BRASIL, 2021 apud OBMigra, 2023, p. 59).

No mesmo caminhar sociológico, temos que no ano de 2006 a 2016, o número de imigrantes e refugiados aumentou em 160% no Brasil. Destarte, se em 2006, 45 mil pessoas pediram abrigo no país, em 2015, foram 115 mil (Velasco; Mantovani, 2016). Para melhor visualização, de acordo com o relatório anual do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra, 2023, p. 29), “no período 2013-2022 o Brasil recebeu 345.257 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado”. Ademais, se pensamos sobre a nacionalidade destas solicitações, encontramos que o Brasil recebeu cinquenta mil pedidos de refúgio no ano de 2022. E das 141 diferentes nacionalidades, os venezuelanos representaram 67% desses pedidos, seguido de cubanos (10%) e angolanos (6,8%) - com a maioria de países do sul-global (OBMigra, 2023).

1.1 Breve contextualização sobre o fenômeno da migração da última década no Brasil

Dos números registrados nacionalmente para fins de mapeamento da população migrante no país, nos anos de 2014 a 2017 os haitianos e bolivianos foram a população com maior pedido de refúgio em razão da situação dos respectivos países.

O Haiti, localizado na América Central, é um dos países mais pobres do mundo, com alta taxa de desemprego, analfabetismo e desnutrição. Além disso, desastres naturais são recorrentes, com alto índice de terremotos e epidemias. Como exemplo, um terremoto em 2010 deixou 150 mil mortos e mais de 300 mil desabrigados no país. A somar com uma epidemia de cólera e com um furacão no ano de 2016 que afetou mais de um milhão de haitianos (Macedo, 2017).

Por esses e tantos outros motivos, a taxa de emigração no país é alta e constante, de modo que nos anos de 2012 a 2017 os haitianos foram a principal população migrante no Brasil. Em dados mais recentes, vemos uma piora na situação do país, que está vivendo a maior crise política e de segurança de sua história: após o assassinato do presidente no ano de 2021, diferentes grupos tomaram o poder do país, que se encontra, até o presente momento, em possível situação de anarquia. E agora, segundo relatório nacional disponibilizado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) ao final do ano de 2023, 83

mil haitianos residem no Brasil - podendo este número aumentar consideravelmente, examinando a atual situação do país.

Sob distintas motivações que levaram a população haitiana a migrar, os bolivianos se deslocaram de seu país de origem por consequência de crises políticas ocorridas no país durante anos. E que vieram a se agravar a partir do ano de 2016 com o enfraquecimento do governo de Evo Morales, fazendo com que o número de bolivianos no Brasil crescesse exponencialmente - totalizando cerca de cem mil residentes regulares no ano de 2019 (Welle, 2019). Além do mais, pela Bolívia ser um país associado ao MERCOSUL, os vistos para bolivianos são facilitados de acordo com a legislação que facilita a entrada e saída dos residentes dos países sul-americanos pertencentes a esse bloco. Sendo os principais: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela², e tendo como associados a Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Peru e Suriname.

Permanecendo na região sul do continente, mas dando um salto temporal nos deslocamentos internacionais, é preciso destacar agora a migração forçada de milhares de venezuelanos para o país nos últimos anos. Segundo o site oficial do Governo Federal (Brasil, 2022), no período de 2017 a 2022, o Brasil recebeu setecentos mil venezuelanos. Destes números registrados, 210 mil venezuelanos (ou seja, 30% desta população) entraram com solicitações para condição de refugiado no Brasil (OBMigra, 2023). Esse número de migrações emergentes foi resultado de uma crise política e econômica que se estendeu na Venezuela principalmente após a queda do preço do petróleo, que foi então agravada pela morte do presidente Chávez em 2013.

Por ter como principal atividade a indústria petrolífera, a Venezuela enfrentou fortes crises econômicas após a queda do preço do petróleo, somando uma dívida externa de bilhões, agravada após a queda do PIB do país. Ainda como consequência de uma atividade econômica altamente focada no combustível, o país não pôde garantir segurança alimentar para a população e nem mesmo para outras áreas de subsistência. Fato este que foi agravado pela polaridade política: após diferentes entraves, os Estados Unidos decidiram aplicar sanções para impedir a negociação de produtos com a Venezuela, diminuindo então a

² Segundo dado fornecido pelo site oficial do tratado do MERCOSUL: “A República Bolivariana da Venezuela se encontra suspensa de todos os direitos e obrigações inerentes à sua condição de Estado Parte do MERCOSUL, em conformidade com o disposto no segundo parágrafo do artigo 5º do Protocolo de Ushuaia” (MERCOSUR, 2024). Informação disponível em: <<https://www.mercosur.int/pt-br/quem-somos/paises-do-mercosul/>>. Acesso em: 03 fev. 2024.

exportação internacional do petróleo e a garantia de produtos para subsistência no país, tais como alimentos e remédios.

Durante toda a trajetória, a repressão policial e a crise política e econômica do país elevaram a níveis extremos a pobreza, o desemprego e a segurança habitacional no país, tendo como consequência agravante o aumento da violência (a exemplo, no ano de 2014, a Venezuela foi o segundo país com maior número de homicídios no mundo). Nesse período o país teve ainda um marco de 90% da população vivendo na pobreza (Jornal Nacional, 2023). Essas motivações levaram grande parte dos venezuelanos a se deslocar do seu país de origem, dos quais centenas de pessoas pediram refúgio no Brasil por ter a vida ou liberdade postas em risco.

Por sua vez, os refugiados sírios também representam o maior número de deslocados do mundo na última década. Após a Primavera Árabe, muitos países do Oriente Médio passaram a ter conflitos internos gerados pela busca de direitos e pela destituição de governos. Em consequência aos protestos ocorridos em diferentes países desde 2011, uma guerra civil entre o líder político Bashar Al-Saad e o Estado Islâmico pelo poder no país teve grande repercussão internacional, principalmente nos anos de 2013 a 2016. Com diversos atentados e confrontos armados financiados pelos EUA e pela Rússia, a guerra da Síria teve mais de quatrocentas mil mortes e mais de cinco milhões de refugiados no mundo.

Pelas atitudes extremas por ambas as partes, milhões de sírios precisaram deixar o seu país de origem ao ter sua vida e liberdade postas em risco pelos dois grupos em confronto - evidenciando esta como “a maior crise de deslocamento forçado no mundo” (ACNUR, 2022). Assim, dentre os diferentes países que receberam esse povo, o Brasil passou a emitir vistos especiais para os sobreviventes das guerras (ACNUR, 2016), respeitando o então tratado da ONU de proteção aos refugiados, e acolhendo cerca de quatro mil refugiados sírios ao longo dos anos de conflito (OBMigra, 2021), apesar da distância geográfica entre os países.

Por fim, em ocorrências históricas mais recentes, encontramos que os afegãos representaram 65% dos pedidos de refúgio no ano de 2023 no Brasil (OBMigra, 2023). O refúgio em massa dessa população se deu após a retomada do poder do talibã no Afeganistão em 2020 e que está, até o momento, colocando em risco a liberdade e vida de milhares de afegãos (principalmente da população feminina no país). Além disso, as constantes guerras e crises humanitárias ocorridas no Oriente Médio motivaram a busca por melhores condições de

vida (a considerar que 34 milhões de pessoas viviam abaixo da linha de pobreza no país desde 2020).

Não diferente, a Guerra entre os países da Ucrânia e da Rússia, considerada como “a maior crise humanitária da europa em anos” (CNN Brasil, 2022) teve início em fevereiro de 2022, com a invasão de tropas armadas da Rússia em território ucraniano e segue com conflitos armados no ano de 2024, sem grandes resoluções. Perfazendo mais de dois anos, o conflito marcou o estopim de tensões geográficas e ideológicas entre países. Sem acordo, a guerra se iniciou após pedidos de desmilitarização da Ucrânia, por parte do Governo Russo, independência de Donetsk e Luhansk e que o país não entrasse na Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte), pois isto seria uma ameaça ao território da Rússia (*ibidem*). Segundo o jornal Wall Street Journal, até setembro de 2024, estimavam um milhão de mortos durante a guerra (WSJ, 2024), e mais de seis milhões de refugiados ucranianos, segundo dados divulgados no site das Nações Unidas.

E, por essa razão, como consequência dos novos fluxos migratórios da última década no país, “o país precisou lidar com o crescimento das demandas em relação à regularização migratória, ao reconhecimento da condição de refúgio e da necessidade de estabelecer mecanismos de proteção complementar e humanitária” (OBMigra, 2023, p. 59). Alguns desses apontamentos históricos são recentes e muitos ocorrem até o presente momento sem sinais de resolução. Por isso, nas eminências dos eventos históricos da pós-modernidade, vemos que os deslocamentos são parte constituinte do processo civilizatório contemporâneo, onde os movimentos diaspóricos compõem hoje a vista dos principais centros do país e das cidades fronteiriças, e junto deles encontramos então mudanças culturais, políticas e sociais.

Diante disso, conforme explicamos em seções acima, no efeito lupa de uma pesquisa sociológica, investigamos práticas textuais individuais sobre o acolhimento de refugiados no Brasil, a fim de compreender melhor o processo de agenciamento, recepção e distribuição dos discursos e representações a respeito do povo refugiado. Isso se torna particularmente importante ao considerar o Brasil enquanto um país em potencial crescimento na busca por refúgio, principalmente dos caracterizados deslocamentos sul-sul.

2. DISCURSO COMO UM MOMENTO DA PRÁTICA SOCIAL: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2.1. Considerações gerais sobre discurso na perspectiva da análise crítica do discurso

A análise do discurso se ramifica em diferentes vertentes e abordagens, e para cada autor e perspectiva adotamos um método de análise. O estudo da língua se iniciou com a abordagem estruturalista de Ferdinand Saussure, o qual pensou a língua como uma estrutura pela qual o falante partia de escolhas paradigmáticas, predispostas no sistema dialógico linguístico para possibilitar a sua enunciação. Sem considerar os aspectos sociais, como a fala (*parole*) e o estudo diacrônico da língua. Na abordagem saussuriana, pensa-se a língua (*langue*) em seu sistema próprio, que é tomado pela disposição dos significantes e significados que constituem os signos e o sistema linguístico.

Décadas depois, com a efervescência das teorias sociais e os questionamentos às teorias estruturalistas, na década de 60 na França, a análise do discurso francesa ficou reconhecida, principalmente, pelo filósofo Michel Pêcheux e passou a ganhar diversas vertentes e campos de atuação. Recorrendo a Louis Althusser, Pêcheux e outros estudiosos marcaram o início da AD francesa por meio do estudo das formações discursivas. Pensando-as a partir das condições de produção que levaram a esses discursos e também na articulação da ideologia que atravessa e constitui os ditos. Já nessa fase, a linguística toma para si o estudo do discurso como conjuntos de enunciados que regem determinadas práticas sociais, e passa de um caráter puramente linguístico para o caráter social, enquanto uma prática que constitui sujeitos, história e posições.

Nesse mesmo viés, os estudos arqueológicos da análise do discurso foucaultiana, base de diferentes teorias do discurso, pensava o discurso pelo

domínio dos 'enunciados' – isto é, dos textos, e dos enunciados como elementos constituintes dos textos. Mas isso não significa uma preocupação com a análise detalhada dos textos – a preocupação é mais uma questão de discernir as regras que "regem" os corpos de textos e enunciados (Fairclough, 2003, p. 123).

Nessa vertente, não é possível determinar uma metodologia que se aprofunde no discurso por meio do estudo do texto, signo ou da língua, mas sim de regras e procedimentos linguísticos que são práticas de conhecimento, e que pela exclusão ou mesmo vontade de verdade, constituem sujeitos sociais e carrega a relação intrínseca entre discurso e poder.

Se em Saussure havia um quê estruturalista, com foco para o sistema linguístico, e se as vertentes pecheutianas e foucaultianas deixaram, de início, os procedimentos linguísticos para dar vazão às questões sociais e ideológicas que perpassavam o discurso enquanto uma prática social, observamos na vertente Sistêmico-Funcional de Michael Halliday (1994), a língua em três aspectos principais; na sua possibilidade funcional, estrutural e social, de que o sujeito social pode interagir, agir e representar o mundo a partir das possibilidades funcionais que a linguagem dispõe e do contexto do seu uso. E que por essa razão, se preocupa também com a situação comunicativa, o evento de fala e os participantes, por exemplo.

Já na perspectiva da análise crítica do discurso (ACD), iniciada ao final da década de oitenta, e que teve também como escopo linguístico os pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional, temos o discurso como um produto resultante dos elementos linguísticos (o próprio texto em si) e dos elementos externos que configuram o processo discursivo. Compreendemos o discurso como momentos de práticas sociais, que, em seu sistema próprio, torna-se igualmente importante para as ações habituais do meio social. Por ser o discurso o momento da prática, compreendemos que por ele o sujeito age, representa e identifica o mundo pela linguagem. E mais, que são as próprias práticas representadas/materializadas por meio do discurso. Por essa razão, empreendemos a visão do discurso enquanto materialidade e prática social, que mesmo na intervenção das práticas ideológicas já dispostas da estrutura social, influi, no conjunto dos eventos discursivos, em uma volta a essa estrutura, que pode sustentar ou modificar o *status quo* das práticas materiais dadas no mundo.

Nessa abordagem, o signo “é visto como um fragmento material da realidade” (Resende; Ramalho, 2006), funcionando então como um construto social traduzido em forma material linguística. E por essa razão, se o signo é socialmente motivado dentro de uma determinada conjuntura sócio-histórica, por meio dele é possível representar o mundo de uma forma particular, em que a materialidade linguística se apresenta, então, como forma de ação sobre o mundo e sobre o outro. Nas palavras de Fairclough (2003, p. 124 [tradução nossa]), “diferentes discursos são diferentes perspectivas de mundo. [...] Eles constituem parte dos

recursos que as pessoas empregam para se relacionarem umas com as outras – mantendo-se separados uns dos outros, cooperando, competindo ou dominando”.

Já nos estudos do texto, ou do discurso, a abordagem funcionalista (na qual a ACD se ampara) investiga, portanto, como a forma atua no significado e como as funções influenciam a forma (Resende; Ramalho, 2006). Estas funções são então recontextualizadas a partir dos significados acional, representacional e identificacional (como trataremos melhor na seção a seguir), indicando que os enunciados funcionam, na perspectiva da ACD, como modos de agir, representar e de se identificar no mundo. De modo tal que as condições de produção influenciam no processo discursivo. Mas este, por sua vez, também incide sobre elas.

No processo de produção do discurso, os eventos discursivos são compostos por elementos internos (linguísticos) que só possuem significação em sua relação externa, uma vez que o processo de interpretação exige uma busca a eventos passados tomados no senso comum para o exercício de compreensão interdiscursiva. Nos elementos composicionais internos dos textos, encontramos as relações gramaticais, lexicais e mesmo semânticas entre palavras e sentenças que acontecem num processo de presença paradigmática e sintagmática e que expõem os elementos de escolha que desencadeiam sentidos ao longo do texto. Já as relações externas ao texto se constituem de um modo mais abstrato; empenhando certas práticas, crenças, valores e jogos ideológicos e de poder de forma relativamente estável e naturalizada.

O processo discursivo é também regido por uma relação dialética com três instâncias, as quais criam redes de sentido no decorrer do processo sócio-histórico. São elas: as estruturas concebidas como um fundo das condições sociais, regidas por longos anos, que assim conduzem a vida social, mas também podem ser modificadas por ela, mesmo que devagar. Os eventos que acontecem na esfera individual e que são, como o próprio nome explica, eventos imediatos, se apresentam como ocasiões da vida social e podem ser encontrados em formas de textos. Já as conjunturas são ligações/ conjunto de pessoas, instituições, objetos (simbólicos ou não), tecnologias e até mesmo práticas que configuram os grupos sociais ou projetos sociais por tempos relativamente duráveis (Chouliaraki; Fairclough, 1999).

Tecer, portanto, uma investigação à luz da teoria social do discurso é compreender os eventos discursivos como materialidades histórico-sociais. É empregar o Discurso como um ponto para compreender a relação intersubjetiva dos sujeitos sociais, que funciona como modo de agir, interagir e ser no mundo. Assim, temos o discurso como “um momento na

prática social, que é dialeticamente ligado a outros momentos, com orientações para uma intervenção prática que visa mudar (um pouco) o mundo” (Fairclough, 2003, p. 41).

O discurso aqui pode ser pensado então em dois momentos distintos; primeiro, como uma parte material linguística, não-verbal ou visual (como os textos, conversas e imagens, por exemplo) e que constitui a prática social junto de demais recursos significativos, quais sejam, as atividades materiais; relações sociais e processos; (instituições e relações de poder) e os fenômenos mentais (crenças, valores e poder). E também como elementos semióticos que permitem a representação discursiva dos demais elementos que configuram uma prática social (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 38).

A saber, as práticas sociais “são como formas habituais, de permanência, ligadas a tempos e lugares particulares, nas quais as pessoas aplicam recursos para agirem juntas no mundo, quase como no sentido de uma ação habitual” (ibidem, p. 36), mas podem ser compreendidas também como uma ação social, inserida em um determinado contexto, uma ação que se desencadeia em determinado tempo e espaço. Elas são então formas de produção da vida social. Por isso, compreender o discurso é também compreendê-lo enquanto um elemento da prática social, que está em uma relação dialética para com os outros momentos, e principalmente com as conjunturas históricas e sociais que deram suporte a sua produção.

E é por esse processo que os eventos discursivos possibilitam a manutenção (ou transformação) de uma dada conjuntura. Pelo qual é preciso empreender uma análise sob a égide do movimento de uma lupa. Ora investigando o texto (os eventos discursivos) em sua relação para com outros momentos das práticas sociais, ora apurando o processo macroestruturante das práticas e relações sociais que se dão por determinados eventos sociais e mesmo discursivos ao longo do processo sócio-histórico.

Essa perspectiva se mostra relevante, quando percebemos que os processos de representação, ação e identificação não acontecem apenas na linguagem, mas também por meio dela. Pensemos, por exemplo, nas identidades sociais que são (per)formadas com dialetos, expressões técnicas, vestimentas e gestos. É possível diferenciar um profissional, muitas das vezes, por seu traje e ferramentas, e não somente pela performatividade oral. Por isso, com base em Gee (2005, p. 21), é preciso considerar o discurso em dois momentos, primeiro, enquanto “o termo ‘Discurso’, com D maiúsculo, para formas de combinar e integrar linguagem, ações, interações, formas de pensar, acreditar, valorizar e usar vários símbolos, ferramentas e objetos para representar um tipo particular de identidade socialmente

reconhecível”. Assim, quando expomos o Discurso político, o Discurso médico, o Discurso de ódio, compreendemos uma particularidade, ações, valores e identidades que são provenientes desse tipo de prática social. O artigo definido “o” nos situa a uma particularidade desses momentos, que já são marcados socialmente, e em que o discurso é um momento composto de diferentes práticas.

Diferente do discurso, com d minúsculo, que pode ser pensado enquanto um discurso particular, como “linguagem em uso” (Gee, 2005), performado em um determinado momento, a partir de algum objetivo e objeto disposto. Para nós é importante compreender então os dois discursos: primeiro, o Discurso, pois este se empenha, nas palavras de Gee (2005, p. 26) “enquanto uma linguagem e outras coisas mais”, mas também o discurso, enquanto fragmentos de textos (os comentários), que carregam em si, nas práticas textuais e multissemióticas, traços performativos que podem esclarecer valores, ações e identidades de sujeitos sociais. Esses Discursos se conectam a outros e criam novos Discursos, contestam, mudam Discursos antigos. Mas aqui, o ponto central da abordagem de Gee (2005, p. 30) se presta em compreender “o trabalho da performance, da negociação e do reconhecimento que vai criando, sustentando e transformando Discursos e o papel da linguagem durante o processo”³.

Mesmo sob diferentes nomeações, compreendemos que o Discurso em Gee (2005) se assemelha à concepção de prática social em Chouliaraki e Fairclough (1999; 2003), isso porque o discurso, enquanto um momento da prática social (com seu próprio mecanismo), quando em conjunto com outros elementos, constitui representações, identidades, “verdades”, posições sociais, modos de interação etc, e “figura paralelamente ao comportamento corporal na constituição de modos particulares de ser, identidades pessoais” (Fairclough, 2003, p. 26), conforme o aspecto do estilo, no significado identificacional do discurso.

Aqui, por meio da abordagem de Gee (2005), pensamos novamente no momento da “lupa”, que um único sujeito pode performar diferentes identidades, a depender do contexto situacional. As falas, vestimentas e ações do sujeito médico podem variar a cada contexto. A saber, a forma como se comunica e age em um jantar formal e um jantar em família poderão ser distintas (Gee, 2005, p. 23), pois elas pressupõem momentos, “expectativas” e objetivos diferentes. Por isso, no processo de análise identificacional, é preciso conceber também uma

³ Tradução nossa. No original: “the point is the performance, negotiation and recognition work that goes into creating, sustaining, and transforming them, and the role of language (always with other things) in this process” (Gee, 2005, p. 27).

investigação do *locus* e do sujeito social, pois estes darão “pistas” sobre o processo de produção do discurso. Para esse estudo, por exemplo, compreendemos que os espaços dos comentários nas mídias analisadas servem como um local compartilhado, com um objeto específico a ser comentado (o tema da imigração/refúgio), em que as pessoas escolhem se manifestar, em “sincronia” com o tema disposto e correspondendo com as outras pessoas que ali se engajaram (*ibidem*).

Sendo assim, por meio desta perspectiva temos que

a chave para o Discurso é o “reconhecimento”. Se você colocar linguagem, ação, interação, valores, crenças, símbolos, objetos, ferramentas e lugares juntos de tal forma que os outros o reconheçam como um tipo particular de “quem” (identidade) se envolveu em um tipo particular de o “que” (atividade), aqui e agora, se fez aí então um Discurso⁴ (Gee, 2005, p. 27).

Por isso, ser, por exemplo, imigrante ou refugiado constitui Discursos (discursos, valores, ações). O mesmo vale para ser brasileiro, político, professor, professor-brasileiro, professor-imigrante, imigrante venezuelano, refugiado venezuelano, refugiado sírio ou refugiado ucraniano etc.: todos estes constituem Discursos, e portanto, reconhecimentos diferentes.

Estes esboços se tornam então ponto central para nós, analistas críticos do discurso, pois por meio dessa análise compreendemos como “são as articulações em mudança entre gêneros, discursos e estilos, a mudança da estruturação social entre esses elementos na estabilidade e permanência nas ordens de discurso e uma continuidade no trabalho das relações entre eles em textos e interações” (Melo, 2012, p. 311). E por tal razão, a fim de investigar como ocorre o consumo e distribuição destes discursos sobre refugiados, empreendemos também o método de análise presente no livro de 1992 [2016]. Já para as demais áreas que regem o estudo do discurso e as suas respectivas categorias analíticas, filiamo-nos às abordagens sobre os três significados que regem o discurso, quais sejam; o acional, identificacional e representacional.

Por isso, salientamos novamente a necessidade do processo transdisciplinar que exige uma pesquisa crítica do discurso. E por buscar uma equidade teórica desta pesquisa, apresentaremos nas próximas seções estudos ora com ênfase para uma análise linguística

⁴ Tradução nossa. No original: “The key to Discourse is recognition. Is you put language, action, interaction, values, beliefs, symbols, objects, tools and places together in such a way that others recognize you as a particular type of who (identity) engaged in a particular type of what (activity), here-and-now, then you have pulled off a Discourse”(Gee, 2005, p. 27).

(com foco para a sintaxe e morfologia), ora voltados para estudos sociológicos e históricos, empenhados com base nas análises interpretativas dos textos.

2.2. Os três significados que constituem o dizer: significado acional, identificacional e representacional

Respeitando os pressupostos teóricos do funcionalismo Hallidayano (1994; 2004), a ACD concorda que todas as atividades humanas são mediadas pela linguagem, e a forma com que o sujeito percebe e constrói os sentidos são então, total ou parcialmente, instituídos pelo discurso. E este, por sua vez, é composto por configurações linguísticas que respeitam a um sistema, mas que são afetadas socialmente. Por essa perspectiva teórica, temos que o sujeito faz escolhas linguísticas (desempenhadas com certa autonomia) para possibilitar a interação comunicativa por meio das funções da linguagem, ao mesmo tempo que estas reiteram o aspecto histórico-social que afeta o discurso enquanto uma atividade social. E no entremeio das afetações linguístico-sociais, o sujeito se apropria do sistema linguístico para gerar a possibilidade de interação e percepção de mundo por meio das funções intersubjetivas.

Nesse sentido, Halliday (1994; 2004) propõe um estudo da linguagem baseado em três principais metafunções; sendo elas a interpessoal, ideacional e a textual. Cada uma dessas metafunções corresponde a um significado com aspectos funcionais da linguagem, sendo estes os significados interpessoal, experiencial e textual, respectivamente. Dos quais traduzem, segundo a perspectiva funcionalista de Halliday (1994; 2004), as formas com que o sujeito se relaciona com o outro, com o mundo e com a língua (mediante a situação comunicativa).

A função ideacional da linguagem exprime uma representação da experiência sob um modo de refletir a realidade. Já a função interpessoal, como o próprio nome nos alude, pensa o significado a partir da função da interação social e de ação do sujeito. Por sua vez, a função textual pensa as relações semânticas e linguísticas também como um sistema que opera com vistas para o significado (Resende; Ramalho, 2006). Por isso, nas obras de 1992 e 2003, Fairclough faz uma adaptação à teoria de Halliday (1994), implementando os três significados (acional, representacional e identificacional).

De todo o percurso teórico-metodológico proposto pelo autor, nos interessa esmiuçar para esta pesquisa que a função textual de Halliday (1994) foi descartada, uma vez que se para a ACD dizer é agir, a função textual deve ser incorporada à função (doravante significado) acional. No mesmo percurso, a função interpessoal também desaparece, dando lugar para o

significado identificacional, a fim de complementar a teoria Hallidayana (1994) que pensava a identidade apenas como um traço da função interpessoal.

Para tanto, no livro de 2003, a teoria é consolidada por Fairclough que insere no significado acional a função interativa e a função textual; já o significado representacional pensa a função de representação e percepção de mundo, enquanto que o identificacional toma a linguagem no processo de contestação ou reprodução de identidades. E assim como os significados em Fairclough (2003), as três macrofunções acontecem simultaneamente no texto, possibilitando a representação, a ação e a interação por meio da linguagem.

No processo de criação e consolidação do significado por meio da linguagem, vemos então que algumas funções linguísticas servem a determinados significados nos textos, e no processo do eixo de escolha paradigmático e sintagmático certas combinações linguísticas dão pistas para certos significados sociais, ligando o texto a outros momentos da esfera da vida social.

Sendo assim, temos, por exemplo, que nas análises que englobam o significado representacional, o foco se volta para as escolhas lexicais, interdiscursividade, os atores sociais do texto e transitividade, a fim de investigar os modos de representação dos aspectos do mundo pela linguagem. Por sua vez, o significado identificacional apresenta as representações identitárias, em que as categorias de modalidade, avaliatividade, presunção valorativa, metáfora e estilo nos ajudam na análise linguística-discursiva. Já o significado acional, como o próprio nome revela, caracteriza o modo de agir discursivamente, que pode ser analisado por meio das pressuposições, estruturas genéricas, intertextualidade, coesão e principalmente por meio do gênero.

2.2.1 Significado identificacional

A identidade como marca da representação do que se é, se traduz por meio dos estilos textuais que se constroem na relação dialética para com a diferença. Por isso, identificar é, no mesmo sentido, diferenciar. No processo de classificação (empenhado por materialidades linguísticas), o sujeito se constitui na oposição com o outro. E então a significação acontece por meio do processo da diferença, de que ao identificar X, o faço em diferença a Y. Aqui, como no processo sistêmico de Saussure (1969) sobre o signo linguístico, temos que o

sistema simbólico da representação/identificação também se constitui no processo de diferenciação dos significados.

Se identificar é, no mesmo sentido, diferenciar e classificar objetos, lugares e pessoas, há aqui um privilégio de atribuição de valores aos grupos classificados (Resende; Ramalho, 2006, p. 77). Logo, identificar é representar e, conseqüentemente, um modo de agir socialmente, que implica em valores, crenças e jogos de poder. Por isso, das materialidades linguísticas a serem investigadas nos eventos discursivos, interessa ao significado identificacional o processo de avaliação, modalização e metáfora.

No processo de avaliação, o sujeito é capaz de classificar e atribuir valor a si e ao outro. Ao dizer que X é bom e Y é ruim, há aí presunções valorativas que implicam em valores e crenças do sujeito social. Estas classificações podem ocorrer por meio de verbos, advérbios, adjetivos etc. No mesmo sentido, o processo de modalização demonstra a forma com que o sujeito se compromete com o dito, e ainda ao grau de posicionamento e crença que ele próprio atribui ao discurso proferido (Fairclough, 2003). A modalização também pode ser empenhada de diversas maneiras, como com o emprego de advérbios, adjetivos e verbos.

Já o uso da metáfora permite investigar como acontece o processo de compreensão da realidade social; de averiguar como são construídos os processos mentais, e a que outras instâncias, valores e crenças sociais o sujeito se liga para criar redes de sentido cognitivas e mesmo discursivas. Em explicação breve, o deslocamento de sentido permite investigar o “mecanismo cognitivo que consiste em estabelecer uma vinculação conceitual entre domínios distintos” (Almeida, 2010, p. 34). Ou seja, a comparação implícita dada pelo sujeito expõe certos locais e domínios semânticos que ele busca para construir significado. E por meio dessas marcas, o sujeito apresenta então a força argumentativa do seu enunciado e demonstra o grau de proximidade ou distanciamento preterido em relação ao enunciado.

E se, portanto, a linguagem institui as funções de identidade, representação e ação, nos importa compreender que mesmo com desempenhos individuais, o sujeito age e se identifica pela linguagem tomando para si aspectos do social (quais sejam a própria língua e as construções de mundo já dispostas), de modo que “as pessoas interagem com suas próprias histórias discursivas, determinadas por sua história social e posição social” (Eggins; Slade, 1997, p. 59 apud Gomes, 2022, p. 33).

Não diferente, para essa pesquisa, nos centramos principalmente na prática de diferenciação em que o sujeito se inscreve, uma vez que “ao se posicionar e tomar para si a

posição do ‘eu’ que enuncia, ocorre um processo de representação tanto de si quanto do mundo que o cerca” (Carmo, 2015, p. 49). Essa posição deve ser ainda considerada pelo lugar cultural, que instaura uma “identidade cultural coletiva” da qual o sujeito social se apropria. Nesses termos, Silva e Silva (2010, p. 202-203 apud Carmo, 2015, p. 49) nos explica que a constituição de uma identidade cultural pode ser pensada enquanto “a partilha de uma mesma essência entre diferentes indivíduos”. Por essa razão, nos centramos nos processos mentais e verbais do discurso a partir de Halliday (1994; 2004) para esmiuçar como desempenhos individuais do sujeito social podem desvelar práticas de sentido sociais, esclarecidos em identidades coletivas.

2.2.2 Significado representacional

As representações sociais dispostas sobre o mundo “são constituídas a partir de um conjunto de crenças acerca dos objetos de mundo que se tornam objetos de discursos, e como tais, objetos em disputa quando dois discursos são postos em diálogo”. (Assunção, 2009, p. 11). Por isso, representar é, no mesmo percurso, tecer uma crença de mundo. É também se apoiar a alguma ordem do dizer e se filiar a certas práticas discursivas. Não que esse processo se dê de maneira intencional e responsiva. Na verdade, como já aludido acima, tais prerrogativas são dadas por uma determinada conjuntura social, de modo que essas representações são, em parte, marcadas pelos outros momentos que constituem uma prática.

Ancorados à perspectiva teórica da ACD temos, portanto, que “a representação é um processo de construção de práticas, incluindo a autoconstrução reflexiva – [assim, as] representações entram e moldam processos e práticas sociais” (Fairclough, 2003, p. 206, tradução nossa⁵). As representações sociais podem ser contidas em um discurso escrito ou oral, em um modelo interpretativo da realidade social, numa categoria de análise, em um esquema conceitual, em uma hierarquia, ou em um estereótipo, que são contextualizados no discurso, mas também transformam o próprio discurso (Jaramillo, 2012, p. 134).

Nesse viés, um discurso que se apresenta como dispositivo de representação pode sofrer variações na escala (desde aquelas localizadas até as globais), sendo capaz “de colonizar diversas práticas na vida social, em boa parte do mundo” (Resende; Ramalho, p. 71,

⁵ No original: “differently positioned social actors ‘see’ and represent social life in different ways, different discourses”.

2006). Aqui nos interessa compreender, pois, como a tessitura de determinadas representações podem então afetar práticas sociais, uma vez que a partir da linguagem é possível presentificar um objeto ausente, transpondo uma representação de um lugar a outro, criando então uma forma imagética e evocando a outras relações para se criar significado.

Se a representação é então parte do processo discursivo, na prática analítica do discurso, o significado representacional trata sobre as categorias de lexicalização e de ‘significado da palavra’; com vista para os adjetivos e escolhas lexicais, interdiscursividade, os atores sociais do texto e transitividade. Ou seja, nos interessa compreender no processo textual como a escolha de determinadas palavras e costuras intertextuais ajudam a construir, manter ou mesmo refutar determinadas representações e significações que pairam no senso comum brasileiro.

Ao enunciar X em detrimento de Y, no processo de escolhas paradigmáticas, o sujeito participa de um processo de escolha (mesmo que não totalmente consciente) que incide diretamente no processo de significação de mundo. Se insere ainda em um processo de ‘anterioridade fundadora’ (Dufour, 2005), onde “as sociedades e as culturas delimitam ‘lugares’, posicionam sujeitos e demarcam fronteiras entre indivíduos com base no jogo diferença *versus* identidade” (Furlani, 2011, p. 54).

2.2.3 Significado acional

Na perspectiva de uma investigação textual, é preciso considerar que “os gêneros são importantes para sustentar a estrutura institucional da sociedade contemporânea – relações estruturais entre governo (local), empresas, universidades, a mídia, etc” (Fairclough, 2003, p. 32, tradução nossa)⁶. Por dispor de uma configuração linguístico-estrutural previamente estabelecida, os gêneros servem como um jogo de ‘forças’ que incidem no comportamento discursivo do sujeito social. Ou seja, nas práticas intersubjetivas, o agente social deve partir de um local discursivo que já está, de certa maneira, estabilizado. Pensemos, por exemplo, nos gêneros jornalísticos que devem respeitar certas hierarquias informativas, normas linguísticas, padrões estéticos etc., para que sejam considerados válidos no meio midiático.

⁶ No original: “Genres are important in sustaining the institutional structure of contemporary society – structural relations between (local) government, business, universities, the media, etc” (Fairclough, 2003, p. 32).

É pelo momento da interação e pela configuração interna dos elementos linguísticos que as pessoas “estabelecem e mantêm relações sociais umas com as outras, buscando influenciar comportamentos, expressar opiniões, solicitar algo ou modificar opiniões e formas de pensar, bem como indicar solidariedade, *status*, poder ou o inverso disso” (Carmo, 2020, p. 77).

Sob a ótica da abordagem crítica do discurso, compreendemos também que, por ser o significado acional uma das formas de produção social do discurso, nele se encontra a relação dialética da ação-interação social, pois é por meio também do discurso (como elemento constitutivo de uma prática social) que o sujeito interage socialmente. E é por esse momento de interação que as práticas sociais acontecem. Não só pelo discurso, mas também pelo gênero, que é possível uma “construção conjunta do mundo realizada dentro e [também] como parte das relações de interação” (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 50). As pessoas então usam dos recursos materiais da língua para produzir significado, agir e interagir socialmente, fazendo disto uma ação habitual do convívio social.

O gênero é então uma forma de interação social, elaborado sob diretrizes estáveis. Isto porque, “o querer-dizer deve limitar-se à escolha de um determinado gênero” (Bakhtin, 1997, p. 302). Eles incidem uma certa regularidade e possibilitam a conformidade e repetição de certos tipos de discurso. Aqui Bakhtin (1985) nos mostra que a diversidade infinita das produções de linguagem e da interação social pautada pela língua não são caóticas, pois “todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo”: os gêneros discursivos. São eles que organizam a fala e mesmo as formas gramaticais, refletindo o meio social dos quais são gerados, e possibilitam uma compreensão entre falantes, ao respeitar certas diretrizes do dizer (Bakhtin, 1997, p. 302).

Mais do que regulações discursivas, eles trazem elementos linguístico-estruturais, fazendo aparecer configurações sistêmicas que permitem a ação-interação social. E por essa razão, para nos aproximar da competência dialética de que trata Fairclough (1999; 2003) e Carmo (2020, p. 100-101), compreendemos que,

conhecendo as diferenças possíveis entre os termos gênero textual e gênero discursivo, optamos pelo termo conjunto gênero textual-discursivo, significando que estão sendo considerados dois momentos de constituição do texto: “(1) seu esqueleto material, isto é, sua arquitetura linguístico-semiótica (materialidade multissistêmica e multissemiótica), e (2) o momento em que se torna, pelo discurso, mecanismo de ação social” (Carmo, 2017, p. 280).

Por essa razão, partimos da teoria de gêneros discursivos em Bakhtin (1997) e encontramos nela uma forte aliada para tratar do aspecto acional do discurso e ainda sobre o processo interdiscursivo que rege a vida social, e que em seu aspecto interacional (por ser subjacente ao discurso), dá também o suporte para a prática social humana. Entretanto, para os objetivos dispostos nesta pesquisa, precisamos compreendê-lo ainda em seu sentido textual, que configura e regula as construções linguísticas e desponta a relação textual e interacional que regia as metafunções de Halliday (1994) e mesmo a função acional em Fairclough (2003).

Por essa razão, a fim de tecer sobre o significado acional, pensando para além dos gêneros discursivos, Fairclough (2003) trata também das predições linguísticas, que nos ajudam a inferir certas redes de significado. Por exemplo, a intertextualidade expõe como os atores sociais criam cadeias significativas de um enunciado para com outros; de como acontece essa flutuações entre os diferentes tipos de discurso; pensar quais textos e vozes externas são incluídas e quais são excluídas para criar significado e justificar o sentido disposto.

Já na perspectiva de análise textual, um enunciado pode pressupor uma determinada informação em um período frasal, e pode ter, ou não, em momento posterior, seu sentido completado (ou não) por meio de um processo de coordenação sintática. Tomemos o exemplo “Parei de fumar, porque estava me fazendo mal”. Esse é um período composto, em que a primeira oração expõe uma pressuposição semântica de que se parou, a pessoa fumou em algum período da vida. A primeira frase (que gera a pressuposição) teve seu sentido completado pela segunda oração, na qual expôs o porquê da ação. Assim, vemos que em um único período há três informações predispostas; 1. a pessoa não fuma mais, 2. a pessoa fumou em algum momento da vida e 3. ela parou porque viu que isto lhe fazia mal, onde a segunda é apreendida a partir de um processo mental de suposição, e a terceira oração serve como justificativa para a primeira.

Nesse processo de suposição discursiva, é possível dispor uma análise sociológica de ideias que perpassam o imaginário popular, ao mesmo tempo que vemos que uma informação pode carregar em si outras significações, que são dadas como predispostas no mundo. Esse ‘jogo’ significativo pode então despertar ‘certezas’ para o interlocutor, uma vez que o enunciado carrega em si um outro sentido, que se cria em forma de certeza e que pode funcionar a partir de um sentido dado no mundo. No processo de pressuposição, podemos

então encontrar um jogo ideológico que posiciona sentidos dados como ‘senso comum’, quando na verdade são assumidos por determinadas vozes (Fairclough, 2003).

Ambas as funções (intertextualidade e pressuposição) evocam sentidos outros; a diferença está na forma com que se faz. A intertextualidade tende a justificar o sentido apontado mostrando, muita das vezes, que este dizer já foi evocado por outra pessoa, como uma forma de reafirmar a posição tomada. Por sua vez, a pressuposição esconde essa voz outra e coloca o sentido como dado no mundo, predispondo algo como verdade absoluta. Nesse preâmbulo, observamos que a intertextualidade estabelece uma cadeia significativa, abrindo espaço para a tessitura de textos e posições, enquanto que a pressuposição tende ao fechamento do sentido, apontando-o como tácito no mundo.

3. INTERAÇÕES TRANSACIONAIS E NÃO-TRANSACIONAIS: A CONFIGURAÇÃO DOS GÊNEROS NA REDE SOCIAL

3.1 A Gramática do Design Visual

Considerando, pois, as diferentes semioses que regem as redes sociais contemporâneas, desejamos também para este estudo uma análise da gramática visual que contemple as manifestações imagéticas das postagens e dos emojis presentes nos comentários. Pensando que as imagens dispõem também de uma configuração social-funcional, observamos que os comentários que aqui serão analisados partem de um significado primeiro que é construído pela própria postagem da página oficial do Governo Federal ou pelas imagens escolhidas para o corpo da notícia. O texto e a imagem são um “todo-parte”, mas um não duplica o sentido do outro (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 111). Ao contrário, cada estrutura e semiose providenciam uma nova informação que terão sentido não apenas nas estruturas internas, mas também na sua relação histórica, cultural e social. (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 123).

Sendo assim, para que tenhamos um alicerce teórico-metodológico na análise de imagens, empenhamos a abordagem metodológica presente no livro “Gramática do Design Visual” de Kress e van Leeuwen (2006), que, tomando por base as metafunções em Halliday (1985), apresentam como as imagens também empregam significados funcionais, estruturais e sociais, compondo o processo discursivo. Isto porque a gramática, para além de uma concepção formal de regras, se apresenta como “um meio de representar padrões da experiência” (Halliday, 1985, p. 101 *apud* Kress; van Leeuwen, 2006, p. 2).

Fazendo um comparativo entre as duas gramáticas citadas acima, vemos que a função ideacional da Gramática Sistemico-Funcional aparece enquanto função *representacional*: é por ela que a semiose constroi os objetos, eventos e participantes presentes na imagem, onde há uma relação interacional entre os elementos da imagem, podendo ser seres vivos ou mesmo objetos inanimados. Já a função *interativa* de Kress e van Leeuwen (2006) se relaciona com os participantes, assim como ocorre na função interpessoal de Halliday (1994; 2004), marcando a relação entre o que é apresentado e quem o vê, sendo este o observador - sujeito real que observa/ lê a imagem disposta. Por fim, na análise de imagens, a função

composicional marca a distribuição e ênfase que ocorre entre os elementos predispostos na imagem (Novellino, 2007).

3.1.1 Função Representacional

No ponto investigativo de imagens, a *Função Representacional* traça dois modos de representação: o narrativo e o conceitual. No processo narrativo, há uma certa história construída entre um ou mais participantes que envolvem ações, gestos e diálogos. Já a construção imagética conceitual tende a uma busca na construção da essência dos participantes e elementos dispostos, com ênfase não mais para uma história a ser contada, mas para o ponto central a ser analisado pelo leitor.

Na análise de imagens narrativas, chamadas de *Representações Narrativas*, encontramos que as ações marcadas por um ator podem ser de Ação não-transacional (ou seja, em que o ator não interage com outro participante e elemento), transacional unidirecional, bidirecional, dos quais envolvem a ação física; ou mesmo Reacional transacional ou não-transacional, que é quando ele produz (ou não) um processo de interação visual para com outro elemento ou participante. Esse processo é apreciado pelo olhar do ator, que pode ser um olhar para outro participante (meta), elemento ou então uma reação não-transacional. Há ainda dentro dos processos narrativos das imagens os processos Mental, Verbal e de Conversão (Kress; van Leeuwen, 2006).

Fazendo um comparativo,

estruturas visuais de representação podem ser Narrativas, apresentando desdobramentos de ações e eventos, processos de mudança, transitoriedade espacial, arranjos; ou Conceituais, que representam os participantes em termos de seus arranjos mais generalizados e essência mais ou menos estável e atemporal, em termos de classe, estrutura ou significado” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 79)⁷.

Nas quais o Processo de ação se desencadeia a partir da ação corporal-gestual dos participantes; já o Processo Reacional condiz com o olhar e a sua direção transacional ou não-transacional dentro da imagem; o Processo Verbal está para as falas dos participantes, em que estes aparecem enquanto atores ativos, e o Processo Mental inclui “processos de percepção, (‘ver’, ‘ouvir’, etc.), processos de afeição (‘gostar’, ‘temer’, ‘desejar’, etc.) e

⁷ Tradução nossa.

processos de cognição (‘saber’, ‘pensar’, ‘acreditar’, etc.)” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 77).

Para além das Representações Narrativas, encontramos também àquelas denominadas *Representações Conceituais*, que dividem-se nos Processos Classificacional e Analítico.

Assim, o Processo Classificacional se assemelha ao processo da taxonomia, ou seja, da classificação de “espécies” do mesmo gênero, como elementos correspondentes. Sendo assim, temos nesse Processo elementos *Subordinados* e um elemento *Superordinado* (podendo estar ou não explícito na imagem). Por exemplo, a imagem abaixo (figura 01), possui elementos similares subordinados, dos quais correspondem a um outro elemento superordinado, que pode ser um ofício, um produto ou grupo, por exemplo. Mas que neste caso não está explícito, sendo então uma estrutura marcada por uma Taxonomia Encoberta.

Figura 01 - Imagem encontrada na busca de imagens do Google através da pesquisa “refugiados Brasil”.



Fonte: MigraMundo, 2019.

Como prática subjacente a este tipo de estrutura imagética, os elementos na imagem possuem um tamanho aproximado, com cores semelhantes, espaçamento sincronizado, posicionados de modo frontal e objetivo, com um fundo neutro. Esse tipo de imagem tende a uma naturalização de elementos, como se estes fizessem parte de um todo, de uma prática ou visão universal (Kress; van Leeuwen, 2006). Já as *taxonomias aparentes*⁸ tendem a criar cadeias de sentido dentro da imagem, tendenciando a uma hierarquia, de modo que estas

⁸ No original: “Overt taxonomies” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 80).

possuem “níveis, e os participantes no mesmo nível são representados como sendo, em algum sentido, 'do mesmo tipo'” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 80).

Um outro tipo de Processo Classificacional ocorre por meio de *fluxogramas*, em que estes “descrevem o mundo em termos de um processo ativamente perseguido com um início e um fim claros [...] têm uma progressão sequencial e é orientada por objetivos” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 84).

Já em uma imagem que dispõe de um Processo Analítico, observamos que ela envolve os participantes em uma estrutura “parte-todo” com um portador (que é o todo) e seus respectivos elementos de *atributos possessivos* (que são as partes). Assim, diferente de uma representação narrativa, no processo analítico não há uma ação direcional sendo executada, e por isso há a ausência de vetores e linhas que indiquem ação entre os elementos da imagem. Nesse processo, há uma tendência para uma interação com o leitor-observador, pela qual a “parte-todo” interage diretamente com o leitor (Kress; van Leeuwen, 2006). Os autores citam que as fotos de ensaio de moda são exemplos de imagens analíticas, em que o portador (a modelo) e seus respectivos atributos possessivos fazem parte de um todo que se direciona a quem o vê - observe que como no exemplo abaixo (figura 02), não há vetores indicando ação, comunicação ou interação para com outros elementos, a fim de se construir uma narrativa.

Como marco desse tipo de processo, imagens analíticas também não possuem muitos detalhes, dando ênfase apenas para os elementos essenciais dos atributos possessivos. Por ser construída de modo a enfatizar o todo-parte que está no centro da imagem, “o processo analítico é o usual, o “não marcado” e, portanto, também a opção mais elementar no sistema visual de representação – um “isto é” visual” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 91). Por essa razão, eles tendem a seguir um padrão de cores com poucos elementos. Não há perspectivas de fundo, iluminação e sombras e o plano de fundo se apresenta como neutro, a fim de que o foco se dê para a “parte-todo” (portador e atributos possessivos) da imagem. O que também a diferencia de uma imagem com um Processo Classificacional, uma vez que esta tende a uma simetria de elementos, seguindo a uma “árvore” das similaridades (Kress; van Leeuwen, 2006).

Figura 02 - Imagem encontrada na busca de imagens do Google através da pesquisa “refugiados Brasil”.



Fonte: Câmara dos Deputados, Brasil, 2018.

Por fim, ainda sobre os *Processos Conceituais*, os autores esmiuçam o *processo simbólico* de imagens conceituais, que “dizem respeito ao que um participante significa ou é” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 105). Nesse processo, o portador pode ser o participante cujo atributo simbólico de sua identidade é marcado por algum outro elemento (como um telescópio, vestimenta, formato do rosto, cor dos olhos ou da pele, por exemplo), como também ocorre na imagem acima.

Geralmente, nesse tipo de imagem o portador está próximo ao observador, por onde os atributos simbólicos podem ser “apontados por meio de um gesto que não pode ser interpretado como uma ação além da ação de “apontar o atributo simbólico para o espectador” (*ibidem*). Assim, ele está interagindo tanto com o atributo simbólico, quanto com que o vê - é um processo comumente utilizado em propagandas, visto que a imagem tem por foco a relação identitária dos participantes apresentados (sejam eles seres animados ou inanimados). Outras vezes, o atributo simbólico aparece como forma de constituição da identidade primeira do participante representado (como a vestimenta, conforme citamos acima).

3.1.2 Função Interativa

Nesta função, a interação a ser investigada não mais diz respeito aos elementos e participantes presentes na imagem (participantes representados), mas sim à

interação-comunicação que há entre os produtores e os observadores através da imagem (participantes interativos). Aqui, não diferente do que é pensado nas teorias críticas do discurso, vemos que os participantes interativos

são pessoas reais que produzem e dão sentido às imagens no contexto de instituições sociais que, em diferentes graus e de diferentes maneiras, regulam o que pode ser "dito" com imagens, como deve ser dito e como deve ser interpretado (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 114).

Além disso, os autores apontam ainda mais uma categoria da interação semiótica: a que ocorre entre os participantes interativos (seres humanos) e os participantes representados (elementos da imagem) (*ibidem*). Não à toa, quando um participante interativo registra uma fotografia própria ou de outro, este passa a ser uma representação.

Quando o participante representado na fotografia aparece próximo à moldura da imagem, olhando diretamente para o observador, cria-se uma conexão (mesmo que imaginária) entre os participantes representados e interativos, e essa conexão traz uma pessoalidade, gerando, por exemplo, o sentido de identidade, admiração ou reconhecimento para com a representação dada ao observador. “O olhar do participante (e o gesto, se presente) exige algo do espectador, exige que o espectador entre em algum tipo de relação imaginária com ele” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 117-118). Cada expressão do participante representado pode desencadear uma reação do participante interativo. Em uma imagem, o participante representado ao sorrir, convida, por exemplo,

o espectador a entrar em uma relação de afinidade social com ele; Eles podem olhar para o espectador com frio desdém, caso em que o espectador é convidado a se relacionar, talvez, como um inferior se relacionam com um superior; eles podem seduzir o espectador, e nesse caso, pede-se ao espectador que os deseje (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 118).

Enfim, vemos que as imagens analíticas conceituais em que a presença do elemento representado está próximo ao quadro fotográfico, olhando para o observador, tendem a uma conexão, um pedido ou mesmo uma demanda. Por isso que aqui a interação acontece diretamente entre observador-representado, mediando, ainda, uma interação para com o produtor da imagem: aquele que realmente deseja algo do outro.

Para além da postura visual e gestual do participante representado, a posição dele de acordo com o quadro (se está próximo, aparecendo o rosto e ombros; em posição mediana,

com recorte na cintura; ou afastado, mostrando todo o corpo⁹) representa uma escolha de “retratar se eles estão próximos ou distantes do observador” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 124). Sendo assim, conforme apontado por Hall (1964 *apud* Kress; van Leeuwen, 2006), quando se deseja criar a proximidade entre o participante interativo e representado, é preciso um recorte aproximado, pois ele irá trazer a intimidade, já uma distância social corriqueira, observamos as pessoas a partir da visão afastada, observando todo o seu corpo. Os autores explicam então que a distância depende da relação social que se estabelece ou que se deseja estabelecer com o outro. A questão principal aqui é que “a relação entre os participantes humanos representados em imagens e o espectador volta a ser uma relação imaginária. As pessoas são retratadas como se fossem amigos, ou como se fossem estranhos” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 126).

Observe, por exemplo, a imagem abaixo (figura 03), cujo o participante representado não interage com nenhum outro elemento, apenas com o observador. É característico nesse tipo de enquadro a ausência de cores e sombras ao fundo, com foco de iluminação central ao rosto do participante. Neste exemplo, podemos observar que os participantes olham diretamente para o observador, que estão próximos do enquadramento e com o fundo embaçado, trazendo o foco para a expressão e interação entre participantes e observador. Os olhos estão e ângulo estão retos, o que gera o sentimento de igualdade, há também um leve sorriso no participante da direita, que gera uma maior interação para com o observador.

⁹ No original encontramos os termos “frame”, “close-up”, “medium shot”, “long shot” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 124).

Figura 03 - Imagem encontrada na busca de imagens do Google através da pesquisa “refugiados Brasil”.



Fonte: Ministério da Justiça e Segurança Pública, Brasil, 2022.

Uma outra maneira de consolidar o tipo de interação entre os participantes envolvidos está na perspectiva disposta na imagem. Por meio do ângulo ou mesmo ponto de vista escolhido, cria-se a “possibilidade de expressar atitudes subjetivas” dos participantes representados (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 129), além de decidir qual perspectiva se deseja focar no momento do recorte. Essas atitudes são predispostas nas imagens como subjetivas e mesmo únicas daqueles que se apresentam, mas são, na verdade, atitudes determinadas socialmente, no desejo de parecerem naturais (ibidem). Não à toa, a perspectiva criada na imagem fará jus também ao ambiente que se deseja mostrar, com uma relação direta com o(s) participante(s) representado(s), por isso, mesmo que a atitude pareça natural, ela é moldada a partir do espaço disposto.

Nesse jogo, dois tipos de imagens se tornaram comuns no meio ocidental (Kress; van Leeuwen, 2006): a *imagem subjetiva*, onde o observador pode ver apenas no “pouco” que o é apresentado por meio da imagem, a partir de um único ponto de vista previamente escolhido; e a *imagem objetiva*, em que o observador consegue ver tudo o que há para ser visto, tanto dos participantes, quanto demais elementos e plano de fundo. Aqui é interessante refletir que nas imagens subjetivas, “o ponto de vista é imposto não apenas aos participantes representados, mas também sobre o espectador, e a 'subjetividade' do espectador é, portanto, subjetiva no sentido original da palavra, o sentido de 'estar sujeito a algo ou alguém' (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 131).

Pensando também nos ângulos escolhidos, uma imagem criada na linha horizontal paralela, tirada no ângulo frontal, mostra que o observador, produtor e participantes representados estão em uma mesma perspectiva, alinhados frente a frente, por exemplo, criando a sensação também de envolvimento. Já uma fotografia ou imagem com ângulo oblíquo tem uma captura inclinada com relação ao objeto disposto, modificando assim a perspectiva do objeto. A diferença principal entre essas duas perspectivas, explicam os autores, está na ideia de que “o ângulo frontal diz, por assim dizer: ‘O que você vê aqui é parte do nosso mundo, algo que nós estamos envolvidos.’ O ângulo oblíquo diz: ‘O que você vê aqui não faz parte do nosso mundo; é o mundo deles, algo com o qual não estamos envolvidos’”, criando uma distância entre o observador, o participante e as ações dispostas por ele. (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 136).

Entretanto, uma mesma imagem pode trazer diferentes ângulos, a depender da perspectiva que se deseja criar, dando ênfase para alguns elementos e chamando a atenção do leitor para algum ponto específico. Essa prática marca um ponto de estudo tanto na função interativa, quanto na função composicional (como veremos na subseção abaixo), pois pelo ponto de vista criado, tem-se escolhas do que se deseja chamar atenção, criar como dado (tema) e como novo (rema), além de predispor para o observador um tipo de interação com a leitura da imagem. Há também àqueles que condizem com a linha vertical: o *ângulo vertical baixo* cria a sensação de poder, de superioridade para participante representado com vistas para quem o observa, enquanto que o *ângulo vertical alto* gera a sensação de poder do observador para com o participante, esta perspectiva tende a diminuir o participante. Por sua vez, se o contato/ ponto de vista ocorre pela linha dos olhos, cria-se a ideia de igualdade, retirando a sensação de poder. Assim, essas linhas de percepção podem variar em escalas, sendo então comandadas pela posição da lente, ou apenas pela projeção do olhar ou do rosto do participante representado, a fim de criar uma sensação maior ou menor de poder para com o observador.

Já para imagens com elementos como mapas, utensílios, objetos técnicos ou científicos, temos uma atitude objetiva. O que pode influenciar em um ponto de vista para o observador, dependerá, muitas das vezes, do ângulo escolhido. Para esse tipo de imagem, o ângulo frontal pode representar, por exemplo, a perspectiva da ação, mostrando ao observador como algo funciona, como ele é. O observador “é orientado para o conhecimento ‘teórico’ e objetivo” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 145). Quando os elementos, por sua vez, são

dispostos em ângulos oblíquos (como os laterais, baixo ou alto), eles tendem a levar o observador para uma ‘narrativa’, mostrando o que deve ser observado com maior atenção, mudando então a perspectiva de quem o vê.

3.1.2.1 Modalidade

Assim como na análise linguística, no estudo das imagens precisamos compreender que não há certo ou errado, verdadeiro ou falso, mas sim um significado predisposto pelo produtor que cria uma polarização dos elementos presentes. O que se tem a partir das imagens são pontos de percepção ou sinais-marcadores (como a saturação, detalhe, perspectiva ou cores nas imagens) que tratam do comprometimento da informação a ser passada.

Na análise visual, a polarização da modalidade se dá para aquilo que se assemelha mais ou menos ao real. Conforme explicado pelos autores Kress e van Leeuwen (2006), quanto menor a fidelização representativa do objeto ao mundo real, quanto menos detalhes, cores e saturação, quanto maior for o nível de abstração dos elementos dispostos, menor é o nível da modalidade. Assim, ao pensar em tipos de imagens, podemos pensar que diagramas podem ser menos reais do que fotografias, quando comparados ao que vemos a olho nu. Entretanto, como característico dos recursos tecnológicos mais recentes, é possível criar, por exemplo, imagens por inteligência artificial, sobrepondo o ideal ao real, e mostrando-nos que a modalidade é uma relação interpessoal, visto que as polaridades do real ou não-real podem aparecer também enquanto perspectivas criadas, já que “as definições de realidade também estão ligadas às tecnologias de representação e reprodução” (Kress; van Leeuwen, 2006, p.158).

O uso da modalidade não é apenas intersubjetivo, pensado na função ideacional, como proposto por meio de verbos, mas também interpessoal (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 155), pois ela pode ser construída a partir de marcações que “não expressa[m] verdades absolutas ou falsidades; produz verdades compartilhadas alinhando leitores ou ouvintes com algumas declarações e distanciando-os de outras. Serve para criar um 'nós' imaginário” (ibidem). Não diferente, na perspectiva criada em uma imagem,

os recursos visuais podem representar pessoas, lugares e coisas como se fossem reais, como se fossem realmente existem dessa maneira, ou como se não existissem – como se fossem imaginações, fantasias, caricaturas, etc. E, também aqui, os julgamentos de modalidade são sociais, dependentes de o que é considerado real (ou

verdadeiro, ou sagrado) no grupo social para o qual a representação é principalmente intencional (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 156).

Por essa mesma razão, a modalidade pode aparecer a partir dos recursos visuais propostos pelo produtor. Para cada objeto que ele deseja criar maior detalhe, saturação, ele estará se comprometendo com o nível alto da modalidade - visto que busca uma semelhança ao realismo. Por sua vez, se este se compromete a traçar pontos com menos cores, perspectivas e com objetos abstratos, teremos um nível baixo da modalidade disposta, pois a sua polarização terá equivalência ao grau de maior ou menor comprometimento com o objeto dado no mundo.

3.1.3 Função composicional

Com o estudo da composição, os autores empreendem uma investigação multimodal acerca de diferentes semioses que podem compor uma imagem (como um desenho, fotografia, gráficos e textos verbais). A disposição dos participantes e dos elementos podem então interferir no sentido criado, a depender da posição (alto, baixo, direita ou esquerda); da circular do sentido (escrita da direita para a esquerda, ou dividida em tópicos, por exemplo); tanto quanto nos valores informativos (do que se enfatiza em detrimento de outro), a depender do jogo de luzes, ângulo ou aproximação do quadro; e também dos elementos que são apontados como “dado” (posicionado no lado esquerdo) ou “novo” (lado direito) no sentido da informação. O que se deseja aqui não é, portanto, uma análise separada de cada elemento, a função composicional deve ser pensada como a análise multissemiótica, em que todos os elementos significam juntos.

Deste modo, nas palavras dos autores, a função composicional interage com as funções representacional e interativa a partir da disposição dos elementos, emitidos por *valores da informação*, ou seja, o local em que estão e como se dá a interação destes elementos para com eles próprios e também para com o observador. No mesmo percurso, a partir da *saliência*, que condiz com a atenção do observador: cada participante receberá um grau de atenção maior ou menor, a depender do jogo de luzes, posição (frontal, mediana, distante), cores e tamanho. E também com o *enquadramento* dos participantes, pois a partir da criação de ângulos e linhas, pode parecer que um interage com o observador, enquanto outro não. Ou mesmo na percepção e na visão que se pode alcançar de cada participante, fazendo parte ou não do enquadre principal da composição.

Na distribuição dos elementos, as informações trazidas ao lado esquerdo da composição multissemiótica geralmente trazem a informação “dada”, ou seja, aquela que já é considerada cultural ou socialmente conhecida. Por sua vez, informações apresentadas ao lado direito, indicam a informação que ainda não é conhecida pelo observador, ou não é totalmente aceita e precisa ser acordada entre eles, e, portanto, aparece “como algo ao qual o espectador deve prestar atenção especial” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 181). Esse tipo de configuração pode ainda ser considerado ideológico, pois é dado como tácito no mundo, mas não há um verdadeiro acordo entre produtor e observador, visto que esse tipo de disposição de elementos traçam o sentido de que “o significado do Novo é, portanto, 'problemático', 'contestável', 'a informação "em questão"', enquanto o Dado é apresentado como senso comum, auto-evidente” (ibidem).

Pensemos, por exemplo, na imagem abaixo (figura 04), retirada do jornal CNN Brasil: o jogo de luzes, o tamanho do quadro e o recorte dos participantes em ângulo obtuso, trazem uma maior saliência para o texto verbal, do que para os participantes representados. Conforme apontamos na seção 4.2.1.2, este tipo de fotografia distancia o observador e o produtor dos participantes, apontando sua ação como se estes estivessem fora de alcance. E, no mesmo sentido, o tamanho das letras dispostas no texto verbal e a posição ao lado direito da imagem indicam que a informação verbal aparece enquanto informação “dada”, enquanto que a imagem aparece como informação “nova”, capaz de orientar melhor o observador sobre a notícia. Além disso, a contar da data de publicação da notícia no ano de 2023 e a informação sobre a deportação, é possível inferir que esta notícia já se trata de um fato comumente conhecido no cenário brasileiro.

Figura 04 - Imagem encontrada na busca de imagens do Google através da pesquisa “refugiados Brasil”.



Fonte: CNN Brasil, 27 set. 2023.

3.1.3.1. O “real” e o “ideal” nas imagens

Visando por outro ângulo, a linha vertical das composições multissemióticas podem inferir a ideia do “real” e “ideal”, de modo que, o ponto alto da figura indica o ideal, aquilo que ‘pode ser’, ou o ‘que se deseja’ mostrar, apelando mais para o lado emotivo da projeção; já a parte inferior do corte vertical mostra o real, aquilo ‘que é’, a informação mais técnica e sólida (Kress; van Leeuwen, 2006). Esse ‘jogo’ composicional pode inferir em uma maior atenção do observador, uma vez que ele é chamado primeiro para a idealização da configuração disposta.

Pensemos, pois, nas chamadas televisivas, como exposto no exemplo abaixo (figura 05): a imagem ocupa a maior parte do quadro e trazem a atenção para ela, na idealização da mensagem, já a parte inferior, o texto verbal, apresenta-se como o “real”, a explicação. Se um texto ocupa a posição elevada “ideal”, ele tende a aparecer então como o papel principal, a chamada da informação e a imagem, logo abaixo, se apresenta como o “real”, especificando o texto primeiro ou criando evidências, por exemplo (ibidem).

Figura 05 - Imagem encontrada na busca de imagens do Google através da pesquisa “refugiados Brasil”.



Fonte: Página Oficial do jornal Agência Brasil na rede social *Facebook*.

Em termos comparativos, podemos pensar que “na semiótica visual ocidental, então, o sintagmático é o domínio do processo de semiose, e a estrutura de cima para baixo, o resultado e o registro da semiose, o reino da ordem, o paradigma, a representação mimética da cultura” (Hodge e Kress, 1988 apud Kress; van Leeuwen, 2006, p. 191-192).

O mesmo ocorre com a centralização ou marginalização dos participantes representados: quando se centraliza um participante (humano ou não), ele tende a ser o núcleo da figura, enquanto que os demais elementos da imagem são, de certa maneira, dependentes, “subservientes” a ele, para o completo sentido proposto (mesmo que estes elementos possam sofrer uma hierarquia, como em imagens circulares) (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 196). E, por isso, na tomada de decisão, esse tipo de disposição pode também enfatizar os sentidos de “dado” e “novo”, “ideal” ou “real” em uma figura.

Que irão depender, por sua vez, da *saliência* disposta sobre cada elemento. Como exemplo, em certos textos multissemióticos, pode-se criar maior ênfase para a informação

“dada”, enquanto que outros podem enfatizar o “novo”; o mesmo equivale para o “real” e “ideal”. Essa saliência irá depender do “peso” que se dá para cada elemento dentro da composição, como no tamanho do texto ou imagem, luzes dispostas, perspectiva criada, diferença de contraste, ou mesmo escolha dos participantes (como uma figura pública, idealização cultural etc.), e assim, “ser capaz de julgar o peso visual dos elementos de uma composição é ser capaz de julgar como eles 'equilibram’”, como o sentido é construído ao longo desses elementos e quais são postos com maior ou menor ênfase para o observador (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 202).

Diante dessas proposições dadas pelos autores, conseguimos perceber, portanto, para além do viés semiótico, as marcas sociais e culturais dispostas em algumas imagens, uma vez que conseguimos perceber o que é colocado como “dado” ou “novo”, o que deve ser posto em evidência e quais elementos devem tender ao ponto máximo da modalidade (Kress; van Leeuwen, 2006). Em uma investigação multissemiótica, combinada com teorias sociais, é possível tecer uma relação entre as disposições dos elementos para com certos valores, crenças, práticas culturais e mesmo sociais discernentes nas redes sociais no Brasil.

3.2 Processo de distribuição e consumo de textos

3.2.1 A prática discursiva e os processos de costura dos sentidos

Seguindo os preceitos linguísticos de Halliday (1994; 2004), na obra “Discurso e Mudança Social” de 1992 (traduzida e editada pela Unb em 2016), Fairclough apresenta que se a linguagem é uma forma de interação e um produto que acontece no entremeio das possibilidades linguísticas e do social, precisamos tecer uma análise que respeite esses processos.

Por meio do quadro tridimensional (que compreende a prática textual, a prática discursiva e a prática social), o linguista apresenta três categorias de análise, que juntas permitem investigar fenômenos discursivos pós-modernos, empenhados a partir do aspecto funcionalista da linguagem. Nessa obra, Fairclough deixa claro o interesse de uma pesquisa que pense o político e o social por meio de uma análise textualmente orientada, e que

considere esse processo analítico também como uma reflexão teórica que possibilite mudanças sociais. Sendo assim, como parte dos estudos da distribuição e consumo de textos e discursos, empreendemos uma explicação acerca da prática discursiva: que, segundo a abordagem de 1992, é parte constitutiva de uma prática social, empenhada a partir de elementos linguísticos, e que compreende também a prática textual.

Ao pensar a prática textual, discursiva e social, pensamos, respectivamente, a disposição linguística, os eventos discursivos (que são os textos ou objetos semióticos) e as demais práticas que regem a vida social, tais como ações, crenças, instituições etc. (das quais são, por sua vez, práticas políticas e ideológicas). Como exemplo, temos a sala de aula: os discursos pedagógicos são parte desse *locus* social, mas outras práticas também compõem esse meio, sejam elas a disposição das carteiras, a hierarquia institucional, as regras comportamentais, as tomadas de turno etc. Momentos estes que são, segundo abordagens mais recentes do pesquisador, igualmente importantes para uma análise da prática social.

Não à toa, o processo de interpretação que envolve a produção e consumo das práticas discursivas fornece melhor compreensão para a prática analítica, pois se o processo de interpretação do sujeito acontece no entremeio dos processos linguísticos (desde a compreensão do vocabulário até a configuração textual), junto da costura de significados que se tem a partir de um senso comum, o mesmo deve fazer um analista do discurso: tomar, a partir da análise textual (ou seja, da análise linguística), cadeias de sentido que se costuram no processo sócio-histórico e que se ligam a práticas discursivas e sociais anteriores.

O processo de interpretação dos textos exige, assim, uma compreensão acerca dos processos conjunturais em que foi produzido e recebido. O que torna importante um estudo do contexto que rege o social e mesmo dos sujeitos sociais que participam do processo discursivo, a fim de investigar melhor o significado depreendido de determinada sentença. Essa prática se justifica quando sabemos que uma frase pode proclamar diferentes significados, a depender do contexto em que se enquadra.

É preciso observar quais processos semânticos, políticos e ideológicos, os sujeitos se filiam para gerar a produção de significado: esse tipo de investigação condiz com a que rege sobre o processo de produção e consumo das práticas discursivas. Por onde há processos sociocognitivos que se assemelham a um ‘senso comum partilhado’ (Fairclough, [1992] 2016, p. 104), nos quais os falantes procuram construir significados.

Por isso, ao investigar o processo “presente” das práticas de distribuição e consumo de determinados discursos, devemos investir um olhar também para o “passado” que sustenta esses dizeres (e ações). Não diferente, é preciso compreender o processo da interdiscursividade como

fenômeno de linguagem que se fundamenta na concepção de alteridade, ou seja, nas relações pelas quais, pela linguagem, interagimos com o outro, em termos sociodiscursivos. Estamos tratando de um fenômeno que deve ser tomado para reflexão em termos de sua natureza constitutiva nas práticas discursivas (já que, como dissemos, é impossível pensar em discurso independente de outros discursos) (Irineu; Souza; Garantizado Júnior, 2018, p. 284).

Ou seja, no processo da produção e consumo dos textos, os sujeitos criam “contratos” de sentidos que respeitam e seguem certas costuras intertextuais e interdiscursivas quando se filiam a determinados textos ou processos interdiscursivos. Isso porque, “o acontecimento na vida do texto, seu ser autêntico, sempre sucede nas fronteiras de *duas consciências*, de *dois sujeitos*” (Bakhtin, 1997, p. 334, grifos do autor). Enquanto que o processo de distribuição nos exige um olhar para a intermediação discursiva e mesmo a proposta de compartilhamento desses discursos/ sentidos (conforme veremos na seção a seguir) como forma de legitimação de certos discursos e crenças a eles vinculadas.

Considerar, pois, uma análise do discurso, é considerar sempre o uso da linguagem como uma prática social compartilhada. Mesmo que pareça repetitivo, é importante salientar essa prerrogativa, visto que analisamos falas individuais, mas estas devem ser sempre consideradas como uma prática que faz parte do social, pois “a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias na cabeça das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas” (Fairclough, 2016 [1992], p. 97).

E se o signo é uma construção social disposta no sistema linguístico, “a palavra (e em geral, o signo) é interindividual. Tudo o que é dito, expresso, situa-se fora da “alma”, fora do locutor, não lhe pertence com exclusividade” (Bakhtin, 1997, p. 351). Ou seja, considerar o ‘desempenho individual’ dos comentários que serão aqui apresentados, é, ao mesmo passo, considerá-los como uma prática que faz parte do jogo social, que evoca crenças e práticas que pairam no “imaginário” brasileiro.

Assim, no momento do discurso, na prática simultânea dos três significados, observamos que, no geral, no momento da “interação comunicativa, as pessoas não

representam o mundo abstratamente, mas no curso para os fins de suas relações sociais com outros e sua construção de identidades sociais” (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 41 [tradução nossa]), ou seja, elas complementam e significam a partir de diferentes práticas sociais e tipos de discursos que delas são (muitas vezes) nocionais, construindo uma rede interdiscursiva a partir da interação social (ibidem).

3.3 O processo de hibridização dos gêneros textuais-discursivos

Voltando aos estudos do filósofo, temos que “ao lado dos gêneros padronizados, existiram, e continuam a existir, claro, gêneros mais livres e mais criativos da comunicação verbal oral” (Bakhtin, 1997, p. 304). E se então as estruturas dos gêneros servem como um ponto mesmo de reprodução de certas ações discursivas e sociais, vemos que é característico da atualidade a recontextualização e hibridização dos gêneros.

Essa constatação nos mostra uma outra relação dialética existente entre os eventos sociais (textos) e as estruturas sociais (língua ou cultura de um país, por exemplo). Por isso, se as condições de produção e mesmo as lutas de poder funcionam por meio de ações textuais (lendo como gêneros textuais-discursivos), estas podem também modificar e interferir uma dada conjuntura.

Fairclough e Chouliaraki (1999) exemplificam este fenômeno pós-moderno com o processo da “comoditização discursiva”, que é como um “apêndice” da economia capitalista que afeta outras áreas (como a linguagem), e que mostra como a influência do discurso mercadológico extrapola o espaço econômico e chega a outros espaços sociais, em outras práticas sociais, as quais influenciam também nas configurações discursivas.

É importante ressaltar que há aí uma naturalização dessas práticas. Que ocorre quando alguns tipos de discurso particulares são atravessados por ideologias do discurso mercadológico. Seja pelo uso de um léxico específico, pelo gênero adotado ou pela prática de promoção de um determinado assunto.

Esse processo, que acontece por meio do hibridismo dos gêneros, permite amplificar o marketing e a linguagem econômica para diferentes áreas, sejam eles sociais ou linguísticos. Por isso é preciso se ater ao fato de que o hibridismo pode possibilitar novas configurações nas práticas sociais e levar a novos caminhos, ao mesmo tempo em que pode fomentar

estratégias de dominação de determinados discursos ideológicos, como no caso do discurso capitalista/ econômico.

Esse processo de hibridização dos gêneros nos interessa particularmente, pois como será apontado em seções seguintes, o comentário das mídias sociais trabalha com diferentes símbolos multissemióticos; onde há textos (formais e informais), imagens, emojis e reações sociodiscursivas. Sem uma formação completamente fechada, o comentário serve como um espaço de manifestação social.

3.4 As diferentes práticas semióticas contemporâneas das mídias sociais

Marcuschi (2010), em seu livro “Da fala para a escrita”, explica que estudar a relação da comunicação oral para a escrita deve ser feita para além do estudo do código, considerando-a como um conjunto de práticas sociais, isso porque, independente da modalidade falada ou escrita, elas “são modos de representação cognitiva e social que se revelam em práticas específicas” (p. 35). E, se assim, essas relações variam de acordo com a pretensão comunicativa e mesmo com a modalidade, o mesmo acontece para a comunicação on-line. Se em gêneros formais (como o e-mail, documentos e leis) tem-se o uso padronizado da linguagem escrita padrão, a comunicação on-line não formal busca transpor a linguagem oral coloquial, a depender da sua pretensão de uso no ambiente virtual. Ela engaja diferentes recursos semióticos e/ou utiliza dos recursos gráficos para dispor de uma maior interação comunicativa.

Por isso, nas interações cotidianas on-line, os sujeitos passaram a incorporar recursos paralinguísticos para engajar a pretensão emocional, comumente dispostas na oralidade. Se nesta modalidade utilizamos de recursos como tom de voz, gestos corporais e expressões faciais para indicar sentimentos como espanto, raiva, tristeza, ironia ou mesmo indicar a fala de outra pessoa, o mesmo passou a ser feito no meio on-line. Em meados dos anos 2000, principalmente, após a popularização dos chats de interação on-line, usuários utilizaram de elementos gráficos para performar recursos paralinguísticos e tecerem marcas emocionais às suas conversas. Algumas palavras foram abreviadas, outras estendidas, assim como o uso do acento foi substituído por outras letras, o uso da letra maiúscula, elementos gráficos como (?), (!), (...), (*) e a presença repetida de letras em uma palavra podem indicar diferentes marcas, a depender do contexto da conversa e da intenção do sujeito.

As redes sociais que hoje dispõem de diferentes recursos para indicar a pretensão emocional do sujeito, engajaram o uso de *emojis*, figurinhas (como no WhatsApp), GIFS e reações de interação (como as comumente utilizadas na rede social Facebook) para facilitar a interação entre esses usuários. Essas ferramentas vieram para substituir as formações gráficas que os usuários utilizavam em redes sociais mais antigas, como o *Orkut*, MSN ou salas de *bate-papo*. Como exemplo, podemos observar que até hoje os usuários utilizam o sinal (!) para enfatizar o dito, ou mesmo de diversos pontos de interrogação para expressar pressa na resposta. No entanto, formações gráficas como “<3” para indicar sentimento, “:)” “:D” para marcar felicidade ou mesmo tristeza com “:(” são cada vez menos recorrentes, dados os recursos semióticos disponibilizados pelas redes sociais.

Essa relação torna-se interessante para nós, quando observamos que há uma diferença entre os recursos linguísticos usados nas duas plataformas (*Facebook* e espaço dos comentários em notícias). Conforme destacamos na seção de análise, pela disponibilidade de recursos fornecidos pela empresa Meta, os usuários utilizam das ferramentas semióticas junto ao texto escrito (configurando uma prática multimodal) ou mesmo utilizam apenas da modalidade imagética desses *emojis* ou GIFS para se comunicarem. Por sua vez, na ausência desses recursos na aba de comentários das notícias, os usuários recorrem então ao uso exagerado de elementos gráficos para simularem emoções ou gestos pretendidos durante a interação.

Seja por meio de imagens ou elementos gráficos, os usuários utilizam de recursos multimodais para indicar emoções durante a comunicação. Por isso, nas tramitações do mundo tecnológico, devemos considerar também que os significados identificacional e acional do discurso aparecem também em outras produções semióticas e não apenas no código linguístico formal, como na escolha de palavras.

4. MATERIALIDADE, TIPOS DE DISCURSO E IDEOLOGIA: O QUE ESSA VOZ OUTRA PODE NOS DIZER?

4.1 Percurso teórico das ordens do discurso pela ACD

Como modo de regulação da vida social, as ordens do discurso funcionam como mecanismos de controle da produção de discursos e mesmo de modos de agir. São “uma ordenação social particular das relações entre os vários modos de construir sentido, isto é, os diversos discursos e gêneros. Um aspecto dessa ordenação é a dominância: algumas maneiras de construir sentido são dominantes ou estão em voga para certas ordens de discurso; outras são marginais, subversivas, alternativas” (Melo, 2012, p. 308).

Nas palavras de Foucault (1996), ordens do discurso são procedimentos e delimitações que aparecem dentro do próprio sistema linguístico, mas também fora dele; são as limitações fundamentadas pelas ordens sociais, estruturais e institucionais que permitem o controle dos discursos. E esses controles, por sua vez, podem respeitar a uma ordem local ou mesmo global, e podem transformar o significado, certas representações e mesmo ações sociais (Jaramillo, 2012).

Apoiado então na teoria de Foucault (1996), Fairclough (2003) esclarece-nos que as ordens do discurso aparecem enquanto tipos de discurso, os quais incidem nas representações de mundo, em que estas, por sua vez, tendem a uma regulação discursiva. Isto posto, observamos, por exemplo, que o cidadão refugiado pode ser representado por diferentes redes discursivas, como a política, legislativa ou identitária. Ou seja, para diferentes práticas sociais que se dinamizam entre redes de práticas, encontramos regulações discursivas concernentes a elas, de modo que as (redes de) ordens do discurso são concebidas dinamicamente com foco nos limites, mudanças e fluxos que há entre elas (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 59).

A saber, “há sempre muitas possibilidades diferentes na linguagem, mas a escolha entre elas é socialmente estruturada” (Chouliaraki; Fairclough 1999, Fairclough 1992, 1995b, Foucault, 1984 *apud* Fairclough, 2003, p. 220), onde essas combinações particulares são dispostas em gêneros, discursos e estilos discursivos. Para tanto, empreendemos para esta pesquisa o sentido dado por Fairclough (2003, p. 24), de que uma

ordem do discurso é uma rede de práticas sociais em seu aspecto de linguagem. Os elementos de ordens de discurso não são coisas como substantivos e frases (elementos de linguagem estruturais), mas discursos, gêneros e estilos. Esses elementos selecionam certas possibilidades definidas pelas línguas e excluem outras – controlam a variabilidade linguística para determinadas áreas da vida social. Então, ordens do discurso podem ser vistas como a organização social e o controle da variação linguística.

Na perspectiva analista, podemos tecer, logo, que uma representação discursiva pode então se filiar a diferentes aspectos materiais, sociais e mesmo institucionais que regem a vida social, nas quais tendem a apresentar uma certa regulação discursiva, que indica quem, quando, onde, como e porque alguém pode falar, a depender da conjuntura sócio-histórica em que se dispõe.

Para modos de explicação, podemos tomar os espaços médicos e pedagógicos como instituições que possuem tipos discursivos regulados. Pensemos, por exemplo, na regulação hierárquica que há entre médico e paciente, professor e aluno; e mesmo na “exigência” à norma culta e certos tópicos frasais que pairam sobre esses ambientes. Há nesses locais, fronteiras que predizem o que pode e deve ser dito, além de tópicos que já são nocionais a eles. (Fairclough, 1992 [2016]; 2003).

Para a manutenção do poder e mesmo para o funcionamento dessas ‘predições’ é importante ainda que essas ordens do discurso estejam em uma relação de harmonia umas com as outras, a fim de tornar essas regulações naturais e não contraditórias (Fairclough, 2016 [1992], p. 100). Nesse percurso, as práticas e representações sociais são, pois, reguladas por ordens do discurso que seguem uma cadeia que deseja a harmonia, a fim de possibilitar a manutenção das estruturas sociais.

Como exemplo, temos que “as transformações do novo capitalismo podem ser vistas como transformações na articulação das práticas sociais, que incluem transformações nas ordens do discurso, e transformações no encadeamento e rede de textos, e em 'cadeias de gênero'”. (Fairclough, 2003, p. 30). Nessa prerrogativa, observamos que determinados tipos de discurso podem agir em diferentes instituições e práticas discursivas, tomando para elas mudanças nas configurações sociais. Como exemplo, consideremos, mais uma vez, a escola. Tanto no espaço escolar, quanto nas práticas discursivas educativas, vemos uma crescente nos discursos motivadores como ‘faça o seu melhor’, ‘se dedique mais’, ‘se destaque’, alinhado com outras práticas, como os ensinamentos de robótica; competições avaliativas elevadas com premiações e destaques; disciplinas e projetos de práticas empreendedoras, etc. Essas e outras

práticas não citadas incidem na sustentação de certos valores capitalistas e neoliberais, engendrando discursos que levam a uma supervalorização da produção individual e competitividade.

Por essa perspectiva, devemos compreender que as ordens do discurso tomam na ACD um espaço de regulação de gêneros, discursos e estilos discursivo-textuais que se ligam a determinadas conjunturas histórico-sociais, práticas sociais e mesmo a certas instituições. Sendo assim, Fairclough, em revisões finais do seu livro de 2003, apresenta que

os discursos são diversas representações da vida social que são inerentemente posicionadas de forma diferente. Os atores sociais posicionados 'veem' e representam a vida social de diferentes maneiras, diferentes discursos. Por exemplo, a vida das pessoas pobres e desfavorecidas está representada através de diferentes discursos nas práticas sociais de governo, política, medicina, e ciências sociais, e por meio de diferentes discursos dentro de cada uma dessas práticas correspondendo a diferentes posições dos atores sociais (Fairclough, 2003, p. 206 [tradução nossa]).

Isto posto, compreendemos que nas formas representacionais, um sujeito ou aspecto de mundo pode sofrer diferentes representações, a depender da ordem discursiva a que o sujeito social se filia. Não à toa, nas tessituras que emergem da abordagem analítica da ACD, podemos empreender que certas representações sociais estão relacionadas a determinadas “vozes” e ordens sociais que se revelam por meio de práticas discursivas (ou mesmo outros momentos que regem as práticas sociais, tais como crenças, instituições ou jogos de poder).

E assim, no entrelaço do significado representacional e das ordens do discurso, precisamos nos atentar que as manifestações linguístico-discursivas dispostas nos comentários que aqui serão investigados fazem parte de um conjunto de representações sociais que possibilitam “ao sujeito controlar, produzir, compreender e construir simbolicamente ao outro e as interações possíveis que pode ter com ele, em seu mundo social” (Van Dijk, 2003, p.164 *apud* Jaramillo, 2012, p. 128).

Logo, na interação direta e mesmo intermediária (como é o nosso caso de estudo), as práticas sociais funcionam em uma relação dialética para com as representações sociais. E assim, o modo como o sujeito representa o mundo, ao outro e a si mesmo está relacionado diretamente ao modo como o sujeito irá agir e interagir socialmente, ao modo como irá aplicar recursos materiais e simbólicos em seu processo de interação social.

Ou seja, nas possibilidades das ordens do discurso, o modo de significar e representar incidem diretamente no modo do agir, tecendo certos tipos de discurso que já são nocionais a determinadas práticas discursivas, tomadas em determinados eventos sociais. Por sua vez, as

práticas sociais são regidas e controladas (até certo ponto) por ordens do discurso, mas são também o momento de dispersão, de produção do novo: pois é na recombinação dos signos que temos a possibilidade infinita de enunciados que respeitam práticas anteriores. Por essa razão, na perspectiva da ACD, as práticas sociais funcionam como dispositivos discursivos “onde você contribui para a estruturação das relações de poder em uma sociedade” (Jäger, 2003, p.68).

Compreender então que o discurso revela práticas regulatórias é importante para que o analista possa tecer uma investigação interdiscursiva sobre a quais outros eventos sociais o sujeito se filia para ter o (seu) mundo em significado e interagir discursivamente. Sendo assim, por partirmos de uma análise linguístico-discursiva dos textos, compreendemos, no sentido de Fairclough (2003), que as ordens do discurso são tipos de discurso em que são, até certo ponto, nocionais e regulatórios em determinadas conjunturas sociais, os quais se filiam a certas instituições e que podem ser mais ou menos comuns nas práticas que regem a interação social.

Não diferente, ao partir desse estudo dialético, compreendemos em Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 59 [tradução nossa]) que

a dimensão estrutural atende a como a interação é restringida pela rede de ordens do discurso, enquanto a dimensão interacional atende a como essa rede é trabalhada interacionalmente e potencialmente reestruturada por meio de uma rearticulação de recursos”, de modo que a “dimensão interacional retroalimenta a dimensão estrutural.

Isso quer dizer que pensamos nesse encadeamento de que dão vazão às ordens do discurso em seu aspecto interdiscursivo, ou seja, de tipos de discurso que são mais comuns em certas escalas locais (ou globais) e que são, ainda, discursos que se apoiam e que ganham apoios em determinadas instituições ou redes de práticas, tais como a médica, política partidária, legislativa, pedagógica e entre outras, e que ao serem articulados, incidem em uma ordem regulatória a certos discursos no senso comum brasileiro.

4.2 Discurso como momento da vida social

O discurso é um momento da prática social - ele é o uso da linguagem como uma prática compartilhada socialmente, que acontece no entremeio de afetações sociais e

estruturais (Fairclough, 1999; 2003). E esta prática social, assim como as demais, é uma “forma relativamente estabilizada de atividade social. [Pois] toda prática é uma articulação de diversos elementos sociais dentro de uma configuração relativamente estável” (Fairclough, 2003. p. 205, tradução nossa)¹⁰. E “a razão para centrar o conceito de 'prática social' é que ela permite uma oscilação entre a perspectiva da estrutura social e a perspectiva da ação social e agência” (ibidem)¹¹.

Toda e qualquer ação e ou relação intersubjetiva é fundamentada por meio da linguagem (seja ela estritamente verbal, gestual ou mesmo multimodal). Por isso, compreender o discurso é também compreendê-lo sob o designio multifacetado do simbólico; não é possível se prender estritamente ao signo verbal, quando nos encontramos em um período que incide em gêneros multissemióticos. Como prática social, o discurso então se conecta a outros momentos igualmente importantes no processo de ação, representação e identificação do sujeito e do objeto. De tal modo que se identificar como um professor é, no mesmo sentido, performar e agir como tal, e é também tecer representações do que é ser professor, pois todos esses momentos se designam em um caráter multifacetado do discurso que atravessa o simbólico.

Ao compreender o discurso como parte de uma rede de práticas sociais, e ao apreender que “cada prática social produz e utiliza gêneros discursivos particulares, que articulam estilos e discursos de maneira relativamente estável num determinado contexto socio-histórico e cultural” (Resende; Ramalho, 2006, p. 62), vemos a importância de se articular as formulações discursivas empreendidas no *corpus* com certas ordens discursivas e predileções ideológicas, pois estes nos dão pistas sobre a busca que há por regulação das práticas discursivas e mesmo dos corpos que devem (e podem) ocupar o espaço social brasileiro.

Isso porque,

em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. (Foucault, 1996, p. 10)

¹⁰ No original: “By ‘social practice’ I mean a relatively stabilized form of social activity (examples would be classroom teaching, television news, family meals, medical consultations). Every practice is an articulation of diverse social elements within a relatively stable configuration, always including discourse”.

¹¹ No original: “The reason for centring the concept of ‘social practice’ is that it allows an oscillation between the perspective of social structure and the perspective of social action and agency – both necessary perspectives in social research and analysis”.

Assim, nos rituais da projeção, exclusão e também da repetição e dispersão, é preciso se atentar para aquilo que se diz, em detrimento daquilo que se oculta. Filiar a uma ordem do dizer, representar a partir de uma certa crença social e se ancorar a certas práticas sociais, é um modo de agir e de constituir a si e ao outro. E que em seu marco de ação (doravante nos estudos do significado acional da linguagem), pode instaurar um lugar de poder. Porque ao representar, o sujeito automaticamente inscreve um acontecimento histórico. Ele toma para si certas crenças e exclui outras. Isso acontece quando

o sentido produzido está submetido ao modo como os sujeitos se colocam diante do texto, e como, para interpretar o que requer interpretação, acionam as memórias e as relações interdiscursivas. Não poder falar de tudo, *o tabu do objeto*, parece em uma relação direta com o direito da fala do sujeito que faz sentido, mas também com a sociedade em que se diz o que se diz (Assunção, 2009, p. 18).

E no processo de ênfase e exclusão de sentidos e enunciados, o sujeito se posiciona e junto a ele, posiciona também discursos de uma dada conjuntura.

4.3 Ideologia para Thompson: a fragmentação e o expurgo do outro

Ao partir de uma análise dos conceitos de ideologia feitas por outros pensadores ao longo dos séculos, John B. Thompson (2011 [1990]) começa distinguindo em seu livro “Ideologia e Cultura Moderna” dois conceitos diferentes para Ideologia. Primeiro, sendo aquele que segue como “um estilo de vida” e que nada trata sobre o aspecto ilusório e hegemônico, estando presente em diferentes situações e grupos sociais. Enquanto o outro, que trata sobre “as concepções críticas de ideologia”, pressupõe um sentido negativo, ilusório e mesmo parcial, nas palavras do autor. Posto isso, o autor empreende o conceito crítico da ideologia com base em uma análise concreta de “fenômenos sócio-históricos” (2011 [1990], p. 75), procurando ainda “combater” o caráter de neutralização do conceito. E aponta como “algumas formas simbólicas (linguísticas ou quase-linguísticas) se entrecruzam com as relações de poder”, em que o sentido serve para sustentar relações de dominação (ibidem). É aí, pois, que se centra a concepção primeira de ideologia para Thompson (1995): ao buscar uma análise sócio-histórica, tem-se que alguns fenômenos simbólicos são ideológicos, pois servem para manter relações de dominação.

Nesse viés, o próprio autor nos situa da aproximação com o materialismo em Marx, mas se distancia em duas concepções: primeiro, de que a dominação se emprega nas relações de classe, quando ela também está presente nas relações de gênero, Estados-nação ou grupos étnicos, por exemplo; e segundo, pelo caráter negativo imposto à ideologia, perscrutando que as formas simbólicas não precisam ser “ilusórias ou errôneas” para que sejam ideológicas (p.76). E mais,

as formas simbólicas não são meramente representações que servem para articular e obscurecer relações sociais ou interesses que são constituídos fundamental e essencialmente em um nível pré-simbólico: ao contrário, as formas simbólicas estão, contínua e criativamente, implicadas na constituição das relações sociais como tais (Thompson, 2011 [1990], p. 79).

Nesse trecho, podemos perceber, pois, que a ideologia se empenha materialmente a partir das formas simbólicas e *modos de operação*, tais como: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação, como exposto no quadro abaixo.

Quadro 1 - Quadro sobre modos de operação da ideologia

<i>Modos Gerais</i>	Algumas Estratégias Típicas de Construção Simbólica
<i>Legitimação (1)</i>	Racionalização Universalização Narrativização
<i>Dissimulação (2)</i>	Deslocamento Eufemização Tropo (sinécdoque, metonímia, metáfora)
<i>Unificação (3)</i>	Estandardização Simbolização da unidade
<i>Fragmentação (4)</i>	Diferenciação Expurgo do outro
<i>Reificação (5)</i>	Naturalização Eternalização Nominalização/ passivização

Retirado do livro “Ideologia e Cultura Moderna” de John B. Thompson (2011 [1990], p. 81)

A contar, a ideologia pode operar a partir do modo de legitimação, quando algumas formas simbólicas são construídas para a *legitimação (1)* sejam elas regras legislativas, tradicionais ou carismáticas; pela estratégia de *racionalização*, que ocorre com o cumprimento de uma cadeia de raciocínio que serve para legitimar algum ponto requerido,

pela universalização, quando desempenham acordos institucionais para que o interesse de alguns sejam expostos como de todos ou mesmo pelo processo de *narrativização*, em que histórias são contadas a fim de tradicionalizar certas formas simbólicas, reforça-las e mesmo eternaliza-las.

O modo de *dissimulação* (2) busca negar ou obscurecer certas relações de dominação por meio da estratégia de *deslocamento*, quando, por exemplo, “conotações positivas ou negativas do termo são transferidas para outro objeto ou pessoa” (Thompson, 2011 [1990], p. 83); pela *eufemização*, a qual aborda ações, instituições ou períodos históricos por meio de valores positivos, como acontece com as notícias sobre invasões norte-americanas em países do Oriente Médio. Uma outra estratégia do modo de dissimulação recai sobre a estratégia do *tropo*, com o uso figurativo da linguagem ou das formas simbólicas por meio da sinédoque (ligar uma parte ao todo, ou vice versa), metonímia (“envolve o uso de um termo que toma o lugar de um atributo” (Thompson, 2011 [1990], p. 85)) ou metáfora.

O modo de *unificação* (3), como o próprio nome sugere, trata da estratégia de explorar o sentido da unidade entre os grupos, trazendo a ideia de identidade coletiva. Por meio dele, a estratégia da *padronização* suscita formas simbólicas padronizadas, propostas “como um fundamento partilhado e aceitável” (Thompson, 2011 [1990], p. 86), como acontece no uso de uma linguagem nacional proferida por governantes. Ou mesmo pela estratégia de simbolização da unidade, que simula “a construção de símbolos de unidade nacional tais como bandeiras, hinos nacionais [...]” (ibidem).

A *fragmentação* (4) é um modo de operação da ideologia que opera pela segmentação, pela diferenciação entre grupos e cria uma ruptura entre uns e outros. Para este estudo, as estratégias de *diferenciação* e *expurgo do outro*, como veremos a seguir, fazem aparecer um distanciamento que tende a questionar e mesmo renegar grupos que podem ser considerados como “maus, perigosos ou ameaçadores” (Thompson, 2011 [1990], p. 87) para os grupos dominantes. Pela estratégia da diferenciação, como o próprio nome nos esclarece, levanta-se uma ênfase para as diferenças entre determinados grupos, impedindo-os de alcançar um elo efetivo ou mesmo um exercício de poder.

No mesmo passo, a estratégia caracterizada como *expurgo do outro* toma uma coisa, pessoa ou grupo como ameaçador, de modo que os demais devem “expurgá-los”, distanciá-los em prol de um desejo que é colocado como comum. Aqui, como o próprio autor nos esclarece, a estratégia pode ser dissuadida junto à estratégia da *unificação*, formando então

um paralelo entre aqueles que devem ser expurgados, em contraponto com a união do grupo que assim o deseja. Um exemplo claro está para a tomada do expurgo de comunistas, em uma comunidade que se deseja o império do capitalismo (*ibidem*). Ou ainda nas mobilizações linguísticas que tratam os refugiados a partir da diferença, seja ela religiosa, cultural, política ou geográfica. Nas mobilizações aqui estudadas ou mesmo em outros *corpus*, vemos que os refugiados, principalmente, os do Oriente Médio são diferenciados (e distanciados) por sua religião e costumes. E, muita das vezes, essa diferenciação acontece junto do processo de unificação, dissuadindo, por exemplo, que não se pode ajudar o *outro* (refugiado), quando o *nós* (brasileiros) precisam de ajuda. Muitos comentários aqui analisados tendem a essa “justificativa” e mobilizam ainda substantivos e construções pejorativas que remetem à falta de estrutura religiosa para essas pessoas ou mesmo ao medo político que essas pessoas representam. Não diferente, junto dessas estratégias, o processo metafórico da linguagem permite ainda induzir essa dessemelhança e união entre grupos. Em uma “sequência argumentativa” vemos acontecer concomitantemente as estratégias de *diferenciação* (eles são diferentes) dos brasileiros, que, por sua vez, também já “tem seus próprios problemas”¹² (*unificação*), e por isso não devem vir ou ser bem-recebidos no país (*expurgo*).

Por fim, a *reificação* (5), como modo de operação da ideologia, impera como natural e permanente, situações que são transitórias, tomados pela estratégia de *naturalização* e/ou pela *eternalização* de eventos/ processos. Em contrapartida com as teorias da análise crítica do discurso, podemos pensar como eventos ou estruturas sociais que se apresentam enquanto conjunturas, as quais devem ser apontadas como estáveis em prol do exercício de poder. De maneira que o modo da reificação possa ainda ser tomado linguisticamente pelas estratégias de *nominalização* e/ ou *passivização*, pelas quais sentenças são nominalizadas, a fim de que se oculte o agente e se apresente enquanto “dada” no mundo, ou mesmo com a passivização dos verbos, em que se inverte a ordem de uma frase e o agente passa a ser o sujeito, ganhando mesmo destaque no processo Tema/Rema. Essas estratégias, portanto, “tendem a eliminar referências a contextos espaciais e temporais específicos” (Thompson, 2011 [1990], p. 88).

Esses modos, conforme apontados em exemplos acima, podem ocorrer sozinhos ou concomitantemente, podem se sobrepor ou mesmo completar outros. É importante salientar, portanto, que é por meio dos modos de operação da ideologia que se criam estratégias para a construção das formas simbólicas, as quais “facilitam a mobilização do sentido” (Thompson,

¹² Fazendo referência aos comentários FbA4 e FbA5 analisados no capítulo 6.

2011 [1990], p. 89). E por essa mesma razão, considerar formas simbólicas enquanto ideológicas dependerá de uma análise linguística e mesmo de contexto para verificar se há práticas que buscam a relação de dominação por meio delas.

Por fim, cabe-nos esclarecer que, ao partir da teoria de Thompson (2011 [1990]), encontramos no processo da contestação das relações de poder, as formas simbólicas produzidas não são consideradas como estratégias ideológicas, na verdade, podem ser compreendidas enquanto *formas simbólicas contestatórias*, pois, segundo ele, “as formas simbólicas são ideológicas somente enquanto servem para estabelecer e sustentar relações sistematicamente assimétricas de poder” (Thompson, 2011 [1990], p. 90). Sendo assim, na visão aqui disposta, a ideologia opera para a contemplação da hegemonia.

4.4 Comentários

O comentário, por pertencer a uma rede social que transita em diferentes espaços, se apresenta como um dos principais dispositivos linguísticos de interação social na atualidade. Nas distintas possibilidades, os comentários envolvem um ‘movimento de significado’ (Silverstone, 1999 apud Fairclough, 2003), de modo que as práticas discursivas (e, conseqüentemente, sociais) ali imbricadas fazem um deslocamento entre diferentes escalas sociais. Ou seja, no processo contemporâneo da mediatização, o comentário envolve diferentes domínios (econômicos, políticos) a partir de diferentes escalas (local e global) (ibidem).

E no deslocamento desses significados, há, como vimos, ordens regulatórias discursivas que tendem a uma ancoragem do sentido. Por isso, já em prática de análise linguística, é preciso se atentar a quais temas, quais representações estão nesse processo pendular da interação social, pois “as formas pelas quais as pessoas de fato conectam tópicos, ao conversarem seguindo um tópico, permitem aprofundar as preocupações da vida comum e a estruturação de senso comum do mundo da vida” (Fairclough, 2016 [1992], p.195). Ou seja, a forma como as fronteiras do dizer e do representar se costuram nos comentários também são de fundamental importância, pois são por essas flutuações que o sujeito constrói o mundo em significado, por onde “as escolhas representacionais discursivas tendem a uma “relativa estabilidade e durabilidade” (Fairclough, 2003, p. 220). E por esse motivo, é preciso considerar também os comentários como enunciados que permitem a repetição ou dispersão

de tipos de discurso que transitam entre as diferentes práticas sociais de uma determinada conjuntura.

Foucault (1996) então evidencia que os comentários, sejam no sentido estrito do gênero aqui analisado ou considerados como enunciados que se dispersam no mundo, são “redistribuições recorrentes que fazem aparecer vários passados, várias formas de encadeamento, várias hierarquias de importância, várias redes de determinações, várias ideologias, [...] à medida que seu presente se modifica” (Foucault, 1996, p. 5). Os comentários servem então como configurações linguístico-discursivas que predizem, afirmam e mesmo contrapõem certos tipos de discurso e regularidades discursivas anteriormente pressupostas.

Ou seja, nas interações dadas na rede social *Facebook*, os comentários também podem ser pensados como acontecimentos discursivos instáveis que servem para manter ou contestar certos valores sociais. Ainda sobre isso, Foucault (1996, p. 26) nos lembra brilhantemente que “o comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certa forma realizado”.

Nesse quesito, os comentários respondem aqui à postagem, ao mesmo tempo que respondem a textos e discursos outros, e que podem se vincular a certos tipos de discurso e práticas sociais ligadas aos aspectos interdiscursivos. Esse aspecto nos é caro, pois permite investigar como redes enunciativas e redes de práticas em um geral podem se conectar. Permitindo-nos, pois, investigar como certos enunciados, sujeitos sociais e discursos são costurados envoltos ao tema do refúgio na contemporaneidade, e não obstante, como se dão os modos de representar, de agir e de ser desses agentes sociais nas redes sociais.

E é nesse ponto, de que trata os comentários como possibilidades linguístico-discursivas que trazem certos tipos de discurso, onde precisamos nos atentar às práticas sociais que cerceiam a imigração na pós-modernidade. Pois nos jogos da dispersão de enunciados, temos

o hábito de ver na fecundidade de um autor, na multiplicidade dos comentários, no desenvolvimento de uma disciplina, como que recursos infinitos para a criação dos discursos. Pode ser, mas não deixam de ser princípios de coerção; e é provável que não se possa explicar seu papel positivo e multiplicador, se não se levar em consideração sua função restritiva e coercitiva. (Foucault, 1996, p. 36)

Compreendemos então que o comentário (enquanto gênero do discurso) tende ao fechamento dos sentidos, mas enquanto jogos enunciativos da dispersão, ele também busca o novo, a partir de discursos passados. É por isso que nos interessa também o ensino da intertextualidade (seja ela manifesta ou constitutiva) e ainda mais, a concepção da ordem do discurso como uma prática que infere diretamente em eventos sociais (que são os textos).

Se tratando do processo responsivo entre textos (e discursos), Fairclough (2016 [1992], p. 141) nos indica que

o conceito de intertextualidade aponta para produtividade dos textos, para como os textos podem transformar textos anteriores e reestruturar as convenções existentes (gêneros discursivos, discursos) para gerar novos textos. Mas essa prática não está disponível para as pessoas como um espaço ilimitado para a inovação textual e para os jogos verbais: ela é socialmente limitada e restringida, e condicional conforme as relações de poder.

Na sua relação dialética, as práticas discursivas aqui tratadas são, em partes, reflexo de nossa conjuntura contemporânea brasileira e também reflexo de mudanças que contingenciam esse mesmo espaço, conforme apontamos no início deste capítulo.

4.4.1 As reações sociodiscursivas verbais

No processo analítico das interações sociais, voltamo-nos nesta seção para o estudo do comentário em publicações das redes sociais, considerando-o enquanto um gênero (que faz parte do significado acional do discurso). O comentário como gênero textual possui uma estrutura que já carrega em si práticas linguísticas, discursivas e sociais previamente estabelecidas e se apresenta como um espaço de interação social, de ação e mesmo de representação. Em conformidade à plataforma onde é veiculado, há uma quantidade de caracteres considerada razoável para que o comentário seja apreciado por um maior número de pessoas, uma vez que pela própria liquidez das redes, comentários muito extensos não são, muita das vezes, considerados relevantes (e mesmo “consumíveis”) pelos outros usuários.

Para este estudo, pensamos, respeitando os processos de produção, distribuição e consumo de textos, na transposição dos textos também como uma transposição de significados que carregam em si práticas políticas e ideológicas. Isso porque, nos entremeios teóricos de que tratam Norman Fairclough (2016 [1992]; 1999; 2003), Maria Carmen Aires Gomes (2022) e outros autores aqui estudados, entendemos que no processo de interação

tecnológica, a construção e transposição dos sentidos se tornam rápidas, globais, eternizadas (uma vez que o texto-comentário ficará fixado em um sítio on-line); ao mesmo tempo em que se tornam também líquidas (dada a fluidez dos algoritmos sociais contemporâneos, em que rapidamente o usuário perde o contato com o conteúdo consumido).

Responder, contestar, compartilhar e curtir um determinado comentário ou *post*, é também interagir com os sentidos ali dispostos e com as prerrogativas políticas e ideológicas que dali emanam. E por essa razão, filiamo-nos aos pressupostos de Gomes (2022) para tratar das reações sociodiscursivas verbais que aparecem enquanto comentários. Embora a autora pense nas reações sociodiscursivas verbais em sites de jornais on-line, apropriamo-nos de sua proposta teórico-metodológica para tratar a respeito também dos comentários fixados em posts na rede social *Facebook*.

Gomes (2022) explica que o termo ‘reações discursivas verbais’ foi primeiramente utilizado por Nogueira e Arão (2015) para investigar os comentários na rede social *Facebook* a partir da teoria da Análise do Discurso Francesa. Empenhada então por essa metodologia de análise, mas considerando os pressupostos da Análise Crítica do Discurso na vertente Faircloughniana, a autora elaborou uma abordagem dessas reações, considerando-as como “construções discursivas reativas” sociais que vão ao encontro de um tema, fenômeno, participante ou postagem (Gomes, 2022, p. 28).

No processo de ação-reação, o espaço dos comentários on-line funciona como um *locus* de interação imediatista e responsiva que já dispõe para o interlocutor uma significação primeira, e que é, então, nas condescendências do gênero, uma prática interativa regulada (Fairclough, 2003; Gomes, 2022). Ao participar desse espaço interativo, “o leitor é também um reagente dentro da sua ação como leitor participativo, [e] acaba por projetar em sua ação apenas o que já está proposto” (Paiva, 2016, p. 10 apud Gomes, 2022, p. 25). E ao reagir, o leitor se utiliza da linguagem para traçar aspectos representacionais, identificacionais e mesmo acionais. Utiliza, portanto, do gênero comentário e dos estilos textuais para reproduzir, contestar e disputar relações de controle, assim como relações éticas e morais (ibidem).

No processo de interação, as reações sociodiscursivas verbais podem possuir características divergentes, sendo divididas em três categorias: *reações transacionais*, que são as que os participantes interagem entre si para tratar de um determinado tópico; *as reações não-transacionais*, nas quais o participante responde ao assunto/ postagem, mas não interage com os demais; e por fim, tem-se também as *reações transacionais atitudinais*, em que os

participantes interagem entre si e também com a postagem primeira, “usando citações e falas não só do texto, como as de outros/as participantes, de maneira atitudinal” (Gomes, 2022, p. 29 [adaptação nossa]).

Em termos linguísticos, a autora nos apresenta, a partir da teoria de White (2004), que as reações dispostas se ligam a processos de avaliatividade, que são nocionais ao significado identificacional. Não obstante, a depender da reação sociodiscursiva que o sujeito expõe, é possível investigar processos semânticos de que tratam sobre a emoção, o julgamento e a apreciação que esse leitor-responsivo tem sobre o tópico em questão (Gomes, 2022). Ou seja, conforme tratamos na seção do significado identificacional, recursos linguísticos tais como modalizadores discursivos, processos mentais/ verbais e adjetivos ajudam a investigar o grau de comprometimento e a percepção do sujeito em detrimento de sua reação proposta.

Dentro ainda das categorias que diferenciam os tipos de reações sociodiscursivas verbais, a linguista expõe seis diferentes formas responsivas que o participante pode se expor. A saber,

- a) reações sociodiscursivas verbais engajadas (refuta, contrapõe, concorda, endossa),
- b) reações sociodiscursivas verbais de condenação (julga moralmente comportamentos e condutas),
- c) reações sociodiscursivas de admiração (julga positivamente as condutas sociais),
- d) reações sociodiscursivas de crítica (julga negativamente as condutas sociais),
- e) reações sociodiscursivas de aprovação (elogia positivamente comportamentos e condutas morais),
- f) reações sociodiscursivas de apreciação (avalia qualidades estéticas) (Gomes; Carvalho, 2020, p. 1676).

Não diferente, além dos recursos filiados para a disposição da opinião desse leitor-responsivo, sabemos que as reações sociodiscursivas trazem pistas sobre determinadas práticas, crenças e ordens discursivas a que esse leitor pode se filiar para construir o (seu) mundo em significados. Mesmo que não totalmente consciente, ele busca uma representação coletiva que se filia a determinadas práticas ideológicas e políticas. Ou seja, podemos observar por meio das tessituras linguísticas, como “as pessoas estão produzindo, iterando e/ou transformando o mundo em que vivem, ou seja, como estão avaliando seus conhecimentos e os dos outros, julgando temas e pessoas, e como estão exercitando as relações de poder” (Gomes, 2022, p. 37).

4.4.2 Curtir e compartilhar: outras formas de ação e reação

Ademais, considerando que a produção de significado é agora tomada pelo caráter multifacetado do simbólico (proeminente nos dias atuais), vemos que a possibilidade do uso de GIFS e *emojis* revelam o aspecto multimodal do gênero comentário, o que exige um estudo mais amplo a respeito das considerações acerca das diferentes semioses e suas redes de significação. Nesse mesmo percurso, a possibilidade de interação de outros usuários sobre aquele texto permite tecer um estudo sobre o consumo e interação desses discursos. Ou seja, a partir desse gênero, torna-se possível a investigação sobre a produção, consumo e distribuição de determinados discursos (e representações).

Por isso, considerando também as outras interações de curtir e compartilhar nas redes sociais, Recuero (2014) aponta que os usuários entrevistados consideram a ferramenta “curtir” na rede social *Facebook* uma forma de legitimar e mesmo de agradecer a informação que está sendo compartilhada. O mesmo se mostrou para a função “compartilhar”, onde os usuários apontaram tal ação como um modo de divulgar algo que julga como importante e que agrega valor social para ele e para o outro.

Já com atualizações mais recentes, a rede social *Facebook* disponibiliza uma gama de reações ao apertar o botão “curtir”. Sendo assim, por meio de ilustrações como o coração, o joia ou ainda com *emojis* que expressam emoções humanas, é possível “amar”; “curtir”; “dar força”; “rir”; “parecer surpreso”; “angustiado” e mesmo “odiar” a postagem ou o comentário feito. Sob diferentes polaridades do “gostar” e do “não gostar”, essas ferramentas permitem que o usuário demonstre com maior clareza a sua reação frente ao conteúdo disposto. E o posicionamento do interlocutor (em seu processo de consumo) fica mais evidente para nós, analistas do discurso. Não diferente, essa ferramenta criada pela própria empresa e que induz a uma polaridade e mesmo a um comprometimento frente às reações semióticas, ajuda na investigação do processo de consolidação das identidades, conforme o modo e o grau com que o sujeito reage à postagem ou ao comentário.

Conforme expomos em seções acima, no processo imediatista e permanente das trocas on-line, as reações sociodiscursivas tomam uma proporção mais abrangente e duradoura do que aqueles discursos proferidos fora do ambiente virtual. Eles “são [agora] reproduzidos facilmente por outros atores, espalham-se nas redes entre os diversos grupos, migram e tornam-se conversações cada vez mais públicas.” (Recuero, 2014, p. 116). E se por meio de

uma análise linguística podemos investigar o processo de interação social e produção dos comentários, um estudo das interações permite averiguar o processo de distribuição e consumo dessas representações na rede social em questão.

E no balancear das considerações acerca do gênero textual comentário é preciso se atentar às fronteiras que predizem os dizeres e a quais ordens estes comentários se inscrevem em seu processo de produção. E mais, no aspecto da distribuição e consumo, é preciso investigar também o deslocamento dessas predições linguísticas, observando como ocorre esse ‘movimento do significado’. Pois na vivência pós-moderna, ordens discursivas locais se confundem, transformam e afetam também àquelas ditas mundiais, e o mesmo acontece no caminho inverso.

É por esse motivo que os comentários protagonizam um estudo na pós-modernidade: em seu caráter fronteiriço, duradouro e de exponencial alcance, ele pode interferir diretamente nas práticas e representações sociais dos usuários brasileiros, uma vez que o “processo de “globalização” inclui a maior capacidade de algumas pessoas agirem e moldarem as ações de outros em distâncias consideráveis de espaço e tempo” (Giddens 1991; Harvey 1990 apud Fairclough, 2003).

4.5 Escolha e justificativa do *corpus*

Por todo o percurso teórico que passamos, justificamos então que nossa escolha material se deu pela sua importância frente aos acontecimentos contemporâneos. Escolhemos a rede social *Facebook* e os sites de notícias on-line por disporem de um espaço aberto de trocas interativas on-line (que se apresentam hoje como uma extensão da vida cotidiana). E escolhemos o tema da imigração internacional pensando que, apesar do conhecimento frente a iminência desses deslocamentos tomados cada vez com mais efervescência, eles se fazem cada vez mais sob piores condições de travessia e de acolhimento. E que apesar de emergente, este tema é ainda hoje renegado às margens das notícias brasileiras e também dos assuntos que regem o nosso cotidiano.

E se é pela palavra que o mundo se constrói em significado e se é por ela ainda que se detém o poder, buscamos compreender nesse estudo quais representações, identidades e ações são consolidadas por meio do discurso.

Filiamo-nos então às filosofias de Bakhtin (1997) para dizer que propomos um estudo crítico do discurso nessa “cientificidade diferente” (Bakhtin, 1997, p. 405), que acredita que

compreender é cotejar com outros textos e pensar num contexto novo (no meu contexto, no contexto contemporâneo, no contexto futuro). Contextos presumidos do futuro: a sensação de que estou dando um novo passo (de que me movimente). Etapas da progressão dialógica da compreensão; o ponto de partida — o texto dado, para trás — os contextos passados, para frente — a presunção (e o início) do contexto futuro (ibidem).

Já em caminhos mais retilíneos, mas não diferentes, explicamos que empenhamos o presente estudo compreendendo a “análise científica como a interpretação especializada que fazemos de determinado objeto de pesquisa manifesto em um conjunto de dados”, conforme nos explica Irineu (2022, p. 17). E por isso, conduzimos os pressupostos teórico-metodológicos da Análise Crítica do Discurso em um *corpus* de textos on-line (os comentários) e também em outros objetos semióticos (como as imagens, *emojis* e as ferramentas interacionais do curtir e compartilhar).

Propor uma reflexão com base na ACD é considerar o discurso como objeto primeiro e fundamental para o estudo, e não apenas como um meio para “chegar a alguma realidade que é pensada como existindo por detrás do discurso - seja ela social, psicológica ou material” (Gill, 2008, p. 247). Não à toa, se uma prática social pode ser composta por práticas discursivas ou mesmo ser inteiramente tomada pelo discurso, devemos ter sempre em mente a proposição dialética entre os eventos discursivos dispostos (os textos) e a conjuntura social.

Pelo processo metodológico do fazer científico, partimos de uma investigação que se fragmenta em pequenos processos. Primeiro, salientamos a importância de investigar os três objetos do discurso diferentes que regem nesse *corpus*, sendo eles: os comentários dispostos nas postagens; as reações de curtir e compartilhar; e mesmo as próprias postagens da página escolhida (na intenção de tecer maior compreensão sobre os atos-responsivos dos usuários). Para isso é que nos atentamos às teorias de que tratam sobre as reações sociodiscursivas verbais (Gomes, 2022); as diferentes categorias de análise linguístico-discursivas em Fairclough (2016 [1992]; 1999; 2003); as ferramentas de curtir e compartilhar com Recuero (2014) para as reações dispostas na rede social *Facebook*; e com análises multissemióticas, alinhadas à teoria da Gramática do Design Visual com Kress; van Leeuwen (2001; 2006).

Todo esse percurso do qual procura gerar cadeias de sentido a partir da análise textual, será fundamentado também com teorias sociais de que tratam sobre o tema da imigração

brasileira. Isso posto, salientamos que o próximo capítulo propõe uma costura interpretativa que tome as diferentes formas de se produzir e distribuir certos discursos e práticas sociais a respeito do refugiado, buscando um paralelo para com determinadas ordens do discurso que circulam no corpo social brasileiro.

Conforme exposto no primeiro parágrafo dessa seção, justificamos a escolha desse *corpus* pela sua capacidade de armazenar discursos de forma instantânea e “eternizada”. Sendo assim, considerando a rede social como o principal espaço contemporâneo de constatações representacionais e identitárias, vimos a importância de se investigar quais discursos regem o “imaginário popular” brasileiro no espaço on-line, frente aos comentários mitigados nas postagens sobre a acolhida de refugiados.

Compreendemos que o espaço da mídia social se apresenta como uma extensão das práticas discursivas que regem o cotidiano e que, por essa razão, se coloca também como um dos principais espaços em que se constrói, legitima ou contrapõe práticas sociais. Com isso, pelas insurgências que modificaram o modo de se produzir, receber e compartilhar informações, vimos que a rede social *Facebook* é, de longe, uma importante plataforma criadora de opiniões. Motivo que nos levou a escolher a página oficial do Governo Federal Brasileiro para investigar como as pessoas reagem ao anúncio de chegada de novos refugiados no país. A escolha aconteceu por duas razões principais: primeiro, por se tratar de um espaço legítimo que anuncia as decisões políticas do atual Governo, e segundo, por seu grande alcance territorial. Com dois milhões de seguidores na rede social *Facebook*¹³, consideramos que essa página funciona como um porta-voz oficial das decisões em nível nacional e que não possui direcionamentos políticos-partidários explícitos, de forma a atrair seguidores de todo o Brasil, independente da idade, sexo ou posição política.

Não diferente, escolhemos também analisar comentários dispostos em notícias *on-line* frente aos anúncios oficiais dos Governos sobre a acolhida de refugiados e imigrantes. Desse modo, reiteramos que nosso foco parte da análise dos comentários enquanto reações sociodiscursivas contemporâneas, predispondo de análises críticas multissemióticas para tecer um quadro analítico dos significados acionais, representacionais e identificacionais correlatos nesses comentários, e mais: buscamos averiguar também quais principais redes discursivas-sociais tendem a justificar os pontos de vista apresentados por eles.

¹³ Dado retirado no dia 08 de abril de 2024.

Terminado esse processo de apuração inicial, retiramos da página oficial do Governo Federal Brasileiro duas postagens que tratam sobre o acolhimento de refugiados no Brasil nos anos de 2021 e 2022, a fim de investigar como ocorre o processo de produção e distribuição de práticas discursivas ligadas a imigração no Brasil, em especial na acolhida de refugiados. Sendo assim, apropriamo-nos tanto de categorias linguístico-gramaticais, quanto discursivas (e consequentemente sociais) para investigar as representações balizadas nos comentários feitos em postagens que tratam sobre o acolhimento de refugiados ucranianos e afegãos nos últimos três anos na página do Governo Federal Brasileiro. Por essa razão, descartamos aqueles comentários que fugiram ao tema da imigração internacional (como exemplo: houve comentários cobrando o pagamento adiantado de FGTS) e selecionamos os 10 (dez) primeiros comentários destacados pela própria plataforma.

Para as notícias, partimos do recorte temático alinhando os representantes estatais dos governos nos anos de 2022, 2023 e 2024. Para tanto, foi feita uma pesquisa no site Google com o campo “pronunciamento governo Bolsonaro sobre refugiados” e “pronunciamento governo Lula sobre refugiados”. A partir disso, na aba “notícias” do site citado, escolhemos as primeiras notícias que tratavam sobre acolhida de refugiados e verificamos se nelas constavam a parte de comentários, para ser possível a análise aqui desejada. Feito esse procedimento, encontramos notícias em três portais, sendo elas:

Título	Portal de Notícias	Data de publicação	Número de comentários
Bolsonaro diz que vai liberar entrada de ucranianos no Brasil	Notícias UOL	28/02/2022	2
Brasil acumula fila inédita de pedidos de refúgio, revela governo	Notícias UOL	06/02/2023	101
Lula diz que Brasil continuará recebendo venezuelanos e que espera que país vizinho volte à ‘normalidade’	Portal G1	11/09/2024	5

Já na parte de produção dos eventos discursivos (os comentários enquanto materialidades linguísticas), investigamos categorias que desempenham os significados identificacional, representacional e acional no discurso.

Como explicado em seções acima, teceremos, por exemplo, uma investigação sobre o processo de escolha vocabular, pensando como essa decisão pode afetar o processo de representação desse sujeito refugiado, e mais, como essa representação pode costurar outros

discursos, evocando a determinadas ordens sociais que são legitimadas por determinadas instituições, valores ou mesmo eventos históricos.

Já o processo de distribuição e consumo dos textos podem ser “medidos pelos índices de reação oferecidos no ambiente da própria rede social devido às ferramentas do aplicativo. A possibilidade de compartilhamento potencializa a distribuição do texto” (Carmo, 2017, p. 295). Por isso, a partir das teorias de Gomes (2022) e Recuero (2014), investigamos por meio de uma análise qualitativa multissemiótica como essas práticas discursivas são validadas na rede social. Ou seja, avaliamos como ocorre a interação dos comentários (e também a aceitação e compartilhamento desses discursos), a partir das ferramentas de curtir e compartilhar (que servem para corroborar com o discurso proferido) e das reações sociodiscursivas transversais entre os próprios usuários.

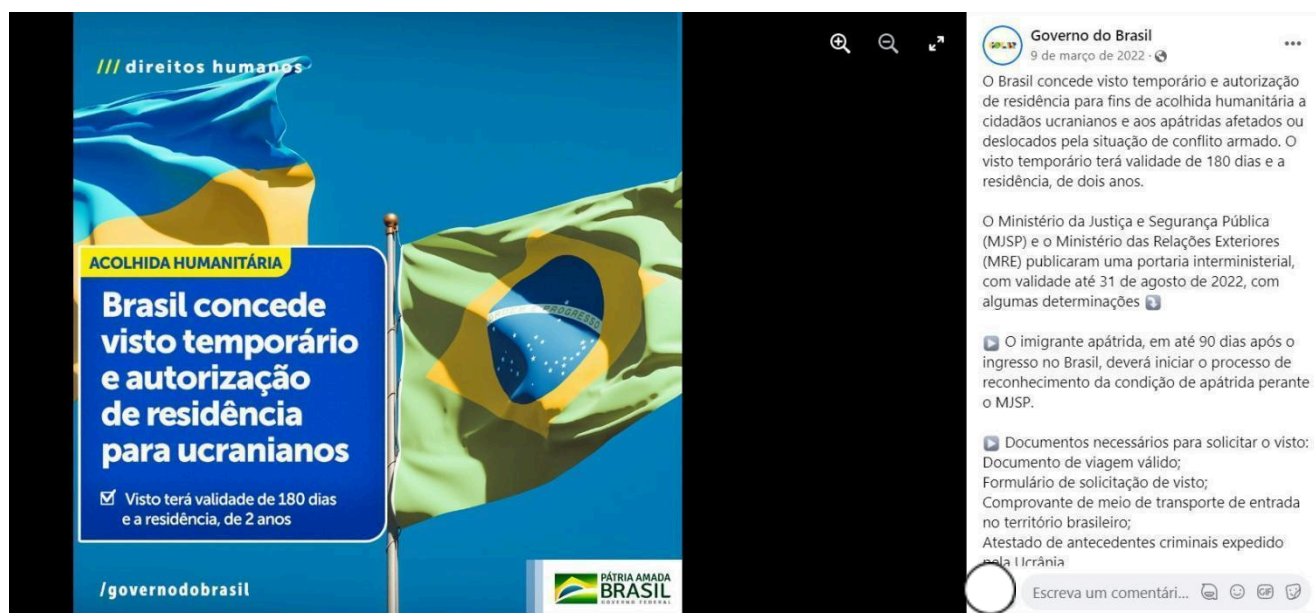
5. ANÁLISE LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA DOS COMENTÁRIOS A RESPEITO DA CHEGADA DE REFUGIADOS NO BRASIL

Neste capítulo buscamos analisar a reação de usuários brasileiros a respeito do anúncio de acolhida de refugiados no Brasil na rede social *Facebook* e em notícias que retratam o pronunciamento oficial dos representantes do país nos anos de 2022 a 2024. E, para garantir uma melhor visualização dos exemplos trazidos, marcamos os comentários da seguinte maneira: “FbU” para os comentários da rede social *Facebook* (Fb) sobre os refugiados ucranianos (U), e “FbA” para os comentários da postagem que trata sobre os refugiados afegãos (A).

5.1 Análise na rede social *Facebook*

No dia 09 de março de 2022, o Governo Federal anunciou em sua página oficial do *Facebook* a concessão de visto temporário para a acolhida de ucranianos apátridas, imigrantes ou refugiados deslocados em razão do conflito armado, conforme imagem:

Figura 06: Anúncio de concessão de vistos para ucranianos no ano de 2022, *Facebook*.



Fonte: Página oficial do Governo Brasil no *Facebook*. Último acesso em 10 abr. 2024.

De acordo com a última análise feita (no dia 10 de abril de 2024), a postagem conta com 342 curtidas, 35 “amei”, 5 reações de “haha” (que podem indicar que a postagem apresenta um traço cômico para o usuário) e 3 de “força”. Dispõe também de 34 comentários: destes, 30 são reações sociodiscursivas não-transacionais, enquanto 5 são reações transacionais atitudinais, e 66 compartilhamentos.

Já a postagem a seguir trata sobre a acolhida de refugiados afegãos no ano de 2021, quando esta população teve exílio em massa com o retorno do Talibã ao poder no ano de 2020; o que gerou o agravamento na situação de pobreza, conflitos armados e desrespeito aos direitos humanos no país. A imagem e o texto que anunciam a acolhida de refugiados afegãos receberam 476 reações, sendo 420 curtidas; 42 “amei”; 5 reações “haha”; 4 de “Grr” (o que compreendemos como algo que não foi apreciado pelo usuário, demonstrando raiva, talvez); 3 reações de “força”¹⁴ e 2 de “preocupação”. Houve também 57 compartilhamentos, e 61 comentários, sendo 37 de reações não-atitudinais; 17 reações transacionais atitudinais dos próprios usuários e outros 7 comentários (todos feitos a partir de *emojis*) da própria página do Governo Federal reagindo aos comentários dos usuários.

Figura 07: Anúncio de acolhida de refugiados afegãos no ano de 2021, *Facebook*.



Fonte: Página oficial do Governo Brasil no *Facebook*. Último acesso em 10 abr. 2024.

Destes números citados, temos como objeto de análise os comentários nomeados FbU1 até o FbU10 que se apresentam como reações frente à acolhida de refugiados

¹⁴ O nome dessas reações seguem a legenda que a própria empresa *Facebook* apresentou.

ucranianos no ano de 2022, enquanto os comentários de FbA1 até FbA10 dão resposta ao anúncio de acolhida de refugiados afegãos no ano de 2021.

Quadro 2 - Comentários na rede social *Facebook* que tratam sobre o visto para refugiados ucranianos (2022)

Comentários ¹⁵	Nº de reações
COMENTÁRIO FbU1: “Esse Brasil, é uma mãe acolhedor dos mais necessitados” (Facebook, 2023).	1
COMENTÁRIO FbU2: “Muito orgulho, vendo nosso Brasil acolhendo nossos irmãos, cumprindo sua bela e humanitária missão espiritual de”Pátria do Mundo e Coração do Evangelho”!!! 🇧🇷 🙏 😊 🌸 (Facebook, 2023)	5
COMENTÁRIO FbU3: TERÃO UM tratamento SEMELHANTE AO DOS NOSSOS assalariados: sede, fome, doenças. . . 🇧🇷 🇧🇷 🇧🇷	0
COMENTÁRIO FbU4: Governo do Brasil Parabéns	1

Os comentários Fb1 e Fb2, que tratam a respeito do visto para refugiados ucranianos, aparecem enquanto reações sociodiscursivas verbais não-transacionais, ou seja, buscam responder apenas à postagem da própria página. As reações desses comentários endossam uma posição de apreciação e admiração. No mesmo percurso, os tópicos que justificam e apoiam a boa ação do Governo são ligados ao sentimento maternal e cristão dos usuários, onde encontramos a palavra “Evangelho” e o enunciado “missão espiritual”. Os refugiados ucranianos são nomeados como “irmãos”, acolhendo a ideia de ajuda ao próximo como marca benevolente de um Estado, que apesar de se considerar laico, deve ser baseado no “bem cristão”. Assim, a ajuda fornecida aos refugiados não é interpretada como dever público, mas como um ato de benevolência. O Brasil também é representado como uma “mãe”, que serve como uma metáfora em que se constrói uma visão positiva a respeito da nação - como aquela mãe que acolhe os mais necessitados.

Nesse momento, o verbo “acolher” nos conota, para além de uma intertextualidade constitutiva do discurso cristão, à uma intertextualidade manifesta do discurso proferido em 2017 pelo Papa Francisco no “Dia Mundial do Migrante e do Refugiado”, o qual sugere às comunidades cristãs que tomem as ações de acolher; proteger; promover (a integração laboral

¹⁵ Todos os comentários foram redigidos conforme a escrita dos próprios autores.

dos imigrantes) e integrar. No mesmo caminho, a marcação “Pátria do Mundo, Coração do Evangelho” faz menção à obra de 1938 de Francisco Cândido Xavier.

Não diferente, as sequências semânticas que sucedem ao visto para ucranianos se ligam a práticas de irmandade, acolhimento e benevolência cristã - criando uma comparação implícita dos brasileiros e refugiados como uma grande família. Diferente dos segmentos que os demais comentários se inscrevem, aqui não há essa separação clara, uma vez que se colocam como uma grande família, sendo o Brasil uma mãe; enquanto nós brasileiros e ucranianos somos irmãos. Observamos ainda pelo comentário FbU3 (conforme exposto acima), que mesmo para criticar a posição do Governo, há essa tendência de aproximação do *eles* e do *nós*, quando tratado sobre os refugiados europeus.

Quadro 3 - Comentários na rede social *Facebook* que tratam sobre o visto para refugiados afegãos (2021)

Comentários	Nº de reações
COMENTÁRIO FbA1: Brasil de braços abertos as mulheres e crianças Afegãs. ❤️ (Facebook, 2023)	3 reações
COMENTÁRIO FbA2: Somos tds irmãos, sejam bem vindos!! (Facebook, 2023) Resposta ao comentário FbA2: (Página Oficial do Governo Federal):  (recebeu 1 reação de raiva).	1 reação
COMENTÁRIO FbA3: Brasil só acolhe bem estrangeiro os de casa dormem no frio da noite e passam fome. Sem cobertor e sem comida 🙏🙏🙏🙏	10
COMENTÁRIO FbA4: Já temos nossos próprios miseráveis. Deveríamos cuidar daqui primeiro. Nem um atendimento digno de saúde temos. Cada um que cuide da sua Pátria, para não terminar igual.	0
COMENTÁRIO FbA5: Aff... pq.... não ajuda os brasileiros que não tem nem onde morar. Estão aí nas ruas, jogados, sem teto, sem comida, sem dignidade. Fazer cortesia com nosso chapéu. O povo morrendo aqui e eles me vem com essa. Era só o que faltava. Ajuda os brasileiros primeiro. Cada um que cuide dos seus.	2

Fonte: página oficial do Governo do Brasil na rede social *Facebook* (2025)

Os comentários FbA1 e FbA2 se apresentam como reações sociodiscursivas de brasileiros frente à acolhida do Brasil para refugiados afegãos em 2022. É possível observar aqui que os aportes que sustentam a argumentação também são baseados em personificação (ou prosopopeia), que faz parte de uma categoria metafórica da linguagem e demonstra

características humanas a seres inanimados (como é o caso do país) e também no apelo cristão, de apontar a ajuda ao outro por se tratar de um “irmão”. Logo, podemos tecer uma certa regularidade nas práticas discursivas de que a lógica de acolhimento aos imigrantes muitas vezes é justificada pelo sentimento de solidariedade frente aos ensinamentos cristãos e familiares.

Tais comentários nos mostram que há uma certa estabilidade das práticas sociais religiosas em diferentes áreas da vida pública, com formações que se imbricam e mostram uma conexão entre governo, política e religião. É interessante pensar que essas correlações são comuns no cenário político brasileiro, onde as escolhas políticas são justificadas pela prática religiosa dos próprios líderes políticos, e que se mostram também demarcadas nos discursos civis. O discurso da irmandade é tomado como um operador argumentativo que se transforma também na ação de acolhimento e na representação daquilo que o refugiado precisa. E esse discurso cristão do acolhimento engendra então representações que rompem com a dualidade do *eu* e do *nós*, e os refugiados, vistos como irmãos, devem ser amparados pelo governo brasileiro.

Destarte, nesses comentários dispostos, temos que o discurso religioso tece uma nova representação social, que defere a novas práticas discursivas e sociais políticas. Isso é então abraçado por meio da reação simbólica que a própria página do Governo Federal tem para com o comentário FbA2; há aqui uma reação sociodiscursiva transacional endossada pelo símbolo da bandeira nacional e pelas palmas logo ao lado, evidenciando que o Estado apoia a ideia de que somos todos irmãos, por isso devemos ajudar o próximo. Confirmando novamente a prerrogativa de que o discurso político brasileiro tende a se ligar a um sistema simbólico¹⁶ religioso para fomentar as ações dos sujeitos em poder (Bourdieu, 1989, p. 11).

Já nos comentários FbA4 e FbA5, retirados da postagem que anuncia a oportunidade de refúgio para afegãos, vimos que a recusa para esse povo se justifica agora pela linha econômica. Depreende-se pelo comentário FbA4 que não deve ser mais papel do Governo fornecer auxílio para os refugiados, uma vez que há ainda brasileiros carecendo de amparo estatal. Observamos então que há aqui o pressuposto do refugiado como mais um “problema” a ser sanado pelo governo.

¹⁶ Pensando sistema simbólico em Bourdieu (1989) como uma estrutura de ideias e representações que aparecem como formas de conhecimento e que cumprem a função de legitimar, naturalizar e mesmo impor determinadas ações sociais. Assim, podemos pressupor que é característico da prática discursiva e social política contemporânea utilizar-se ainda do simbólico religioso (o cristão) para legitimar e naturalizar determinadas formações discursivas predispostas.

A oração “já temos nossos próprios miseráveis” (comentário FbA4) mostra duas pressuposições semânticas: a primeira, de que os refugiados podem ser enquadrados como miseráveis - termo do qual, segundo dicionário on-line Dicio, é aquele que é 1. pobre, paupérrimo e 2. como sem valor (Miserável, 2018). E nesse mesmo comentário encontramos também a pressuposição de que se o Brasil já dispõem de seus próprios miseráveis, não há espaço para mais, justificada então pela segunda oração “deveríamos cuidar daqui primeiro”. Há no comentário FbA4 uma investidura frente à representação negativa de refugiados, em um processo de representação de que aquele que busca refúgio, está em estado de miséria, necessitando de ajuda financeira. Aqui a categoria de presunção valorativa também nos importa, pois a partir desses enunciados depreendemos (mesmo de maneira implícita) que a presença do refugiado afegão é indesejada. Ou seja, o enunciado deixa subentendido/ presumido que o brasileiro se “identifica” como contrário à presença desse povo no país.

Esses comentários criam uma espacialidade não apresentada nos comentários ligados aos refugiados ucranianos, por exemplo. Como exemplo, tomemos o comentário FbU5 na postagem sobre acolhida de refugiados ucranianos; aqui, temos uma percepção diferente dos comentários FbU1 e FbU2 que pensavam a religião como prática fundamentadora de opiniões.

Quadro 4 - Comentários na rede social *Facebook* que tratam sobre o visto para refugiados ucranianos (2022)

Comentários	Nº de reações
COMENTÁRIO FbU5: TEMOS QUE SERMOS HUMILDES NESSE MOMENTO TÃO DIFÍCIL PARA TODOS: CORONAVÍRUS DEU UMA DESFALCADA NO TIME DO BRASIL; PRECISAMOS DE MÃO OBRA MAIS EM CONTA, SERÃO BEM VINDO NO BRASIL, MUITO BEM TRATADOS! PODERÃO FAZER UMA RESERVA UCRANIANA NA REGIÃO ONDE TEM COMÉRCIOS DESFALCADOS, LAVALORAS E INDÚSTRIAS, PARA RECOMEÇAS NESSAS REGIÕES, PRECISAMOS DE PESSOAS, REGIÃO RIO GRANDE DO SUL; PESSOAS PARA PLANTIO E COLHEITA ETC... SÃO PAULO INDÚSTRIAS PESSOAS PARA O COMÉRCIO PODEM TER RESERVAS PARA ESTAS DUAS REGIÕES. MUITAS MORTES, PERDAS REPENTINAS. VAI SER BOM PRA TODOS	2
COMENTÁRIO FbU6: Brasil é uma mãe kkk se fosse ao contrário	0
COMENTÁRIO FbU7: Não ajuda nem os brasileiros Vai ajuda + quemkkkk	2
COMENTÁRIO FbU8: Parabéns presidente, enquanto os cães ladram a caravana passa... 🍌🍌🍌🇧🇷🇧🇷🇧🇷	5
COMENTÁRIO FbU9: Avante Brasil!	1

#FechadoComBolsonaro  	
COMENTÁRIO FbU10: Imagine se fosse ao contrário seria tão fácil conseguir visto .	1

Fonte: página oficial do Governo do Brasil na rede social *Facebook* (2025)

As práticas interdiscursivas do comentário FbU5 nos levam para práticas sociais do trabalho, da economia (e até mesmo da questão de saúde pública), assim como fazem os comentários a respeito do refúgio afegão. No entanto, a prerrogativa muda, e a linha laboral e econômica justificam a necessidade de aceite aos refugiados ucranianos. Com diferença de apenas um ano, podemos observar que ambos os usuários investem as justificativas na questão monetária e ocupacional, mas podem fazê-las em caminhos diferentes, de acordo com a sua percepção de mundo.

Isto posto, temos que se representar é, no mesmo passo, se identificar, há aqui uma “anterioridade fundadora” que tende a reproduzir uma espacialidade do nós e do eles sob uma certa desumanização do refugiado afegão. O sujeito se posiciona como aquele que julga quem é passível de acolhimento e quem não. O usuário que comenta tem o poder ora de aproximar o migrante com o povo brasileiro e ora de afastá-lo, mas faz esse processo pendular, em algumas vezes, como aquele ser onisciente - que julga, mas não se enquadra.

Nesse momento, os significados identificacional e representacional mostram sua colocação dialética, em que o modo como significo a mim mesmo, também tem recorrência pelo modo como “enxergo” e represento o mundo e o outro em significado. Quais sejam, relembrando o processo de constituição do eu pela linguagem, a pesquisa parece mostrar que os comentários aqui analisados tendem a elevar uma prática do sujeito social que instaura uma identidade cultural para si, esboçando uma dualidade entre o ‘brasileiro-acolhedor’ e ‘estrangeiro-acolhido’.

Não obstante, apesar de não ser nosso foco, isso também recai no significado acional, pois o modo como o sujeito identifica a si e ao outro também terá “reação” no modo de agir no mundo pela linguagem.

Observamos, assim, que a representação do refugiado afegão, diferente do endossado nas práticas dos refugiados ucranianos, se liga diretamente a um “problema social” calcado principalmente na economia e no mercado de trabalho. E não diferente, essa prática discursiva de “preocupação” também se materializa em outras instâncias sociais. Mostrando-nos que o

discurso é um momento que constitui e “assinala” a ordem social, com pressupostos ideológicos de que há uma tensão na representação do refugiado de acordo com a sua origem.

Por fim, podemos colocar que os interstícios discursivos entre economia e religião estão ligados por uma rede de práticas sociais que tomam a igreja e o parlamento como instituições que têm o poder de subjugar aqueles corpos que podem ou não ocupar o espaço brasileiro. Assim, na pretensão do comentário FbA4, temos que os refugiados são miseráveis e o Brasil já possui os seus próprios: que são sempre os outros, distantes e colocados à margem do social.

Os enunciados aqui engajados mostram, a partir das escolhas lexicais proferidas, que as práticas discursivas que regem ante a representação do refugiado nos comentários analisados estão sob a égide de um ‘controle’ simbólico¹⁷ que tende a julgar o refugiado de acordo com sua nacionalidade. E que essas representações são ainda calcadas em processos histórico-sociais construídos midiaticamente de que o mundo ocidental capitalista é ‘bom’ e ‘desejável’ - o que nos pressupõe (em certa instância) que alguns corpos não merecem ocupar o espaço brasileiro. Enquanto esse mesmo espaço é fornecido ao imigrante ou refugiado europeu.

Como confirmação a esses apontamentos, vemos que de acordo com o relatório anual do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra, 2023, p. 44), na última década

os dados analisados mostram que as pessoas imigrantes mais marcadas racialmente, aquelas originárias de alguns países africanos e caribenhos, enfrentam diferentes estruturas de oportunidades sociais, notadamente no mercado de trabalho formal e qualificado, na renda média mensal, quando comparado com as pessoas imigrantes oriundas da Europa e da América do Norte. Os dados desvelam as configurações de desigualdades agudas e específicas, situadas nas atividades ocupacionais mais desvalorizadas na Nova Divisão Internacional do Trabalho.

Quadro 5 - Comentários na rede social *Facebook* que tratam sobre o visto para refugiados afegãos (2021)

Comentários	Nº de reações
COMENTÁRIO FbA6: A partir daí vem um terrorista	3
COMENTÁRIO FbA7: E assim terroristas entram no Brasil e se aliam aos terroristas do PT, PSOL e MST.	4
COMENTÁRIO FbA8: Eita Brasil . não cuida da sua pátria querida e amada e vai cuidar da pátria do outro . parabéns .e que venham mais e mais . socorro pro Brasil Affff	4

¹⁷ Conforme exposto por Van Dijk, 2003 apud Jaramillo, 2012 (ver página 56).

COMENTÁRIO FbA9: Nem os afegãos vão querer morar em um país que não cuida do seu povo	4
COMENTÁRIO FbA10: Que sejam bem recebidos!	4

Fonte: página oficial do Governo do Brasil na rede social *Facebook* (2025)

Os comentários FbA6 e FbA7, em resposta à informação de que o Brasil acolheu refugiados afegãos, elucidam uma intertextualidade constitutiva, um processo interdiscursivo do 11 de setembro. Que é, ainda hoje, uma muleta para “justificar” a recusa de cidadãos do Oriente Médio, por meio do qual os afegãos são alocados como terroristas. Essa ligação, que não é coincidência, retoma a acusação dos EUA de que o Afeganistão, quando governado pelo Talibã em 2001, apoiou o ataque às torres gêmeas e escondeu Osama Bin Laden na década passada. A partir dessa percepção coletiva conjectural que se costura a diferentes eventos sócio-históricos, encontramos ainda hoje diferentes reportagens que conectam a atual situação do Afeganistão com o ocorrido de 11 de setembro e a Osama.

No transitar da informação, o pedido de refúgio de cidadãos afegãos se liga então diretamente a uma suposição passada, envolvendo um dos países de maior potência na perspectiva, talvez, de justificar o fechamento das fronteiras para a população. Parece então que já está traçado no curso da história quais são os vilões e mocinhos da população global, e nesse entremeio de fatos históricos, a representação do outro é tomada e justificada por acontecimentos passados que já estão fixados no senso comum. Os comentários, mesmo que em dispersão, respeitam e repetem as representações estereotipadas previamente consolidadas: há então uma tendência a dualidades antigas que cerceiam o político, econômico e mesmo religioso.

Ademais, o comentário FbA8, como uma reação sociodiscursiva transacional de crítica, segue logo abaixo na página da rede social, concorda com o comentário anterior (número FbA7) na razão de o Brasil deve primeiro pensar nos cidadãos brasileiros e julga negativamente a conduta social por parte do Governo no aceite desses refugiados. Refletindo também sobre as ferramentas on-line que permitem a troca interativa, vemos que ambos os comentários receberam quatro “curtidas”, das quais evidenciam para nós que estas pessoas usam de tal ferramenta como “uma forma de legitimar e mesmo de agradecer a informação que está sendo compartilhada” (Recuero, 2014), essas reações mostram que outros usuários

concordam com o comentário postado e endossam sua tomada de posição frente à representação desse povo.

Observamos, por fim, que os comentários, sejam eles para apoiar ou não a entrada de refugiados, tendem a partir de um lugar que se apoia a um preceito europeu da diferença, em que

categorias inteiras da população são indexadas, depois submetidas a diversas formas de designação racial, que fazem do migrante (legal ou ilegal) a figura de uma categoria essencial da diferença, entendida como “cultural ou religiosa, além de linguística, e se pressupõe que esteja inscrita no próprio corpo do sujeito migrante, onde se dá a ver nos planos somáticos e até mesmo genético. (Mbembe, 2018 apud Resende; Agra, 2020).

Assim, à luz das interpretações psicológicas, Giddens (2001, p. 254) apresenta que as práticas racistas e discriminatórias são efeitos que emanam do pensamento estereotipado, onde os "indivíduos baseiam-se, por vezes, em estereótipos e descarregam seus antagonismos em "bodes expiatórios", onde pessoas são culpabilizadas por coisas de que não têm culpa". Acerca dessa posição, vemos que a representação estereotipada dos povos vindos do continente médio oriental reflete então na discriminação e no não aceite dessa população no país.

E como nos esclarece Pontes (2019, p. 265), “uma retórica xenofóbica, por exemplo, (re)produzida discursivamente em certas práticas sociais, situadas cultural e historicamente, pode resultar na exclusão de certos atores de determinadas práticas, inclusive privando-os do acesso à plena cidadania”. Essa reflexão teórica nos interessa particularmente quando é possível observar que o gênero “visto” passa a ecoar diferentes sentidos e ações: o visto é o exemplo sobre a faceta discursiva de uma prática social: esse gênero, em primeira instância linguístico-textual, formulado enquanto documento oficial impresso, carimbo ou assinatura, nos mostra que ele é material, mas se revela também como ação-interação. E quando na interação para com os outros elementos: como a ação de acolhida, o controle de entrada, tempo de permanência, a análise documental, a entrevista etc., se configura como uma prática social, mobilizado por civis como um operador-argumentativo.

5.2 Análise das postagens

Figura 07: Anúncio de acolhida de refugiados afegãos no ano de 2021, *Facebook*.



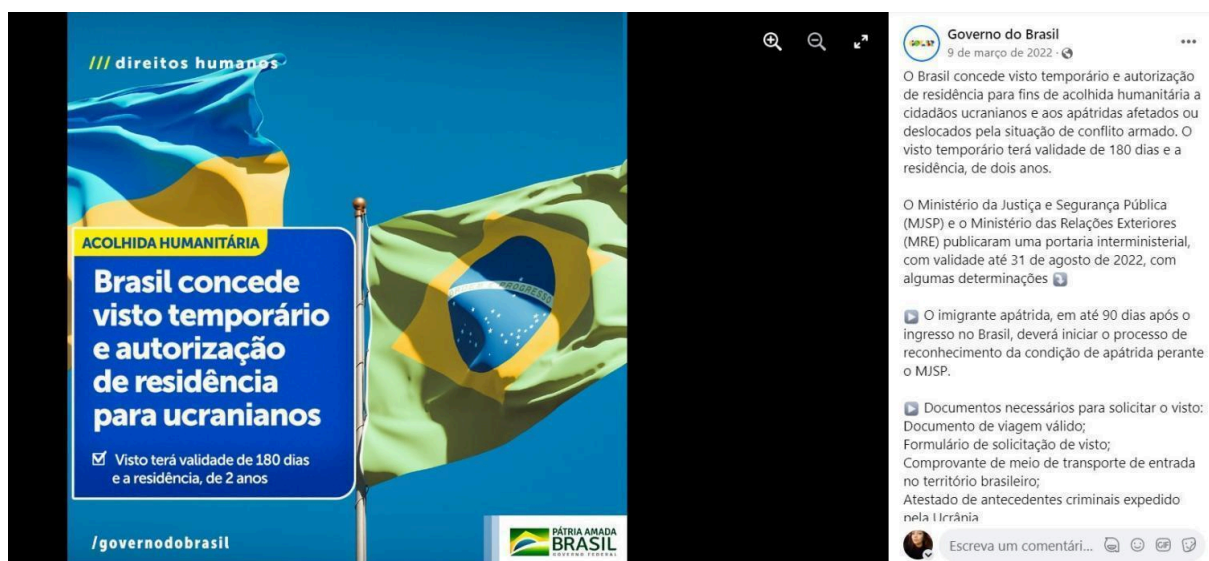
Fonte: Página oficial do Governo Brasil no *Facebook*. Último acesso em 10 abr. 2024.

Na figura de número 07, exposta acima, que trata sobre o acolhimento de refugiados afegãos e que dispõe de quatro participantes do sexo feminino, observamos que a imagem trabalha o Processo Analítico, que tende também para o lado interacional, uma vez que na disposição da imagem, “o sistema interacional do olhar domina: o olhar dos participantes representados dirige-se diretamente aos espectadores, e assim, estabelece uma relação imaginária com eles” Kress; van Leeuwen (2006, p. 89). O Governo Federal, ao escolher esta imagem, buscou criar uma demanda e uma conexão entre o observador e o participante representado. Conforme vimos na seção 4.1.2 (função interativa) com Kress; van Leeuwen (2006), os olhares das meninas fixados diretamente para a parte frontal da imagem e o ângulo vertical apontado pela câmera, geram uma proximidade para com quem as vê, como se ali fizessem um pedido de aproximação para com o observador.

A ausência de cores no fundo evidencia os atores e atributos presentes na imagem. Desse modo, os hijabs utilizados pelas mulheres parecem, no viés analítico da imagem, como atributos simbólicos que conferem a elas a identidade do povo afegão. Aqui há então um processo simbólico atributivo em que elementos da imagem dão ao portador a sua significação primeira; a identidade de refugiadas afegãs.

A figura 06 apresenta as bandeiras do Brasil e da Ucrânia hasteadas lado a lado à frente de um céu azul.

Figura 06: Anúncio de concessão de vistos para ucranianos no ano de 2022, *Facebook*.



Fonte: Página oficial do Governo Brasil no *Facebook*. Último acesso em 00 abr. 2024.

As cores vibrantes, alta saturação e qualidade de imagem criam uma alta modalidade e esboçam a ideia de “real”, de que essas bandeiras estão lado a lado e assim foi feita a captura da imagem. Além disso, há a disposição de um quadro com letras brancas com a mensagem “Brasil concede visto temporário e autorização de residência para ucranianos”, no canto esquerdo abaixo da imagem e o escrito “acolhida humanitária” com o fundo amarelo um pouco acima. Já na parte superior esquerda da imagem, vemos o escrito “direitos humanos”, que, junto das bandeiras, trazem o sentido do “dado”, o conhecido, uma vez que estes elementos se encontram à esquerda e no topo da imagem, enquanto que o texto anunciando o visto é apontado como “novo” e justificam os primeiros elementos dispostos.

5.3 Análise de comentários em notícias

5.3.1 Notícia veiculada no ano de 2022

As três notícias escolhidas, conforme apontamos em seções anteriores, foram selecionadas pela similaridade de seu conteúdo. Por desejar investigar como os usuários respondem ao anúncio de acolhida de refugiados nos últimos anos, selecionamos as três notícias por elas funcionarem como um espaço de “porta-voz” para apresentar a tomada de decisão dos governantes do Estado sobre a decisão de fornecer vistos para refugiados nos anos de 2022, 2023 e 2024, e mais, por disporem de um espaço aberto para que os usuários

fixem comentários em resposta ao texto noticiado e disporem de acesso gratuito para a leitura. Considerando que essas notícias passaram ainda pelo processo de transição de governos, em que a mais antiga está vinculada ao então presidente Jair Bolsonaro (2019-2022), e as veiculadas nos anos de 2023 e 2024 no governo Lula, precisamos investigar se há e quais são as diferenças entre as reações discursivas aqui analisadas que perpassam por divergências políticas e ideológicas.

O portal de notícias online UOL (Universo Online) é, segundo dados retirados do próprio site, o principal veículo digital no Brasil, com um alcance de 82% de brasileiros e média de cem milhões de visitantes mensais. Criado em 1996 como alternativa para veicular notícias on-line, a empresa UOL faz parte do Grupo Folha, um dos maiores conglomerados de informações impressas e on-line do país, como dos portais UOL de notícias, Folha de S. Paulo, Brasil Escola, entre outros.

Não diferente, o portal de notícias G1 se consolidou como um portal on-line da Rede Globo em 2006. Também por sua gratuidade no serviço e cobertura regional e nacional de notícias, esta plataforma é uma das mais acessadas por brasileiros, com uma média de 55 milhões de usuários por mês (ComScore). Além disso, uma pesquisa apontou que no ano de 2018, 8 em cada 10 brasileiros consumiram o conteúdo do Grupo Globo (Portal G1, 2018). Por isso, como plataformas gratuitas e de grande alcance territorial, consideramos que esse portal desempenha um papel crucial para a disseminação de notícias no país, podendo fornecer um importante espaço de investigação social frente às construções discursivas empenhadas no corpo da notícia e nos comentários veiculados de usuários brasileiros.

Dada as argumentações, expomos que a notícia veiculada no ano de 2022 pelo portal de notícias UOL, com o título “Bolsonaro diz que vai liberar entrada de ucranianos no Brasil”, dispõe de apenas dois comentários¹⁸, nomeados como “JoU1” por se tratar de comentários retirados do Jornal (Jo) que trata sobre refugiados ucranianos (U), e expressados enquanto reações sociodiscursivas não-transacionais engajadas de crítica:

Quadro 6 - Comentários no Jornal UOL que tratam sobre o visto para refugiados ucranianos (2023)

Comentários:	Nº de curtidas:
COMENTÁRIO JoU1: Ucrânia elegeu um palhaço que se transformou em um heroico soldado. No Brasil aconteceu o inverso...	0

¹⁸ Todos os comentários foram redigidos conforme escrito pelos próprios usuários.

O primeiro comentário, conforme podemos observar, traz uma comparação implícita entre dois presidentes. Esse tipo de recurso linguístico expõe um processo de pressuposição linguística de que o então presidente do Brasil era considerado um herói, mas se tornou um palhaço. Não é possível inferir a que situação ele fixa as suas falas, mas o processo de comparação metafórico com duas figuras caricatas (herói e palhaço) nos permite observar que há uma correlação entre virtudes que se pretendem para cada uma. A saber, o herói é “homem que se notabiliza por feitos guerreiros ou atos de grande coragem” (Michaelis Online, 2024), enquanto que o palhaço, nas diversas condescendências, pode ser aludido como um personagem que faz rir, que tem ações extravagantes ou mesmo como um sinônimo de bobo, de uma pessoa “que não é habitualmente levada a sério” (Priberam, 2024). Essas duas figuras servem então para a comparação dos representantes dos Estados, mas que sofrem, na fala do autor, uma mudança a partir do tempo. Ou seja, há uma mudança representacional e imagética sobre essas duas pessoas, e que, se antes, um era visto como uma figura virtuosa, passou a ser declarado de forma pejorativa.

Por sua vez, o segundo comentário traz a *hashtag*, símbolo comumente utilizado em redes sociais para levantar o engajamento nas redes e expor uma situação para mais pessoas. Mesmo que utilizada de modo estratégico para divulgar algo em meio à mídia, em pesquisa, observamos que essa expressão não foi encontrada em outros sítios on-line e foi, portanto, utilizada como um recurso semiótico para dar ênfase a fala do autor. Conforme nos explica (Costa-Moura, 2014, p. 150), mesmo com os seu propósito interativo e mesmo pessoal, a *hashtag* se tornou um instrumento também político durante protestos nas eleições iranianas entre os anos de 2009 e 2010 e que funcionam, desde então “como balizas para que os usuários encontre e sigam (se filiem à cadeia) ou articulem listas de contatos ou apoios públicos com outros usuários de interesses semelhantes”.

Esses comentários, conforme se pode observar, fazem crítica direta ao governo do presidente Jair Bolsonaro, tomando como suporte a prerrogativa de visto para refugiados ucranianos. O que se apresenta então não é uma crítica direta à decisão tomada pelo Governo, mas ao projeto político geral empregado durante o período de mandato, mas que é, conforme as reações sociodiscursivas analisadas, confirmado mais uma vez por sua tomada de decisão frente ao visto concedido.

5.3.2 Notícia do ano de 2023

A notícia veiculada também pelo portal UOL de notícias no ano de 2023, com o título “Brasil acumula fila inédita de pedidos de refúgio, diz Governo” representa o período de transição entre governos e é a que possui o maior número de comentários. Com um ano de diferença entre as duas publicações, esta notícia de 2023 possui 101 comentários, sendo 69 reações discursivas não-transacionais e 32 reações sociodiscursivas transacionais. Vale destacar ainda que alguns usuários engajaram mais de uma vez, ora com a publicação, ora com outros usuários, tecendo, assim, reações transacionais atitudinais.

Dado o alto número do *corpus*, recortamos 25 comentários (um quarto do total). Escolhemos aqueles que constavam com o maior número de curtidas, conforme quadro abaixo, uma vez que consideramos que por meio deste ato podemos inferir que o público leitor do jornal defende e apoia o ponto de vista explanado, como vimos com Recuero (2014).

Quadro 7 - Comentários no jornal UOL sobre visto para refugiados venezuelanos (2023)

COMENTÁRIO JoR1:	Nº de curtidas
nao somos muito melhores que isso, elegemos Dilma Rouseff duas vezes, votamos em lula denovo, não podemos atirar pedra na venezuela, estamos no mesmo caminho, em breve estaremos com inflação explodindo, rombos infindaveis no orçamento e vamos voltar a financiar obras em países falidos de terceiro mundo, somos uma phocarya também. amanhã nós mesmos que poderemos estar pedindo asilo na colombia ou algo assim, é o triste fim de todo país na esquerda, nunca muda, nunca dá certo.	13
Reações ao comentário JoR1:	
Reação 1: Bom dia, se vc acreditar nisto e todo trabalhar para isto, a probabilidade do que diz se tornar realidade aumenta.	0
Reação 2: Boa sorte, continue destilando o seu ódio, só um aviso o universo retorna tudo que recebe.	0
Reação 3 (resposta do autor que teceu o comentário XIII): não é questão de ódio, mas sim da pura realidade que estamos vivendo, quem plantou ódio nesses ultimos 4 anos foram justamente o STF, o PT, a imprensa e os Sindicados. Só não vê isso quem não quer, ou não compreende ou quem está ganhando com isso. Brasil rumo a falência institucional.	0

COMENTÁRIO JoR2:	Nº de curtidas:
Lula deve agora deportar os Venezuelanos para fortalecer o regime de seu pupilo Maduro e sua visão de democracia, pois jura que a Venezuela é uma democracia pelo fato de haver eleição. Com Cuba é a mesma coisa, o povo se manifesta por que é livre. Corrupto,	11

mentiroso contumaz, difamador, comunista travestido que usa a palavra democracia em vão para esconder seus atos nada democráticos. Uma equipe de governo com seus inúmeros processos por corrupção que somados se torna um assombro. Somente o ministro da justiça tem mais de 200 processos. Basta uma busca para confirmar sua dúvida. Ou seja, o cara nem se dá ao trabalho de esconder quem ele é. É como se batesse no peito e gritasse, eu sou isso mesmo! Vc me elegeu e sabia quem eu sou. Agora não reclama. Sinceramente não acredito que a maioria de nosso povo que o elegeu, se é que o elegeu, concorde com isso. Nos meteram a todos numa furada gigantesca.	
Reações ao comentário JoR2	
Reação 1: 200 processos?!?! Será que é porque ele é advogado nesses processos, mas claro que você olhou isso, né? Não quer passar vergonha achando que um advogado não deve ter o nome no processo, correto?	0
Reação 2: isso mesmo! Falou tudo!!	0

COMENTÁRIO JoR3:	Nº de curtidas:
Pronto, agora o governo não reconhece crise humanitária alguma na Venezuela, está reclamando do Bozo (novamente), por não ter agilizado o reconhecimento de refugiados, de um país que é uma democracia maravilhosa (segundo eles...) Mas que isso, eles irão reconhecer mais de 100 mil refugiados do que? Vai ver querem apenas apertar a mão do carniça, pedir p I c a n h a, fazer a letra e começar a passar fome e sede aqui no Brasil...	13
Reação 1: Perfeito!!	1

COMENTÁRIO JoR4:	Nº de curtidas:
Quanto o PT esta pagando pela sua assessoria de imprensa? kkkkkkk	14
Sem reações transacionais.	

COMENTÁRIO JoR5:	Nº de curtidas:
Faz a letra.	12
Reação 1: LLLLLLLLLLLLLL	2
Reação 2: Troféu Fazueli!	2

COMENTÁRIO JoR6:	Nº de curtidas:
Perderam completamente o senso do ridículo e da vergonha... Colocar na conta do Bolsonaro o número recorde de Venezuelanos que fogem do regime de governo que querem implantar aqui no Brasil.	16
Sem reações transacionais.	

COMENTÁRIO JoR7:	Nº de curtidas:
O GOVERNO VAI CONVENCÊ_-LOS A VOLTAR PARA O PA_RAISO.	10
Sem reações transacionais.	

COMENTÁRIO JoR8:	Nº de curtidas:
Aproveitem, logo nosso país vira uma Venezuela também!!!	10
Reação 1: E em curto espaço de tempo	0
Reação 2: De todos os países da America Latina o Brasil e o que tem menos de seus cidadãos, proporcionalmente, vivendo fora de suas fronteiras. Isso é emblemático, mostrando que a pobreza brasileira é meio diferente.	0

O comentário JoR8 segue o mesmo tópico nocional sobre a Venezuela, mas deixa marcas intertextuais explícitas com a frase “o nosso país vira uma Venezuela”. Em pesquisa, podemos observar que esse bordão foi fortemente utilizado entre os apoiadores da candidatura de Bolsonaro nas campanhas de 2018 e continuou a ter força nas eleições de 2022. Uma pesquisa feita por Chagas, Modesto e Magalhães (2018 apud Brasil de Fato, 2022), mostra que essa expressão foi corriqueiramente veiculada em grupos de WhatsApp pró-bolsonaristas em 2018: nos 150 grupos analisados, a pesquisa mostrou que a Venezuela era constantemente apontada como um “exemplo negativo”, na tentativa de causar temor à população.

Quadro 8 - Comentários no jornal UOL sobre visto para refugiados venezuelanos (2023)

COMENTÁRIO JoR9:	Nº de curtidas:
O Brasil não está nem dando conta dos seus, imagine de outros países.	10
Reação 1: Ideologia barata paga! Dessa forma a folha Uol vão poder salvar as Americanas.	0

COMENTÁRIO JoR10:	Nº de curtidas:
JAMIL, O SEU ATUAL PRESIDENTE ELEITO PELA URNA HONESTÍSSIMA, INCONTRÓPIVEL, DISSE “VENEZUELA E CUBA SÃO O EXEMPLO DE PAÍS DEMOCRÁTICO” SE ESSES PAÍSES SÃO ÓTIMOS (SEGUNDA O LULA E VOCE PORQUE ESTÃO VINDO PARA O BRASIL? me explica isso	10
Reação 1: Eleito não, proclamado	2
Reação 2 (do próprio autor à reação 1): PROCLAMAR UM PRESIDENTE CONDENADO, POR 28 JUIZES EM 3 INSTÂNCIAS, E EU CA GAN DO, É MER DA E FE	4

DE	
----	--

COMENTÁRIO JoR11:	Nº de curtidas:
Incrível a criatividade desse Jamil, problema do número de refugiados da Venezuela agora é de responsabilidade de Bolsonaro e não do regime Venezuelano. Um pouco demais até para os padrões petistas.	12
Sem reações transacionais.	

COMENTÁRIO JoR12:	Nº de curtidas:
Jamil parabéns, você é um ótimo porta voz do governo irmão da venezuela, falta apenas incentivar petistas a migrarem para aquele país já que é uma maravilha assim como diz o político mor de seu país... em breve até o BNDS e construtoras estarão passeando por lá; quanto ao calote hhahh deixa p/ lá são nossos irmãos mesmo o contribuinte do Brasil paga a fatura e não reclama, nunca reclamou!	9
Sem reações transacionais.	

Já o comentário JoR12, ao contrário dos analisados na rede social Facebook, traz a palavra “irmãos” como uma ironia. Aqui, em um processo de costura de sentidos, inferimos que o discurso de irmandade segue ao discurso cristão, mas é revogado ao sentido da crítica, em que a intertextualidade constitutiva é tomada para ser rejeitada (Fairclough, 2003, p. 218), expressada enquanto uma ironia às colocações anteriormente dispostas.

Quadro 9 - Comentários no jornal UOL sobre visto para refugiados venezuelanos (2023)

COMENTÁRIO JoR13:	Nº de curtidas:
As pessoas famintas e miseráveis fugindo do ditador Nicolas, o colunista quer colocar a culpa no Bolsonaro, É de fato o fim da picada. Colunista precisa ser mais internado urgentemente.	9
Reação 1: A crise não é culpa do Bozo, apenas ele se deixou se negligência no atendimento aos refugiado não só da Venezuela, pois tem Afegãos e pessoas do leste europeu e de outras ditaduras inclusive de direita e criou o problema ou melhor falta de administração no Brasil.	0

COMENTÁRIO JoR14:	Nº de curtidas:
É bem interessante esse governo do PT, não cuida do nosso povo, onde o desemprego esta em uma escalada constante e ainda trás refugiados e médicos de Cuba para o Brasil, quando é que este governo vai tomar conta do nosso país, infelizmente já estou me	9

decepcionando novamente, acreditei mais uma vez e até agora não há sinais que teremos um governo de austeridade, se o Lula tivesse mudado mesmo, nem falaria em reeleição e trataria os 4 anos como se fosse sua ultima chance de mostrar que é do povo. Vamos nos preocupar com o Brasil e não com os outros países, lá eles tem seus governantes.	
Reação 1: E você acreditou????	0

De modo geral, podemos observar que na ausência de *emojis*, o número elevado dos símbolos (?) e (!) são usados como recursos paralinguísticos pelos usuários para tecer maior ênfase à fala (como nas reações 1 e 2 do comentário JoR13) e expressar sentimentos como espanto, concórdia ou mesmo dúvida (reação 1 ao comentário JoR14). Já o uso das reticências (...) pode indicar que mais coisas poderiam ser faladas dentro daquele trecho, mas o autor optou por parar, demonstrar hesitações ou mesmo um sarcasmo pelo que foi dito, como no trecho do comentário JoR3 “Pronto, agora o governo não reconhece crise humanitária alguma na Venezuela, está reclamando do Bozo (novamente), por não ter agilizado o reconhecimento de refugiados, de um país que é uma democracia maravilhosa (segundo eles...)”.

Outros fatores empenhados pelos usuários foram o uso de letras maiúsculas para trazerem ênfase à mensagem postada e criar o “ritmo” de um suposto tom de fala; assim como as mudanças na grafia de algumas palavras que poderiam ser bloqueadas pelo site. Conforme podemos observar, há escritas diferentes como *phorcarya* (porcaria) ou palavras separadas, como em *ca gan do* (cagando), *mer da* (merda). Essas são formas de levantar adjetivos pejorativos, sem que o comentário seja excluído pelo algoritmo do jornal.

De modo geral, tem-se que os comentários com maior nível de engajamento trazem discursos políticos para o tema da imigração e são calcados em reações sociodiscursivas de crítica quanto ao posicionamento político dos governos do Brasil e da Venezuela, assim como do colunista que assina a matéria. Ao longo do texto, o autor pontua que a maior parte dos pedidos de refúgio são de venezuelanos, mas completa que há também outras nacionalidades, como as de haitianos e afegãos. E assim, mesmo que a chamada da matéria não apresente que esses pedidos de refúgio vieram todos da população Venezuelana, o tópico mais tratado é sobre a política deste país, seu representante, e as falas, ações e possíveis práticas de corrupção do governo Lula. Aqui, diferente do que vimos nas redes sociais, a preocupação se centra, principalmente, na visão geral dos países retratados, dissuadindo possíveis causas para o exílio de venezuelanos, e tecendo uma comparação entre as políticas de governo dos dois países.

O tema de acolhimento dos refugiados é pouco discutido. A exemplo, não há indícios das palavras “visto” ou “acolhimento”, em controvérsia, podemos calcular que as palavras “Lula” ou outras expressões que remetem a seu governo, como “PT”, “Dilma” e “petistas” aparecem 10 (dez) vezes. Conforme explanamos, os usuários utilizam de costuras intertextuais para trazer ênfase à crítica feita pelo Governo atual e tecem uma transposição de discursos, em que o discurso de acolhimento passa a ser discursos políticos-partidários. Além do mais, os comentários JoR6, JoR11 e JoR13 trazem questionamentos não ao governo anterior, sobre a falta de profissionais e políticas públicas para acompanhar os pedidos de visto da população, mas sim ao redator da notícia, como se ele e o atual governo estivessem colocando a culpa em Bolsonaro. Aqui, o jogo das palavras não coloca em xeque a situação dos imigrantes e a possibilidade de acolhimento, mas sim em como a atual gestão brasileira se pronuncia e tece acordos internacionais. Em um mundo cada vez mais conectado, porém desumanizado, compreendemos o porquê da eleição do atual presidente dos Estados Unidos e a pouca manifestação contrária aos atos que ferem os Direitos Humanos com a deportação de imigrantes e refugiados. Os comentários esboçam preocupações quanto ao cenário econômico e supostamente ideológico-partidário (por considerarem que os governos do Brasil e da Venezuela são de esquerda), mas não tecem críticas ou apoio no acolhimento dos refugiados (chamada principal da matéria analisada). Isto posto, nas tessituras das ordens discursivas, podemos inferir que aqui, a prática de internacionalização e acolhimento a imigrantes e refugiados é renegada a segundo plano, dando espaço para uma disputa político-partidária sobre quem dispõe de maior razão.

5.3.3 Notícia do ano de 2024

A última notícia, veiculada em 2024, pelo portal de notícias G1, traz a manchete “Lula diz que Brasil continuará recebendo venezuelanos e que espera que país vizinho volte à 'normalidade'”. Esta, diferente da anterior, apresenta no título o pedido e aceite de acolhimento de venezuelanos no Brasil e conta com cinco reações sociodiscursivas não-transacionais, conforme tabela:

Quadro 10 - Comentários no jornal G1 sobre visto para refugiados venezuelanos (2024)

Comentário:	Nº de curtidas:
-------------	-----------------

COMENTÁRIO JoV11: Lula perde essas eleições anotem aí, Bolsonaro volta infelizmente.. Lula está se queimando por causa de aliança política.	0
COMENTÁRIO JoV2: Vergonhoso, escancara que o plano é e sempre foi apoiar o amigo Maduro.	0
COMENTÁRIO JoV3: Voltar a normalidade?? O que seria isso? Ditadura oficializada e assunto encerrado não é sr lula ?	2
COMENTÁRIO JoV4: Infelizmente o Brasil vai pagar o preço do governo não achar que a Venezuela é uma ditadura, a grand Belém tá cheia de mendigos venezuelanos nos semáforos, não há estrutura nenhuma p receber esse povo, seja em Roraima ou em qualquer cidade Brasileira, nossos problemas já são grandes. Lamentável.	3
COMENTÁRIO JoV5: O presidente da Venezuela colocando os brasileiros para correr e o Brasil recebendo imigrantes da Venezuela, Êêêiiitaaaa Brasil !!!!!!!	4

Em conformidade com a notícia analisada acima, mesmo que em anos e portais distintos, os comentários carregam, mais uma vez, uma reação frente a um suposto projeto político do governo Lula. Aqui, novamente, as pessoas apontam o aceite aos imigrantes e refugiados venezuelanos como uma escolha do governo, e não como um direito mundial constituído em lei pelo tratado dos Direitos Humanos. E as reações sociodiscursivas de crítica dispostas nesta notícia, que tratam a respeito do passado político-partidário da Venezuela, usam os presidentes e acontecimentos passados como justificativa para o não aceite da população no Brasil.

Os nódulos “Lula”, “Bolsonaro” e “Maduro” evidenciam então a disputa política partidária e renegam mais uma vez a situação da população que busca acolhimento no país. Além disso, como vimos no processo de estereotipização em Giddens (2001), a população venezuelana é marcada por estigmas sociais que remetem à pobreza ou a “problema” social, conforme exposto no comentário JoV4 com as expressões “mendigos venezuelanos” e “nossos problemas já são grandes”, em que uma carrega um adjetivo direto à condição dessa população, enquanto a outra traz a inferência de que eles seriam mais um problema para o Governo.

Nas tessituras discursivo-sociais a que nos atentamos, devemos observar também que a palavra “ditadura” apareceu duas vezes nos comentários JoV3 e JoV4, remetendo, mais uma vez, a práticas políticas intertextuais que se reverberam há anos, desde a morte do presidente Hugo Chávez e das reeleições e disputas de poder durante os governos de Nicolás Maduro (2013 a 2025). As diversas disputas político-ideológicas entre a Venezuela com países como os Estados Unidos engajam uma contrariedade ao governo por décadas e levantam tópicos

discursivos como os aqui apresentados. Não diferente, os acordos continuados entre Brasil e Venezuela esboçam para a mídia nacional e internacional uma possível aliança entre os países, formando pressuposições de que o presidente Lula apoia as medidas tomadas pelo Governo venezuelano, aumentando então as práticas contrárias e a tentativa de temor por parte de adversários políticos.

5.3.4 Análise das imagens

Figura 8: imagem disposta na notícia “Lula diz que Brasil continuará recebendo venezuelanos e que espera que país vizinho volte à ‘normalidade’”.

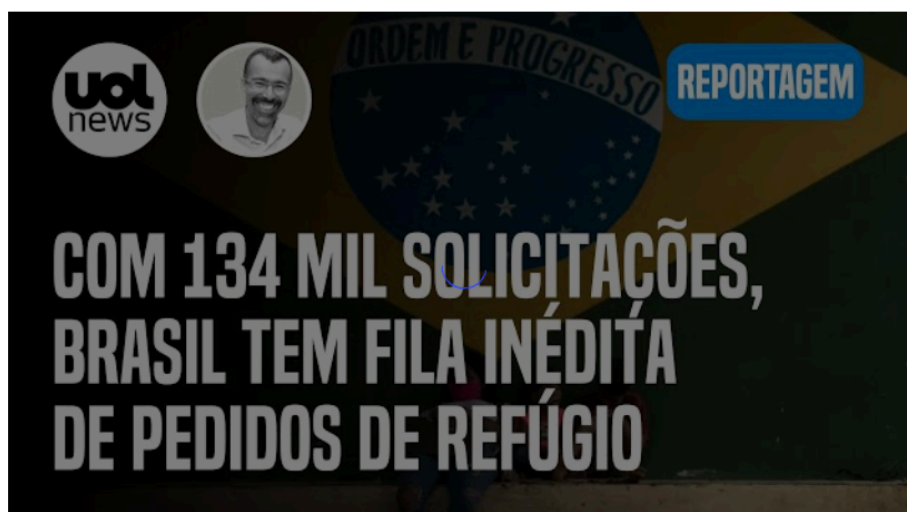


Fonte: Portal G1 de notícias, 11 set. 2024.

A imagem escolhida pelo editorial G1 apresenta o presidente Luiz Inácio por meio do Processo Reacional com os braços abertos, sem que apareçam as mãos, com um microfone em frente e a boca levemente aberta, demonstrando que estava em um momento de discurso. Os braços abertos e estendidos também indicam uma ação, voltada diretamente ao telespectador. A legenda abaixo da foto descrita como “Presidente Luiz Inácio Lula da Silva participa de entrevista à rádio” situa o leitor ao fato de que essa imagem foi retratada durante uma entrevista à rádio. Não diferente, como comum na função interativa, a direção de seu olhar direto para a câmara que o registra que o participante (o presidente) interage também com o leitor-observador, chamando-o para a conversa, o leve arquivamento das sobrancelhas também demonstram preocupação no discurso proferido e a ausência de cores e planos de fundo criam ênfase para a figura pública e sua relação direta para com o leitor. Aqui, é preciso compreender que a imagem escolhida para a matéria indica que o redator optou por apresentar

o representante do estado como “porta-voz” da notícia e os braços arqueados horizontalmente demonstram uma ação expressiva do participante, como se este estivesse performando diretamente para o leitor.

Figura 9: Capa do vídeo presente na notícia “Brasil acumula fila inédita de pedido de refúgios, diz Governo”.



Fonte: Portal UOL Notícias, 06 fev. 2023.

A imagem acima foi escolhida para compor a capa da notícia “Brasil acumula fila inédita para pedidos de refúgio, diz Governo” e possui uma composição escura no plano de fundo, deixando evidenciados o texto da matéria e a bandeira do Brasil com as palavras “Ordem e Progresso”. Ao fundo da imagem, centralizado logo atrás do texto, podemos observar vagamente a presença de três crianças, conforme mostra a figura abaixo. Mas que foi apagada, trazendo destaque para os números que registram os pedidos de refúgio no país em letras garrafais e brancas. Nessa matéria, o foco e o “dado” incidem sobre a bandeira do Brasil e as imagens do jornal, enquanto que o título parece como “novo” e as crianças quase não são vistas ao fundo, devido à baixa saturação presente na imagem, o que nos evidencia o processo de polarização semiótica que permite dar ênfase e tornar mais ou menos real alguns elementos. Neste caso, o escurecimento da imagem ao fundo visa focar a bandeira, trazendo-a como elemento real da notícia, enquanto que os participantes são “apagados”.

Figura 10: Imagem escolhida para o compor o plano de fundo da matéria “Brasil acumula fila inédita de pedido de refúgios, diz Governo”.



Fonte: Portal UOL de notícias, 04 jul. 2023.

Em pesquisa, encontramos que essa fotografia (figura 10) foi registrada por Bruno Kelly. A imagem foi retirada de longe, trazendo foco para a pintura da bandeira do Brasil, em que os participantes não interagem com o leitor-observador, a direção dos olhares dos participantes mostram que estes interagem com outros elementos, mas não com o observador. Além disso, a posição da mulher à esquerda da imagem um pouco deitada pode representar uma ação de “descanso”, inferindo um processo metafórico de que esses imigrantes puderam encontrar descanso no Brasil, ou talvez, no desânimo, frente ao olhar e corpo caídos da mulher.

Por fim, a capa escolhida pelo portal para representar a matéria sobre entrada de ucranianos é uma imagem composta com aproximadamente oito pessoas carregando sacolas, mochilas e malas, representando o processo de mudança, que são os atributos que os caracterizam como imigrantes ou refugiados.

Figura 11: Capa do vídeo da notícia “Bolsonaro diz que vai liberar entrada de ucranianos no Brasil”



Fonte: Portal UOL de notícias, 28 fev. 2022.

A maioria dos participantes pratica ações e não interage com o leitor-observador, cada um parece olhar para um local e interagir com objetos ou situações distintas. Apenas a criança de rosa que olha para a câmera, mas não indica ações gestuais para com o espectador. Além disso, o excesso de pessoas e atributos dispostos na imagem não indicam um foco central para chamar a atenção, sendo assim, podemos inferir que os atributos (mochilas e malas) evidenciam o processo de refúgio destas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises discursivo-textuais desempenhadas, observamos que os sujeitos utilizam de materialidades constitutivas e manifestas passadas tanto para justificar seu posicionamento favorável frente à acolhida dos refugiados, quanto para justificar o porquê da recusa e das representações dispostas sobre a imagem desse outro. Os comentários se consolidam, em sua maioria, enquanto reações sociodiscursivas não-transacionais, já que o usuário reage à postagem sobre a acolhida de refugiados, mas nem sempre interage com os demais.

Na disposição teórica de Gomes (2022), depreendeu-se que as reações sociodiscursivas são, em sua maioria, reações sociodiscursivas de crítica, uma vez que julgam negativamente as condutas sociais do governo brasileiro, calcados em discursos que permeiam a linha econômica e social do Brasil; mas há também reações sociodiscursivas de condenação, quando se julga moralmente comportamentos e condutas dos refugiados e tecem estigmas sociais para representá-los enquanto “problemas” sociais que serão de responsabilidade do país; e reações sociodiscursivas de aprovação, quando elogia positivamente os comportamentos e condutas sociais do governo para o acolhimento dos refugiados, essas, conforme exposto em análise, apoiadas por discursos religiosos de acolhimento.

Observamos também que na rede social *Facebook* os sujeitos utilizaram das ferramentas de “curtir” ou de *emojis* para reafirmar o dito do outro ou questionar o posicionamento feito. Sendo assim, podemos expor que, na misturas semióticas que acontecem no meio tecnológico, as ferramentas multimodais (tanto as opções que se sucedem do botão “curtir”, quanto os *emojis*), muita das vezes, também cumprem o seu papel de reação sociodiscursiva frente ao tópico levantado, já que por meio delas é possível também participar de uma conversa. No mesmo caminho, as ferramentas de compartilhar servem como uma oportunidade para o compartilhamento e distribuição dos discursos ali dispostos, assim como

uma forma também de legitimação, de “agradecimento” ao conteúdo (conforme mostrou a pesquisa de Recuero, 2014).

Já nos comentários dos jornais, os usuários utilizam, principalmente, do texto escrito ou de caracteres para compor uma imagem, criar ênfase à fala e outras emoções, como no uso de vários pontos de exclamação ou interrogação. Além disso, por ser uma plataforma monitorada para que os comentários não tenham palavrões ou conteúdos que vão contra os regimentos, os usuários utilizam de estratégias como o uso de espaço ou troca de letras, para que algumas palavras não sejam detectadas e o seu comentário apagado. Assim, observamos uma crescente nas ferramentas multimodais nos comentários dispostos na internet, o que justifica uma análise que contemple o texto verbal e não-verbal.

Na tomada da palavra, os comentários apresentam justificativas que cerceiam práticas políticos-partidários, religiosos, geográficos, sociais e/ ou culturais, e tecem a partir deles uma aproximação ou distanciamento para com os refugiados. Demonstrando que o espaço de interação do comentário se consolida como um local por onde representações, identidades e ações são firmadas por meio do discurso. Não diferente, nas tensões discursivas aqui despontadas, observamos que o usuário brasileiro se apresenta como aquele que reafirma uma voz outra que descende de práticas que buscam uma segurança nacional ou de práticas que pensam a solidariedade para com o próximo, pautadas em discursos que cerceiam os discursos econômicos, laborais e cristãos.

As práticas aqui desempenhadas não são, portanto, definidas *a priori* como evidências ou lugares estabilizados, mas como regiões de confronto. As quais permitiram observar que as construções da imagem do refugiado se misturam a discursos e questões ideológicas outras; a uma rede enunciativa e uma rede de práticas políticas, religiosas e mercadológicas.

E por essa razão, frente aos posicionamentos individuais desse sujeito, pensando a análise por um viés mais social do discurso, observamos que há uma recorrência a um passado histórico que rege sempre as relações de oposição do *eu* e do *outro*. Seja pelas tessituras interdiscursivas e intertextuais; pela construção metafórica da realidade e mesmo pela representação social do refugiado, parece que há fronteiras discursivas que elucidam práticas sociais mitigadas pelos ensinamentos cristãos; por práticas de guerra e por lutas territoriais.

E esse processo de investigação científica do comentário em seu sentido de enunciado que evoca a um passado, confirma para nós as teorias de Bakhtin (1997) e de Foucault (1996)

de que apesar dessas ressignificações de eventos discursivos e dos sentidos, a representação discursivo-coletiva sempre volta com um passado, que busca ancorar o sentido e prevalecer uma determinada representação e ação frente ao sujeito que migra.

Por fim, dispomos que os comentários, enquanto reações sociodiscursivas de sujeitos, e mesmo como enunciados que se inscrevem a determinadas práticas sócio-históricas, se apresentam, portanto, como um espaço legítimo da disputa ideológica, pelos quais o sujeito reproduz ou contesta determinadas crenças para construir a representação do outro, ao mesmo que constrói/ consolida discursivamente a sua identidade e as suas ações frente ao objeto disposto. E mais, esses espaços de promoção, contestação ou reprodução de determinadas práticas discursivas esclarecem uma mistura de determinadas práticas locais, junto a práticas ditas globais - marca característica da pós-modernidade, conforme nos mostrou Giddens (1991).

A crença, por exemplo, de práticas terroristas vindas de cidadãos do Oriente Médio nasceu nos países do norte global, mas está agora inculcada nas práticas discursivas dos brasileiros. Não diferente, o Brasil, mesmo na busca política-humanitária frente a acolhida de cidadãos refugiados, se assemelha aos países europeus, com certas atitudes fronteiriças ou mesmo por meio de discursos que buscam “justificar” o porquê de guardas nacionais nas fronteiras do país: predispostos em “razão” de uma segurança nacional. E assim, as materialidades linguístico-discursivas dos usuários brasileiros se confundem com outras já dispostas em jornais norte-americanos e europeus frente a decisões de políticos e opiniões públicas sobre imigrantes e refugiados.

Por fim, podemos colocar que as práticas sociais encontram no discurso o seu lugar de assentamento; é por meio dele que as leis que buscam uma “segurança” nacional encontram o apoio para práticas excludentes e mesmo xenofóbicas, mas é por meio dele também que o sujeito pode contestar as práticas sociais que nela se ancoram - mesmo que o faça de maneira inconsciente. Pensemos, por exemplo, nos comentários FbU2 e FbA2, que mesmo em uma minoria numérica, se aliaram ao discurso cristão para consolidar uma identidade solidária com o próximo, mostrar seu contentamento para com a prática de acolhida e se aproximar do refugiado afegão.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Número de deslocados e refugiados deve chegar a 140 milhões de pessoas em 2025**. Brasília, 04 fev. 2025. Facebook: agenciabrasil. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1029306342566871&set=a.340737498090429>>. Acesso em: 10 mai. 2025.

ALMEIDA, M.; PINHEIRO, D.; FERREIRA, R.; LEMOS DE SOUZA, J.; GONÇALVES, Carlos Alexandre. (orgs.). **Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica**. Rio de Janeiro: Publit, 2010.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos do Estado**. Tradução: Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa, Portugal: Editorial Presença, 1980 [1970].

ASSUNÇÃO, A. Discurso e Política: Interpelação e produção de sentido sob as ordens do discurso. In.: GOMES, M.; MELO, M.; CATALDI, C. **Práticas discursivas: construindo identidades na diversidade**. Viçosa - MG: Editora Arca, 2009. p. 09-22.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOLSONARO diz que vai liberar entrada de ucranianos no Brasil. **UOL Notícias**, São Paulo, 28 fev. 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/02/28/bolsonaro-diz-que-vai-liberar-entrada-de-ucranianos-no-brasil.htm>>. Acesso em: 05 mai. 2025.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

BRASIL, Lei N° 13.445, 24 de maio de 2017. Dispõe sobre os direitos e os deveres do imigrante e do visitante, regula a sua entrada e estada no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante. DF: Diário Oficial da União, 2017. Acesso em: 29 mar. 2024.

BRASIL reconhece mais de 3 mil refugiados em 2021. **Ministério da Justiça e Segurança Pública**, 21 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/brasil-reconhece-mais-de-3-mil-refugiados-e-m-2021>>. Acesso em: 05 mai. 2025.

CARMO, C. M. **Português como língua estrangeira: habilidades orais, conhecimentos linguísticos, multiletramento e a importância da educação para a diversidade**. 1ed. Curitiba: CRV Editora, 2020.

CARMO, C. M. Notas sobre o papel da identidade na análise crítica do discurso. In: SANTOS, S. P.; MENEZES, W. A. (Org.). **Discurso, identidade, memória**. 1ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015. p. 45-58. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/325794358>>. Acesso em: 25 mar. 2024.

CARMO, C. M.. Sobre (multi)letramento: para uma leitura crítica de mundo contra o ódio e a discriminação. In: Sousa, R. E. S. (Org.). **Linguagem como instrumento para (re)(d)(escre)(ver) o mundo**: gêneros textuais/discursivos e processos semióticos multimodais. 1ed. Rio de Janeiro: Mares Editores, 2017, v. 1, p. 278-304. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/324501931_Sobre_multiletramento_para_uma_leitura_critica_de_mundo_contra_o_odio_e_a_discriminacao>. Acesso em: 10 abr. 2024.

CALVI, P. Direitos Humanos para imigrantes e refugiados no Brasil. Brasília: **Câmara dos Deputados**, 05 nov. 2018. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/direitos-humanos-para-imigrantes-e-refugiados-no-brasil>>. Acesso em: 05 mai. 2025.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. **Relatório Anual 2021 – 2011-2020**: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, S. L. Relatório Anual OBMigra 2023 - **OBMigra 10 anos**: Pesquisa, Dados e Contribuições para Políticas - Resumo Executivo. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2023.

CHADE, J. Brasil acumula fila inédita de pedidos de refúgio, revela Governo. **UOL Notícias**, São Paulo, 06 fev. 2023. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/02/06/brasil-acumula-fila-inedita-de-pedidos-de-refugiados-diz-governo.htm>>. Acesso em: 05 mai. 2025.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CONHEÇA ONGs que apoiam migrantes e refugiados no Brasil e aceitam voluntários. **MigraMundo**, São Paulo. 29 ago. 2019. Disponível em: <<https://migramundo.com/conheca-ongs-que-apoiam-migrantes-e-refugiados-no-brasil-e-aceitam-voluntarios/>>. Acesso em: 05 mai. 2025.

CONVENÇÃO Relativa ao Estatuto de Refugiados, 28 julho de 1951. Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf>. Acesso em 07 fev. 2024.

CORREIA, J.C. Ideologia e Hegemonia. In.: ALBINO, A.; RUBIM, C. (org.). **Comunicação e Política**: conceitos e abordagens. São Paulo: Editora UFBA, 2004, p. 224-258.

COSTA, L.; SOUZA, J.; BARROS, L. Um histórico da política migratória brasileira a partir de seus marcos legais (1808-2019). **Revista GeoPantanal**, nº 27, dez. 2019, p. 167-184.

Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/9733>>. Acesso em: 29 mar. 2024.

COSTA-MOURA, F. Proliferação das #hashtags: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos. **Revista Ágora** (Rio de Janeiro), Vol. XVII, ago. 2014, 141-158. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000300012>>. Acesso em: 05 mai. 2025.

CNN Brasil. México e EUA fazem acordo para deportar imigrantes: CNN novo dia. **YouTube**, 25 set. 2023. 43 segundos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mbGTilJva5A>>. Acesso em: 05 mai. 2025.

DUFOUR, D. **A arte de reduzir as cabeças**: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Tradução: Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005, 216 p.

DREYFUS, H. & RABINOW, P. (1985) **Michel Foucault, uma Trajetória Filosófica**: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1995.

EM cinco anos, Brasil recebeu mais de 700 mil imigrantes venezuelanos. **Brasil**, 31 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/em-cinco-anos-brasil-recebeu-mais-de-700-mil-imigrantes-venezuelanos>>. Acesso em: 14 fev. 2024.

ESTADOS Unidos suspendem por 6 meses sanções ao petróleo, gás e ouro na Venezuela. **Jornal Nacional**, 19 out. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/10/19/estados-unidos-suspendem-por-seis-meses-sancoes-ao-petroleo-gas-e-ouro-da-venezuela.ghtml>>. Acesso em: 14 fev. 2024.

ESTANISLAU, L. ‘Brasil vai virar a Venezuela’: o que está por trás do bordão da direita que segue vivo em 2022. **Brasil de Fato**, Caracas, 19 set. 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/09/19/brasil-vai-virar-a-venezuela-o-que-esta-por-tras-do-bordao-da-direita-que-segue-vivo-em-2022/>>. Acesso em: 05 mai. 2025.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse**: Textual analysis for social research. 1 ed. London: Routledge, 2003.

_____. **Discurso e Mudança Social**. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016 [1992].

FAIRCLOUGH, N.; MELO, I. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. **Linha D’Água**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 307–329, 2012. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47728>. Acesso em: 13 maio. 2025.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996 [1971].

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____. **Sociologia**. 4º ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

GEE, J. **An introduction to discourse analysis: theory and method**. 2 ed. London: Routledge, 2005.

GOMES, M. Estudo das reações sociodiscursivas verbais em ambientes de interação virtual, p. 17-50. In.: RESENDE, V.; ARAÚJO, C.; REGIS, J. (Org.). **Discurso, política e direitos: por uma análise de discurso comprometida**. Brasília: Editora UnB, 2022.

GOMES, M. Violência, intolerância e corpo feminino: analisando as reações discursivas na mídia em torno da prática de amamentação. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 18, 2 ed. p. 175-194, 2017.

GOMES, M.; CARVALHO, A. “Não podem ser negras e gordas”: analisando a violência verbal em reações sociodiscursivas produzidas por leitores/as em contextos jornalísticos digitais brasileiros. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 1667-1695, 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/16720>>. Acesso em: 10 fev. 2025.

GOVERNO DO BRASIL. **Brasil concede visto temporário e autorização de residência para ucranianos**. Brasília, 9 mar. 2022. Facebook: governodobrasil. Disponível em: <<https://www.facebook.com/governodobrasil/photos/pb.100069037245941.-2207520000./3128223074098839/?type=3>>. Acesso em: 10 mai. 2025.

GOVERNO DO BRASIL. **Brasil vai conceder visto e autorização de residência para refugiados do Afeganistão**. Brasília, 8 set. 2021. Facebook: governodobrasil. Disponível em: <<https://www.facebook.com/governodobrasil/photos/pb.100069037245941.-2207520000./2995199530734528/?type=3>>. Acesso em: 10 mai. 2025.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio De Janeiro: Dp&A, 1999.

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. 3 ed. London: Hodder Headline Group, 2004.

IRINEU, L. A ADC e seus exercícios analíticos: uma introdução. In.: IRINEU, L. (Org.). **Análise de discurso crítica: exercícios analíticos**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022, p. 17-20.

IRINEU, L. M.; SOUSA, M. M. F. DE; GARANTIZADO JÚNIOR, J. O. DA S. **Discurso do professor e problematização da prática docente: argumentação, interdiscurso e representação**. Cadernos de Letras da UFF, v. 28, n. 57, p. 273-297, 26 dez. 2018.

JARAMILLO, J. Representaciones sociales, practicas sociales, y ordenes de discurso. Una aproximación conceptual a partir del Análisis Crítico del Discurso. **Entramado**, v. 08, n. 02, 2012, p. 124-136.

JUNGER DA SILVA, G.; CAVALCANTI, L.; LEMOS SILVA, S.; TONHATI, T.; LIMA COSTA, L.. **Observatório das Migrações Internacionais**; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento das Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2023.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 2 ed. Londres: Routledge, 2006.

LEAL, B. Antoine Destutt de Tracy: o “pai” do termo ideologia. **Café História**, 2018. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/o-pai-do-termo-ideologia/>>. Acesso em: 01 dez. 2023.

MACEDO, L. Missão de Paz no Haiti: 9 momentos para entender a história da operação liderada pelo Brasil. **Portal de Notícias G1**, São Paulo, 30 ago. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/missao-de-paz-no-haiti-9-momentos-para-entender-a-historia-da-operacao-liderada-pelo-brasil.ghtml>>. Acesso em: 02 fev. 2024.

MANTOO, S. “Refugiados” ou “Migrantes”? Como as escolhas de palavras afetam direitos e vidas. **ACNUR Brasil**, Genebra, 20 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2023/12/20/refugiados-ou-migrantes-como-as-escolhas-de-palavras-afetam-direitos-e-vidas/>>. Acesso em: 07 fev. 2024.

MARCUSCHI, L. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

MAZUI, G. Lula diz que Brasil continuará recebendo venezuelanos e que espera que país vizinho volte à ‘normalidade’. **Portal G1**, Brasília, 11 set. 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/09/11/lula-diz-que-brasil-continuara-recebendo-venezuelanos-e-que-espera-que-pais-vizinho-volte-a-normalidade.ghtml>>. Acesso em: 05 mai. 2025.

MISERÁVEL. *In.*: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/miseravel/>>. Acesso em: 21 nov. 2023.

MUNDO registrou cerca de 281 milhões de migrantes internacionais no ano passado. **ONU News**, 01 dez. 2021. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2021/12/1772272#:~:text=As%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas%20lan%C3%A7aram%2C%20esta,%2C6%20%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20global>>. Acesso em: 02 fev. 2024.

NOVELLINO, M. **Fotografias em livro didático de inglês como língua estrangeira: análise de suas funções e significados**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Letras, 2007.

ONZE anos depois, a Síria continua sendo a maior crise de deslocamento forçado no mundo. **ACNUR Brasil**, 15 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2022/03/15/onze-anos-depois-a-siria-continua-sendo-a-maior-crise-de-deslocamento-forcado-do-mundo/>>. Acesso em: 14 fev. 2024.

PONTES, H. Discurso, imigração e identidade na mídia online. In.: RIBEIRO, J.; BRÍCIO, V.; FERNÁNDEZ, M. (Orgs.). **Identidades**: sujeitos e espaços outros. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019, p. 261-278.

RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 114-124.

RESENDE, F.; AGRA, F. Refúgio e colonização do futuro: fronteiras erguidas nas palavras. **Comunicação e Sociedade**, v. 38, 2020, p. 161-178. Disponível em: <[https://doi.org/10.17231/comsoc.38\(2020\).2599](https://doi.org/10.17231/comsoc.38(2020).2599)>. Acesso em 10 jan. 2024.

RESENDE, V. M.; RAMALHO V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SANT'ANA, P. **Migração e refúgio**: convergências e contradições entre as políticas implementadas pelo Brasil no século XXI. Brasília: FUNAG, 2022.

SIEBOLD, S.; CHALMERS, J. União Europeia diz esperar mais de 7 milhões de ucranianos deslocados. **CNN Brasil**, São Paulo. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/uniao-europeia-diz-esperar-mais-de-7-milhoes-d-e-ucranianos-deslocados/>> . Acesso em: 05 mai. 2025.

SIQUEIRA, V. Foucault: o poder. **Colunas Tortas**, 2023. Disponível em: <<https://colunastortas.com.br/foucault-poder/>>. Acesso em: 30 nov. 2023.

THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social na era dos meios de comunicação de massa. 9 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

UM recomeço para os refugiados Sírios no Brasil. **ACNUR Brasil**, 28 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2016/03/28/um-recomeco-para-os-refugiados-sirios-no-brasil/>>. Acesso em: 14 fev. 2024.

VELASCO C.; MANTOVANI, F. Em 10 anos, número de imigrantes aumenta 160% no Brasil, diz PF. **Portal de Notícias G1**, São Paulo, 25 jul. 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>>. Acesso em: 02 fev. 2024.

WELLE, D. Cinco pontos para entender melhor a crise na Bolívia. **Carta Capital**, 11 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/mundo/cinco-pontos-para-entender-melhor-a-crise-na-bolivia/>>. Acesso em: 03 fev. 2024.